



© ENSINO DA GEOGRAFIA PERMEANDO

TERRITORIALIDADES JUVENIS PELA MÚSICA

Karen da Silva Soares



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
LINHA DE PESQUISA DE ENSINO DA GEOGRAFIA

O ENSINO DA GEOGRAFIA PERMEANDO
TERRITORIALIDADES JUVENIS PELA MÚSICA

Karen da Silva Soares

Porto Alegre – Primavera de 2018

KAREN DA SILVA SOARES

O ENSINO DA GEOGRAFIA PERMEANDO
TERRITORIALIDADES JUVENIS PELA MÚSICA

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Linha de Pesquisa de Ensino da Geografia, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Ivaine Maria Tonini

Porto Alegre – Primavera de 2018

KAREN DA SILVA SOARES

O ENSINO DA GEOGRAFIA PERMEANDO
TERRITORIALIDADES JUVENIS PELA MÚSICA

Aprovada em 26 / 09 / 2018

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Ivaine Maria Tonini – UFRGS– Presidente da Banca

Prof. Dr. Antonio Carlos Castrogiovanni – UFRGS

Profa. Dra. Elisabeth Maria Garbin – UFRGS

Profa. Dra. Ana Cláudia Giordani – UFF

Porto Alegre – Primavera de 2018

CIP - Catalogação na Publicação

Soares, Karen da Silva
O Ensino da Geografia permeando Territorialidades
Juvenis pela Música / Karen da Silva Soares. -- 2018.
128 f.
Orientadora: Ivaine Maria Tonini.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências,
Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre,
BR-RS, 2018.

1. Práticas Pedagógicas. 2. Territorialidades. 3.
Música. 4. Representações. I. Tonini, Ivaine Maria,
orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Ivaine Maria Tonini

Por ser Inspiração, Sabedoria, Referência. Aquela que possibilita aos docentes da Educação Básica Pública a aventura de trilhar percursos investigativos que permitam o reinventar Geografias na prática cotidiana.

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Pela oportunidade ímpar de ampliar horizontes metodológicos. Em especial ao qualificado corpo docente da Linha de Pesquisa em Ensino:

Antônio Carlos Castrogiovanni e Roselane Zordan Costella

Por semear a paixão pela Geografia durante todo meu percurso acadêmico, desde a graduação na PUC/RS.

Ligia Beatriz Goulart e Nestor André Kaercher

Por instigar o refletir sobre as práticas docentes significantes.

Ao Prof. Dr. Nelson Rêgo

Pelo livre diálogo oportunizando o olhar sobre a diversidade presente entre geógrafos.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Pelo aprofundamento teórico proporcionado. Em especial aos grandes mestres da Linha de Pesquisa dos Estudos Culturais em Educação.

À Profa. Dra. Elisabeth Maria Garbin

Pela imensa contribuição teórica de seus escritos sobre juventudes e música, bem como a qualificação desse trabalho.

Ao grupo de orientandos da Profa. Dra. Ivaine Maria Tonini

Por me acolherem, pelas discussões, inspirações, amizade, companheirismo e compreensão do constante estar em processo de aprendizagem.

À comunidade que compõe a Escola Estadual de Ensino Médio Nísia Floresta
Pelos instigadores e reflexivos momentos de prática docente decorridos nessa última
década, os quais propiciaram os percursos investigativos dessa pesquisa.

A meus pais Onofre Soares e Alda da Silva (*in memoriam*)

Gratidão eterna pelos ensinamentos, valores éticos-morais, exemplo e por ensinar-me a
riqueza do amor.

A meu amor Marcelo Nunes da Silva

Pelo companheirismo e compreensão acerca da necessidade de abdicar de muitos
momentos juntos em razão desses escritos. Amor verdadeiro.

A meu filho Willian Soares

Por compreender as razões para os muitos momentos em que estivemos distantes. És
minha maior fonte de inspiração, orgulho e perseverança.

É o uso que fazemos de uma pilha de tijolos com argamassa que faz disso uma “casa”; e o que sentimos, pensamos ou dizemos a respeito dela é o que faz dessa “casa” um “lar”.

(HALL, 2016, p.20)

RESUMO

Esta pesquisa tem como foco analisar as territorialidades juvenis e suas representações pelo viés da música, para propor possibilidades no desenvolvimento de práticas pedagógicas nas aulas de Geografia. Assim, a música como artefato cultural da juventude foi analisada para compreender as interpelações dessa forma de expressão na constituição dos sujeitos jovens, estudantes no primeiro ano do Ensino Médio, na Escola Nísia Floresta da rede pública estadual no município de Viamão, no Rio Grande do Sul. Trilhar esse percurso investigativo justifica-se pela necessidade de aproximação entre as práticas escolares e os jovens estudantes, os quais têm suas identidades cada vez mais fluidas no sólido espaço escolar, constituído na Modernidade, sendo importantes práticas escolares que produzam novos e diferentes olhares ao que está posto. A pesquisa centra-se na articulação teórica entre os Estudos Culturais e a Geografia, com base nos conceitos de: cultura, representação, identidade juvenil, territorialidades. Caracteriza-se por uma análise cultural de cunho etnográfico que se utiliza das ferramentas da bricolagem pela possibilidade de entrecimento no decorrer do percurso investigativo. A análise está direcionada para entender como esses jovens são interpelados pela música em seu cotidiano na periferia e suas formas de manifestação da musicalidade para mediar análises espaciais contextuais que possam estabelecer pertencimentos territoriais. Dentre os resultados, destaca-se a potência em possibilitar práticas pedagógicas em que jovens estudantes tornem-se autores com autonomia criativa, elaborando proposições sobre um tema que conhecem: seu lugar; pois vivenciam seu território, onde atuam como sujeitos ativos e muitas vezes passivos nas transformações que modificam essas paisagens, num espaço fluido pelo qual a Geografia pode (re) significar olhares.

Palavras-chave: Geografia. Práticas pedagógicas. Música. Territorialidades.

ABSTRACT

This research goals to analyze the juvenile territorialities and their representations by the music bias, to propose possibilities in the development of pedagogical practices in the classes of Geography. Thereby, music as a cultural artifact of youth was analyzed to understand the interpellations of this form of expression in the constitution of the young students subjects in the first year of High School, in the Nísia Floresta School of the State Public Network in the municipality of Viamão, Rio Grande do Sul state. This research path is justified by the need to bring school practices closer to young students, who have their identities increasingly fluid in the solid school space, constituted in Modernity, being important school practices that produce new and different views to the which is set. The research focuses on the theoretical articulation between Cultural Studies and Geography, based on the concepts of: culture, representation, youth identity and territorialities. It is characterized by a cultural analysis of an ethnographic character that uses DIY (do-it-yourself) tools for the possibility of interweaving during the course of the research. The analysis is directed to understand how these young people are interpellated by the music in their daily life in the periphery and their forms of manifestation of the musicality to mediate contextual spatial readings that can establish territorial belongings. Among the results, emphasizes the power to make pedagogical practices where young students become authors with creative autonomy, elaborating propositions about a theme they know: their place; because they live in their territory, where they act as active and often passive subjects in the transformations that modify these landscapes, in a fluid space through which Geography can (re) meaning looks.

Keywords: Geography. Pedagogical practices. Music. Territorialities.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	– Caminho etnográfico.....	57
FIGURA 2	– Entretecer da pesquisa.....	59
FIGURA 3	– Juventude e Globalização.....	66
FIGURA 4	– Orientação.....	88
FIGURA 5	– Vila Elsa e arredores.....	88
FIGURA 6	– Vila Elsa e sua malha urbana.....	89
FIGURA 7	– Cruzamentos.....	89
FIGURA 8	– Mapa do Rio Grande do Sul com destaque para a sub- bacia do rio Gravataí.....	90
FIGURA 9	– Mapa da Região Metropolitana de Porto Alegre com destaque para as áreas urbanizadas.....	91
FIGURA 10	- Representações culturais gaúchas 1.....	96
FIGURA 11	- Nascer do Sol 1	96
FIGURA 12	- Representações culturais gaúchas 2	97
FIGURA 13	- Nascer do Sol 2.....	97
FIGURA 14	- Identidade Futebolística.....	100
FIGURA 15	- Nosso lugar	101
FIGURA 16	- Territorialidade	102
FIGURA 17	- Urbano 1	103
FIGURA 18	- Urbano 2	103
FIGURA 19	- Degradação 1.....	104
FIGURA 20	- Degradação 2.....	104
FIGURA 21	- Medo.....	105
FIGURA 22	- Fossa séptica com nível acima do solo.	105
FIGURA 23	- Fluxo de esgoto à céu aberto.....	106
FIGURA 24	- Degradação 3.....	106

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	Preferências musicais	72
GRÁFICO 2	Sentimentos que envolvem ouvir música	72
GRÁFICO 3	Mídias de interpelação	81
GRÁFICO 4	Lugares de escuta	83

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	– Primeiro ponto da tessitura: interpelações juvenis.....	69
QUADRO 2	– Segundo ponto da tessitura: territorializando musicalmente	80
QUADRO 3	– Terceiro ponto da tessitura: o tecer nas mídias	84
QUADRO 4	– Problemas e possíveis soluções	94

SUMÁRIO

1. NO RITMO DA GEOGRAFIA	25
2. COMPONDO ENTRE PEDAGOGIAS, JUVENTUDES E GEOGRAFIA.....	33
2.1 Melodias teóricas.....	34
2.2 O som do território.....	38
2.3 Timbres juvenis.....	41
3. PERMEANDO OS TRÂNSITOS MUSICAIS JUVENIS.....	51
3.1 O Entretecer das Linguagens e Territorialidades.....	53
3.2 Costura musical.....	56
4. GEOGRAFANDO CULTURA E REPRESENTAÇÃO	64
4.1 Entretecer Territorialidades e Música	68
4.2 Compondo territorialidades: o estudo de campo para produção musical.....	86
4.2.1 Pesquisa de campo com antigos moradores da Vila Elsa	92
4.2.2 Paisagens como textos musicais	95
4.3 Vila Elsa: território em música	107
5. PROPOSIÇÕES NÃO TÃO FINAIS.....	116
REFERÊNCIAS.....	121
APÊNDICES.....	125
ANEXOS	127



1. NO RITMO DA GEOGRAFIA

Todos os dias quando acordo
Não tenho mais o tempo que passou
Mas tenho muito tempo
Temos todo o tempo do mundo
[...]
Não tenho medo do escuro
Mas deixe as luzes acesas agora
O que foi escondido é o que se escondeu
E o que foi prometido, ninguém prometeu

Nem foi tempo perdido
Somos tão jovens
tão jovens, tão jovens...

*Tempo Perdido*¹

A epígrafe da música da banda *Legião Urbana* revela o foco do olhar na juventude, uma fase da vida da qual guardo algumas das melhores emoções vividas, lembranças que são rememoradas muitas vezes ao escutar músicas desse tempo ou outras de outros tempos que refletem ou descrevem histórias de vida e sentimentos semelhantes aos que vivenciei. A sensação de ter *todo tempo do mundo* e simultaneamente não ter mais *o tempo que passou* são sentimentos presentes na juventude que expressam representações culturais, visões de mundo, inquietações. Como professora, me inquieto com o olhar dos jovens sobre o mundo, quero conhecer suas subjetivações, para saber quem são os sujeitos que interpelo pelo diálogo geográfico para utilizar linguagens significativas e contribuir de algum modo na leitura espacial que produzem em seu cotidiano.

Esse pensamento me conduz a observação e análise dos modos de ser jovem nas periferias do século XXI. Percebo o quanto esse artefato cultural que é a música ainda é identitário para a juventude, como me foi, produzindo modos de ser e estar no mundo, talvez diferentes dos que produzi, na década de 90, mas que ainda subjetiva os jovens no tempo atual.

Observando os jovens da periferia urbana da região Metropolitana de Porto Alegre, percebi o quanto a música, por ser uma expressão da linguagem, pode ser constitutiva desses sujeitos, produzindo representações culturais, como, por exemplo, identificar-se com o *rap*² por expressar contestações acerca do modo de vida no espaço

¹ *Tempo Perdido* – música da banda Legião Urbana. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br>>. Acesso em 29 jan. 2017.

² *Rap* - abreviação de *rhythm and poetry* - ritmo e poesia.

urbano, suas mazelas e territorialidades. Na minha juventude, as composições de *rock* de bandas como Legião Urbana cumpriram esse papel representacional, meus alunos ainda se identificam com esses textos, embora sendo a banda de origem diferente da maioria dos artistas do *rap*, a linguagem expressa inquietações espaciais também, como a música *Que país é esse?*

No transcorrer dessas últimas décadas, outras formas de acesso a essas narrativas musicais começaram a fazer parte da vida da juventude. O avanço dos meios de comunicação, e o acesso a novas tecnologias comunicacionais passaram a integrar a vida de um número maior de pessoas. Os jovens, nativos digitais, apropriam-se desse artefato de diferentes formas, além daquelas de minha juventude, cujo rádio era o meio mais massivo. Naquela época, os meios não eram tão fluidos e efêmeros, talvez não na mesma velocidade de hoje e nem com a diversidade e disponibilidade atuais, antes vinil, agora por meio da fibra ótica, *Internet*, *You Tube*, *Spotify*, entre outros. Porém, com essa pesquisa constatei que, entre meus jovens alunos, esse movimento não constitui uma realidade, nesse caso, a interpelação musical se dá primeiramente pelo rádio. Apesar de vivenciarem esse mundo das redes, o rádio ainda é o veículo de comunicação ainda é mais acessível, por apresentar menor custo financeiro que uma mensalidade de conexões de dados.

No mundo globalizado, fluem, pelos veículos de comunicação, imagens, formas estéticas, modos de ser, de estar e de ser jovem num tempo onde o consumo de muitas formas elabora modelos. Essa contextualização me interpela como professora que quer entender seu público para mediar conhecimento.

Investigar a possibilidade de compreender como a música opera na constituição das territorialidades de jovens estudantes do Ensino Médio é significativo para mim pela identidade que estabeleço com esse artefato cultural ao longo da vida. Como percebo em meus jovens estudantes, talvez não tenhamos as mesmas preferências, mas a intensidade é semelhante. Nessa direção, meus modos de ser e estar no mundo estão intrinsecamente ligados a essa pesquisa acadêmica. O percurso dessa investigação circula pela identidade musical dos participantes da pesquisa/pesquisadora e o ensino-aprendizagem da Geografia. Para essa elaboração teórica, trago inicialmente minha trajetória como professora para mostrar como constituí minha identidade como pesquisadora e as inquietações que surgiram no decorrer desses nove anos de magistério.

As primeiras notas dessa composição que trago para os leitores compreenderem como venho compondo a música da vida até aqui se referem ao meu lugar, o meio social

do qual sou originária, a periferia urbana de Porto Alegre, filha de um ferroviário e de uma dona de casa. Eis a primeira estrofe de minha vida, minha origem me conduz a compartilhar alguns dos discursos da periferia, (re) significados na academia. Na trajetória da (re) significação dos sentidos, cursei a graduação em Geografia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), que simultaneamente foi acompanhada pela bateria, ao fundo. O som era o do trabalho no setor administrativo de uma indústria, onde tive a oportunidade de adquirir conhecimentos administrativos, que considero importantes em minha docência como a organização relacionada ao planejamento e avaliação das práticas de sala de aula. Foi durante essa experiência profissional que percebi o quanto me realizava estar com diferentes públicos, no contato com diferentes colaboradores, clientes e fornecedores, pessoas de diferentes saberes. Após muito refletir, constato que a escola era o meu lugar, pois queria estar cercada de pessoas com as quais pudesse compartilhar saberes. O gostar de gente pode ter contribuído na memória que preservo de meus alunos, apesar de lecionar para diversos níveis: anos finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos, reconheço os alunos e as realidades socioespaciais que vivenciam o que muitas vezes contribui para desenvolver uma linguagem mais próxima de sua compreensão de mundo.

Ou ainda mudar o plano da aula devido a questões imediatas do cotidiano dos alunos que na escola é preciso discutir, trazendo a sensibilidade ao ambiente escolar, elementos da docência que pretendo aprimorar com essa pesquisa.

No ritmo da composição, ainda na graduação, estagiei no Departamento Municipal de Água e Esgotos do Município de Porto Alegre (DMAE) nessa vivência experienciei estar diante de diferentes grupos durante a apresentação de palestras em empresas, oficinas nas escolas municipais, apresentação do teatro de bonecos para grandes públicos em eventos municipais e visitas orientadas nas Estações de Tratamento de Água e Esgoto de Porto Alegre. Em outro turno, estagiava como professora auxiliar de Geografia em uma escola privada no município de Alvorada. No último ano da graduação, fui contratada emergencialmente pelo Governo do Estado e iniciei minha docência no lugar que me interpela até hoje, diariamente, a Escola Estadual Nísia Floresta, no município de Viamão, onde transitam os jovens, participantes dessa pesquisa.

Os acordes, de cada uma das escolas, nas quais vivencio minha docência têm características que lhe são peculiares e ao mesmo tempo gerais, ambientes nos quais ensino-aprendo-aprendo cotidianamente. Independente do público ou privado, classe,

gênero ou etnia, poder contribuir de alguma forma com o desenvolvimento humano é o que faz a beleza da docência. Apesar do sucateamento da escola pública e da efemeridade das relações humanas, tanto na escola pública quanto na privada, há a necessidade de outro olhar, sobre esse recorte da sociedade, onde conhecer o sujeito da aprendizagem é fundamental para promover construção de conhecimento. Se fôssemos médicos, estudaríamos formas de salvar vidas por meio da medicina, como professores, precisamos estudar formas que possibilitem um aprender reflexivo para a melhoria das condições de vida de maneira mais ampla e igualitária, embora a igualdade plena seja utopia, as desigualdades podem ser reduzidas por meio de uma leitura crítica de mundo, respeitando a diversidade cultural nele contida.

Uma das estrofes mais marcante dessa composição e que foi sendo construída cotidianamente na docência está no sentido contido no objeto de estudo da Geografia, o Espaço Geográfico, que me ajudou a compreender a importância dessa disciplina no desenvolvimento humano. Quando no primeiro semestre do curso universitário, estudamos a Epistemologia da Geografia, foi possível conhecer o desenvolvimento do pensamento geográfico ao longo do processo histórico da sociedade, percebi então que o conhecimento geográfico é muito mais amplo do que apenas conhecer os elementos naturais da Terra. Geografia é entender que as relações que a sociedade estabelece com o território que ocupa, modifica-o em forma e significado. Essa Geografia não foi a que estudei na escola, onde a prática da memorização de dados era privilegiada. Intenciono, com minha prática, provocar uma mudança nessa forma de conduzir o conhecimento geográfico que ainda hoje é praticada, ao trazer as práticas culturais de meus alunos e a música para a sala de aula, com a intenção de criar espaços de vivência compartilhada por significados que produzam sentidos geográficos.

Ao contemplar essa estrofe, fui invadida pela vontade de elaborar continuamente metodologias para ensinar Geografia. Na graduação signifiquei muitos saberes, mas o trabalho pedagógico na escola produz inquietações cotidianamente. Na busca de produzir sonoridade à composição, iniciei a Especialização do *Ensino da Geografia e da História – saberes e fazeres na contemporaneidade* (EGH), na UFRGS, quando pude desenvolver uma pesquisa-ação com meus alunos da Escola Municipal Paulo Freire de Alvorada, em que leciono desde que conclui a graduação. Desenvolvemos uma leitura orientada por meio de um trabalho de campo na cidade de Alvorada, onde foi feito um estudo sobre a constituição do espaço urbano do município. Foi possível percebermos a importância da

Geografia na apropriação do território pelas pessoas que nele transitam. Incluo-me no processo de ensino-aprendizagem da pesquisa por ter vivenciado a experiência com os alunos e, ao concluir o estudo, estar diferente do que era pelo conhecimento adquirido durante e após esse estudo e as reflexões inerentes a ele.

Na harmonia da Geografia problematizada nessa experiência, entendi a importância da relação estreita entre a academia e a escola, pois os questionamentos do cotidiano prático do professor de educação básica eram compartilhados e discutidos num diverso grupo de licenciados interpelados por mestres e doutores da academia. Constatada a importância da conexão academia-escola, ingressei na formação continuada e, durante o Programa de Educação Continuada (PEC) na mesma universidade, fui apresentada por minha pretensa orientadora na pós-graduação, Ivaine Tonini, aos Estudos Culturais em Educação, um campo teórico no qual é possível agregar à Geografia Cultural um alargamento de referenciais do conhecimento, contribuindo para que investiguemos formas de abordar a Geografia mais próxima da vivência dos alunos, produzindo significado, construindo representações, ao conhecer os outros elementos da cultura que os interpelam.

A identidade musical desses jovens é percebida na sala de aula, que, mesmo com legislações vigentes acerca da proibição do uso de aparelhos celulares e com o acesso restrito à internet nesses locais, utilizam constantemente seus telefones celulares para ouvir músicas, demonstrando que esse artefato cultural é significativo em seu cotidiano. Mas que músicas ouvem? Quais representações culturais são construídas com ou por meio dessa prática cotidiana? A sociedade globalizada consumista, estética e da imagem chega por esse meio aos nossos alunos? De quais formas? O entendimento desse processo pode contribuir para um discurso pedagógico mais direcionado que possibilite a compreensão de mundo de nossos alunos jovens? Para que a Geografia possa ser apreendida no cotidiano a que pertencem os sujeitos jovens submersos na cultura contemporânea, precisamos entender e construir os signos que partilham, para significar a linguagem geográfica. É significativo se apropriar do território para entender o mundo, a Geografia auxilia nesse entendimento que o jovem faz desse recorte espacial que pode estar restrito ao bairro, a casa, a escola ou compartilhado nas redes, mas que constitui território, espaço onde operam relações de poder. O nível de abstração desse processo demanda conhecer mais a fundo as culturas juvenis, a realidade do bairro, os conhecimentos prévios dos alunos, as marcas identitárias da juventude contemporânea.

Esse percurso pedagógico apresenta-se como uma potência para outras práticas pedagógicas, que aproximem a Geografia Escolar da realidade, mobilizando emoções, por meio da música, desenvolvendo assim Pedagogias Culturais. A música, como artefato cultural, possibilita analisar sentidos atribuídos a coisas do mundo, significar o conhecimento geográfico contribuindo na elaboração de discursos.

A relevância de tal pesquisa justifica-se pela importância em compreendermos melhor quem são os jovens que ocupam os bancos escolares na atualidade, quais discursos produzem suas subjetividades e práticas. Como professora, almejo que a Geografia Cultural ocupe seu espaço na condução dos sujeitos por meio do conhecimento, como ciência social subjetivadora (FOUCAULT, 1999). A importância desse enunciado está no fato de que, ao final dessa pesquisa, é desejo que: professora e alunos estejam diferentes do que éramos devido à construção mútua de conhecimento mobilizando sentidos compartilhados.

Diante das composições musicais da minha história e justificativas da importância deste estudo emerge como questão de pesquisa: Como a música pode promover novas práticas pedagógicas?

Para elucidar a questão de pesquisa, o objetivo central busca entender a música na promoção do Ensino da Geografia, para a juventude presente no recorte espacial da periferia urbana de Viamão/RS, na Escola Estadual Nísia Floresta, estudantes no 1º ano do Ensino Médio. Como objetivos específicos, destaco:

- (a) Investigar estilos musicais juvenis para entender se influenciam de alguma forma em suas identidades territoriais;
- (b) Refletir as potencialidades da música no desenvolvimento de uma Geografia mais contextualizada e significativa;
- (c) Propor práticas pedagógicas operacionalizadas pela música na leitura espacial.

A estrutura desse texto está dividida em quatro capítulos. No capítulo 1, denominado **No ritmo da Geografia**, abordei os elementos que me constituem docente e pesquisadora no Ensino da Geografia, descrevendo o percurso transcorrido no tempo e espaço dos eventos e acontecimentos, que me conduzem a desenvolver essa pesquisa pulsante de mim e de meus jovens estudantes.

O capítulo 2, **Compondo entre Pedagogias, Juventudes e Geografia**, traz a articulação entre os Estudos Culturais e a Geografia Cultural, por meio da abordagem do

referencial teórico que norteia essa pesquisa educacional, pedagogizando a Música como Artefato Cultural da Juventude, propositora de Representações que possibilitam caminhos para leitura das Territorialidades das juventudes para elaboração de práticas pedagógicas operacionalizadas pela música.

O capítulo 3, **Permeando os Trânsitos Musicais Juvenis**, estabelece as ferramentas de análise e metodologias que compuseram as possibilidades para leitura das territorialidades juvenis contextualizadas no ir e vir desses jovens em seu território.

No capítulo final – **Geografando Cultura e Representação**- busco interpretar algumas das preferências musicais juvenis, para compreender, proponho também algumas possibilidades para operacionalização de práticas pedagógicas por meio da leitura socioespacial e cultural com o uso da música por constituírem saberes construídos nos trânsitos extraespaço escolar, mas que opera o tempo todo nesse.



2. COMPONDO ENTRE PEDAGOGIAS, JUVENTUDES E GEOGRAFIA

Eu quero lhe dizer
Vou contar pra você
A minha alegria
Você vai perceber
Que se quiser vai ver
Tudo o que eu vi um dia
[...]
Tudo o que aprendi
Tudo o que conheci
Valeu a pena descobrir

Quero lhe falar
É bom viajar
Tocar pelo mundo a fora
Nova York é bom
Paris é demais
Algo que eu não vou esquecer jamais
Não vou não (jamais)

Fui pro lado de lá
Então eu percebi
Que o sonho se realiza
É só você ter fé
E sempre acreditar que tudo pode conquistar
[...]

*Viajar*³

Para compor os objetos desta pesquisa em consonância com seus elementos, inicio essa seção com a letra de uma preferência musical minha que marcou o período de transição entre a graduação e o início da docência, por representar sentidos relacionados à compreensão do Espaço Geográfico - *Tocar pelo mundo a fora* - no contexto da sala de aula, mobilizando representações do mundo. Trago trechos dessa composição para introduzir esse capítulo que trata dos avanços teóricos dessa pesquisa que vão se construindo no decorrer do seu fazer.

A *minha alegria* são as práticas pedagógicas em Geografia. No movimento do ensinar-aprender-ensinar, acredito que aprendo e me constituo como docente. Também no cotidiano da prática pedagógica com meus alunos e seus processos de construção de identidade trazidos pelas marcas do espaço vivido no real e virtual.

No percurso da docência cotidiana, observo minhas inquietações pedagógicas quanto às formas de aprendizagem dos jovens estudantes que se constroem sujeitos permeados pela cultura. Para analisar suas interpretações de mundo e processo de

³ Viajar – música da banda Papas da Língua. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br>>. Acesso em: 29 jan. 2017.

construção de significados, *Fui pro lado de lá*, aquele dos Estudos Culturais em Educação, que me conduz a investigar culturas juvenis, música, pedagogias e Geografia, com outras interrogações. Por essa linha teórica, direcionar reflexões não apenas para escola, mas em diferentes espaços de vivência.

Nesse sentido, *Valeu a pena descobrir* que a escola consiste em apenas uma das diversas instituições sociais que ensina e, portanto, integra a cultura, operando na produção de discursos e construção de representações para constituir de alguma forma nossos jovens estudantes. Assim, a música, nas aulas de Geografia, pode contribuir na construção de representações culturais que contribuam na formação dos saberes espaciais?

Nos processos de pesquisa e escrita, busco desenvolver formas para mobilizar o ensino-aprendizagem em Geografia. Analisando as territorialidades de nossos jovens estudantes, nativos digitais que vivem num mundo interligado pelas tecnologias de comunicação, onde as redes se formam e fluem permeando e sendo (re) significados nos diferentes contextos e territórios, o que pode produzir trânsitos identitários e diferentes formas de subjetivação socioespaciais, no processo de construção de significados através da música.

Nesse contexto, estabeleço a articulação teórica entre os Estudos Culturais e a Geografia. O primeiro ancorado nos conceitos de: cultura, representação e identidade. Na Geografia, o conceito de Território. O capítulo organiza-se em três subitens intitulados: *Melodias Teóricas, O som do Território e Timbres Juvenis*.

2.1. MELODIAS TEÓRICAS

A Melodia consiste em um dos elementos mais importantes numa composição musical, elaborada a partir da articulação das notas musicais e variações nas frequências das ondas sonoras (IBANEZ, 2010). A música alcança corpo e mente, produz sentido, fala simultaneamente com a sociedade e a subjetividade de cada um (WISNIK, 2002).

A construção do conhecimento para a vida que se busca deve mobilizar as práticas pedagógicas de Geografia, passa pela compreensão sobre a constituição dos sujeitos dentro da cultura. Nessa proposição, surgem questionamentos, os quais interpelam meu fazer pedagógico, entre eles: Como promover com o conhecimento geográfico valores como o respeito à diversidade? Como o meu ensinar Geografia pode

promover uma leitura de mundo reflexiva, dada a complexidade das relações socioespaciais na contemporaneidade?

Foucault (1999) chamou as ciências humanas e sociais de “ciências sociais subjetivadoras”. Tal pensamento advém da cultura moderna, onde em várias instâncias carregam um discurso, de verdade sobre conhecimento, em que influenciam condutas, como fazia a religião em outros tempos. O autor estudou o discurso como um sistema de representação. Ao utilizar este conceito, entendo que a verdade da Geografia está relacionada aos saberes geográficos construídos e (re) significados, em diferentes períodos históricos e culturas, readaptando-se nas discontinuidades e possibilitando que, na escola, de alguma forma influenciem condutas espaciais propositivamente. Não nos esquecendo que essa intenção de condução dos sujeitos é interpelada pela cultura e que esta se constitui numa luta pela imposição de significados, conforme o contexto, sendo constitutiva e constituinte nos processos de identidade.

Com essa intenção de delinear um solo teórico, analisarei as identidades musicais juvenis, a partir da análise das representações que se processam permeadas pelas preferências musicais e se essas posicionam identidades territoriais. Por entender que o ensino-aprendizagem se desenvolve de maneira significativa quando investigo as formas de apreender de meus alunos, encontrei no conceito de representação um caminho para compreender as formas de construção dos sentidos.

O conceito de representação para a prática pedagógica em Geografia contribui na produção de sentido para os processos espaciais contemporâneos, por isso me apoio no entendimento de Hall, que, em seu estudo sobre *Cultura e Representação* (2016), enfatiza o sentido construído *na e pela* linguagem. Onde a representação não depende da qualidade material do signo, mas de sua função simbólica, ou seja, na cultura. *É na* linguagem e *por ela* que transmitimos valores e significados culturais.

Hall (2016) em sua teorização sobre o tema diz que a representação consiste numa das práticas centrais que produz a cultura, um momento-chave, sendo o repositório-chave de valores e significados. Para o autor, “a representação pela linguagem é essencial aos processos pelos quais os significados são produzidos” (p.18).

Hall avalia que na linguagem fazemos uso de signos e símbolos: sonoros, escritos, imagens eletrônicas, notas musicais e até mesmo objetos referidos como culturais devido à representação que deles construímos, para significar para outros indivíduos nossos conceitos, ideias e sentimentos.

Segundo Hall (2016):

Representação é a produção de sentido pela linguagem. (...) O sentido é produzido dentro da linguagem, dentro e por meio de vários sistemas representacionais que, por conveniência, nós chamamos de “linguagens”. O sentido é produzido pela prática, pelo trabalho, da representação. Ele é construído pela prática significante, isto é, aquela que produz sentidos (p.53).

A música como uma das expressões da linguagem, é um artefato cultural marcante na vida das juventudes. Hall (2016) argumenta que através disso as pessoas compartilham seus conceitos, ideias e sentimentos. Isto é uma potência para mobilização de metodologias pedagógicas, visto que a interpretação dos signos expressos nessa linguagem contribui para a leitura socioespacial de diferentes contextos, pela importância de conhecer para quem se ensina, entendendo suas identidades etnográficas, sócio-históricas e territorialidades. Por entender que a apropriação que os indivíduos fazem de seu espaço, através do sistema de representação, consiste num conhecimento significativo para uma mediação pedagógica que busca aproximação entre identidades e território na cultura.

A identidade na pós-modernidade vem se fragmentando, deixando de ser unificada e estável (SILVA; LOPES, 2006). Segundo os autores: “O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” (p.12). Nossos sistemas de representação cultural se multiplicam, confrontando-nos com múltiplas identidades possíveis, com as quais poderíamos nos identificar ao longo da vida, mesmo que temporariamente.

Como afirma Bauman (2005), na vida pós-moderna nada pode permanecer em um mesmo curso por muito tempo, nada pode perdurar até que vire rotina ou hábito, e a noção de futuro, constituída na modernidade, se esvai frente ao presenteísmo. A fluidez das informações, relações e representações culturais mudam constantemente, etnograficamente, num processo fluido. O autor contribui para o entendimento dessa forma fluida que constitui a sociedade atual da seguinte forma:

Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas

individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas de outro (BAUMAN, 2000, p.12).

Esse momento de modernidade líquida exige no processo de individualização, mudanças espaço-temporais em que nossas identidades se alterem com outra (re)significação. Inquieto-me em saber como essa fluidez produzida na cultura opera no sistema representacional de meus jovens estudantes.

O estudo de Garbin e Pereira (2014) contribui para a compreensão dos processos de pertencimento dos jovens contemporâneos, pois as autoras analisaram a música na qualidade de artefato cultural e sua contribuição para o processo de construção das culturas e identidades juvenis. Verificaram que, apesar das diferenças entre os vários estilos de música veiculados pela mídia, todos contribuem para a formação e o fortalecimento de identidades. A música passa a ser uma espécie de fio, de eixo, que vai de casa para a escola e para onde quer que os jovens se desloquem e com o avanço das tecnologias e acessibilidade, música e vídeos estão cada vez mais facilmente presentes em espaços e tempos.

Conhecer as identidades musicais para agregar/transformar/reinventar/ (re) significar! Como? Por meio das Pedagogias Culturais, essa leitura consiste em um estudo que visa o ensino de uma Geografia em conversa com o campo dos Estudos Culturais. Nesse as pedagogias culturais envolvem as outras formas de aprendizado, aquelas além do espaço escolar, relacionadas a subjetividades dos sujeitos, a outros elementos da cultura que ensinam e educam como a música.

O sentido que damos às coisas fará com que assumamos determinadas escolhas, agindo espacialmente pelo conhecimento e apropriação. Os discursos produzidos nas aulas podem estabelecer vínculos entre indivíduos e espaço de vivência, propositivamente ou mesmo contribuir para a crítica e autocrítica ao refletir sobre os objetos culturais e o que fazemos com eles em nosso cotidiano.

A interpretação dos textos musicais e o entendimento das representações que produzem, bem como a intenção de mobilizar emoções com a música nas aulas de Geografia são formas de pesquisa e ação pedagógica em consonância com a contemporaneidade. Segundo Hall (2016, p.109), “produzir sentido depende da prática de interpretação, e esta é ativamente sustentada por nós ao usarmos o código –

codificando, colocando coisas nele – e pelo outro, que interpreta ou *decodifica* o sentido”.

Entendo o conceito de Pedagogias Culturais significativo por contribuir na leitura dos diferentes espaços de aprendizagem além da escola, para os sujeitos jovens escolares e também a mim como professora pesquisadora, possibilitando a construção de representações para um conhecimento geográfico significativo. Andrade (2016), ao interpretar os escritos de Giroux (2004) sobre as pedagogias que originaram essa leitura, reforça esse entendimento: “É por meio da representação destas narrativas que os sujeitos podem ampliar sua compreensão sobre o contexto social e cultural em que estão inseridos [...]”. A leitura das territorialidades juvenis pela música, neste estudo, consiste numa forma para entender as Pedagogias Culturais que atuam nas interpretações de mundo desses jovens.

2.2. O SOM DO TERRITÓRIO

Geografar é a prática de compreender os elementos que produzem sentidos, o som que dará o tom a essa composição recebe o olhar da Geografia Cultural, que traz uma dimensão fundamental para entender esse tempo histórico que vivenciamos – a cultura e suas implicações espaciais.

A Geografia Cultural vem analisando como os indivíduos constroem e agem na complexidade histórica, geográfica, econômica e social por meio da cultura, que nessa corrente se entende como um conjunto de práticas, conhecimento, atitudes e ideias. Leitura em que a análise da experiência no espaço vivido conduziu a um maior interesse pelas imagens mentais, as representações, o simbolismo, as identidades (CLAVAL, 2011). O autor explica a abordagem cultural:

As ferramentas analíticas oferecidas pela abordagem cultural da geografia são usadas para interpretar a natureza das sociedades humanas. Cada grupo humano desenvolve uma cultura, no sentido que a cada momento, ele possui um conjunto próprio de práticas, atitudes, conhecimentos e crenças – mesmo se esse conjunto evolui e muda (p. 20).

E essas mudanças nas práticas culturais ocorrem em velocidades cada vez maiores na Contemporaneidade, onde a compressão espaço-tempo e a fluidez

socioespacial geram acelerações nesse processo de alteridade. Mesmo assim os símbolos, que compõem uma identidade cultural não são construções totalmente eventuais; mantêm sempre determinados vínculos com a realidade concreta, uma vez que a própria memória (coletiva) de um grupo social precisa de uma referência territorial (SAQUET, 2009).

Dessa forma, destaco como categoria espacial essencial nesse estudo o território, uma vez que as relações de poder se processam em múltiplas escalas, pois no mundo Contemporâneo pode-se compartilhar ao mesmo tempo em múltiplos territórios, uma simultaneidade de eventos (HAESBAERT, 2014). Somos convidados a transitar por múltiplas territorialidades no mundo globalizado, onde a sociedade apresenta um fluxo massivo de informações, carregadas de sentido, produzidos em relações de poder, processadas no espaço interligado pelas redes, através do uso das novas tecnologias que rapidamente se alteram num espaço em constante transformação e (re) significação.

Nesse movimento, os processos identitários assumem um caráter predominantemente híbrido, de vida no limite, na cultura contemporânea, evidenciando uma nova forma de construção identitária, moldada no caráter móvel e múltiplo. Nossos territórios/territorialidades não oferecem, como no passado, referenciais estáveis para construção de nossas identidades sociais/territoriais, há uma multiplicidade de possibilidades que se colocam produzindo multiterritorialidades. Esse trânsito complexifica a abordagem geográfica. Segundo Haesbaert (2012):

[...] como se nossos marcos de referência e controle espaciais fossem perpassados por múltiplas escalas de poder e identidade. Isto resulta numa geografia complexa, uma realidade multiterritorial (ou mesmo transterritorial), que se busca traduzir em novas concepções, como os termos cosmopolita e “global”, este significando que os níveis, global e local, podem estar quase inteiramente confundidos (p.27).

Assim, Haesbaert, ao introduzir a questão territorial no debate identitário, interpõe o seguinte questionamento: “Se os territórios/territorialidades estão sofrendo, igualmente, sensíveis transformações, como se daria essa relação, imanente, entre territórios/territorialidades e construção identitária? (p. 28)” Interpela-me esse questionamento pela correspondência com esta pesquisa no sentido de que conhecer as identidades musicais dos jovens representa uma possibilidade para interpretação de suas subjetividades e/ou das formas com que constroem suas representações por meio da

linguagem musical e seus discursos. As preferências musicais desse público estabelecem relação imanente entre território/territorialidades e construção identitária?

A questão territorial precisa ser analisada sob outra ótica no mundo globalizado. Segundo Tonini (2002, p.120): “A hierarquia territorial é um dos objetos centrais da racionalidade moderna, pretendendo dividir o mundo em territórios superiores e inferiores – os civilizados versus os selvagens”. Numa abordagem multiterritorial, os processos de construção de identidade não podem mais seguir essa lógica da Modernidade: rico e pobre, negro e branco, morador da periferia e da zona nobre, ou seja, os modelos sólidos da Modernidade. O viés é o da multiplicidade não da bipolaridade. Ao olhar o processo identitário do jovem estudante, analiso sua singularidade de sujeito múltiplo contemporâneo em suas múltiplas territorialidades.

Conforme Tonini (*apud* ALBUQUERQUE JR., 2002, p.38): “Meu entendimento de território não se limita a uma dimensão física, a um recorte espacial, mas, primordialmente, refere-se a um campo de lutas e de produção cultural de significados, ancorado numa pseudo-unidade geográfica. E sobre isto também Haesbaert (2012, p. 34) destaca que: “[...] o território é o espaço geográfico visto a partir do ‘foco’ nas relações de poder, seja o poder em seus efeitos mais estritamente materiais, de âmbito político-econômico, seja em sua articulação mais simbólica”. Os autores reforçam a ideia da *multiterritorialidade* na construção identitária pela ênfase que atribuem à produção de significados na cultura.

Desta forma, o território é entendido como constitutivo de nossa própria existência, tanto em sua dimensão física, quanto em sua dimensão cultural. Segundo Haesbaert (2012):

[...] o homem é não somente um “animal territorial”, mas ainda um “animal multiterritorial”, experienciando diversos territórios ao mesmo tempo, isto significa que esta dimensão espacial não é mero palco ou apêndice da condição humana, mas uma de suas dimensões constituintes fundamentais (p.34).

A dimensão espacial como uma das dimensões constituintes do hibridismo cultural está diretamente ligada às relações de poder e ao valor de troca que assumiram os processos de identificação social. A própria construção identitária é vista, antes de

mais nada, como um instrumento de poder dos grupos e/ou classes sociais (HAESBAERT, 2012).

As relações de poder geram multiterritorialidades de caráter político-econômico e também simbólico conforme as significações que são atribuídas pelos sujeitos em suas (territorializ)ações. Transitamos para construir territorialidades, num processo de hibridismo cultural, na pertença e diferença, elaborando interpretações de mundo.

2.3. TIMBRES JUVENIS

O timbre é a característica do som que nos permite distinguir uma fonte sonora de outra, tendo praticamente os mesmos parâmetros. A juventude contemporânea que ocupa nossas salas de aula apresenta essa característica – a diferença, emersa no espaço uno e múltiplo num hibridismo multiterritorial, territorializando-se no e pelo trânsito identitário.

Um primeiro marcador da diferença no espaço escolar está relacionado à caracterização do que é ser jovem na contemporaneidade. Como professora de Geografia, transito por diversos territórios compostos por jovens em diferentes idades. Percebo uma antecipação da juventude, em muitos casos, pela entrada no mundo do trabalho, já por volta dos 14 anos ou ainda pelas responsabilidades com o cuidado de irmãos e irmãs mais jovens, pelo fato dos familiares estarem afastados de casa na maior parte do dia. Encontramos, portanto, um número significativo de alunos que podemos considerar jovens, já a partir do 1º ano do Ensino Médio. Meu lugar de fala parte das observações e diálogos com alunos de escolas públicas na periferia de Porto Alegre, desenvolvidos ao longo da última década durante a docência.

Entendo que essa antecipação está relacionada às mudanças culturais da sociedade contemporânea e a maior participação da mulher no mercado de trabalho, mas em especial pela necessidade de mais pessoas da família trabalharem para atender às necessidades de consumo que cada vez mais se ampliam.

Do ponto de vista das instituições, em síntese, no Brasil, são considerados jovens aqueles com idade compreendida entre 15 e 29 anos, para fins de políticas públicas do Governo Federal, de acordo com a Lei 11.129, de 30/06/2005. Para as Nações Unidas,

são jovens os indivíduos com idade entre 15 e 24 anos, mas cada país pode estabelecer a faixa jovem, de acordo com a realidade local.

Essa fase da vida, para uma grande parcela de jovens, é marcada por grandes mudanças, construindo os alicerces para a definição das suas ocupações futuras. É comum que as pessoas na fase adulta, ao refletirem sobre eventos que marcaram suas vidas, recordem-se, em especial de sua juventude (LARA, 2008).

Garbin e Tonini (2012), em seu estudo sobre *As práticas juvenis que (de) marcam a metrópole e o currículo escolar*, retomam escritos de Garbin (2010), contribuindo para análise da diversidade cultural presente em nossas salas de aula:

[...] sobre as revoluções culturais do nosso tempo e a emergência da chamada “cultura da mídia” - incluindo-se nela as tecnologias virtuais - em sua dimensão global, resultando numa espécie de *mix* cultural sustentado pelas diferenças nas condutas de jovens em suas práticas culturais que podem ser constatadas em grupos diversificados em nossas salas de aula (p.11).

A relação de uso dos artefatos culturais pelos jovens estudantes me leva a questionamentos, em especial a música! Porque talvez a juventude corresponda a uma das fases da vida em que mais nos apropriamos desse artefato cultural. Como argumentado no capítulo anterior, lembranças são rememoradas muitas vezes ao ouvir músicas, se nos recordamos é por que significamos, atribuímos sentido! Por ser a juventude um momento de perspectivas e afirmações de si, muitos de nossos signos são construídos nesse momento.

Ao longo do percurso da docência, fui tecendo interpretações, cujas teorizações de Hall (2016) foram importantes para a leitura da juventude, que entendo como uma etapa da vida, na qual se buscam verdades sobre o mundo que nos cerca, o que leva a construção identitária e processo de escolhas com base nas representações de mundo construídas culturalmente e por isso constantemente reformuladas, conforme o contexto espaço-temporal em que se inscreve a produção de significados.

A juventude como uma construção histórica e social é analisada por Lara (2008), que aborda as pesquisas feitas sobre a juventude como categoria social. O autor contextualiza historicamente esse processo de construção histórica, bem como as representações que a sociedade desenvolveu ao longo do tempo sobre esse grupo social. Uma das imagens construídas acerca da juventude é aquela da condição de

transitoriedade, onde o jovem é visto como um indivíduo em constante “vir a ser”. Concepção que na escola, muitas vezes, tende a negar o presente vivido como espaço de constituição dos sujeitos, bem como as questões existenciais que carregam e dão sentido a suas escolhas.

Outra imagem é a da visão romântica da juventude, que Lara (2008) atribui ao florescimento da indústria cultural e de um mercado de consumo dirigido aos jovens. Entendo esses fatores como produtores de sentidos, carregam simbolismos, dentre os quais a música compõe seu universo de elementos. O autor argumenta que nessa visão a juventude é reduzida a um tempo de liberdade, de prazer e de expressão de comportamentos exóticos, que consiste num período marcado pelo hedonismo e irresponsabilidade. Mas, analisando as mudanças sociais ocorridas após a década de 50, do século XX, é possível aprofundar a abordagem sobre os processos que envolvem a forma de ler a juventude contemporânea.

A noção de juventude, suas relações com a música e os consumos a ela relacionados não são naturais. São construções históricas e culturais que começaram a ter maior visibilidade na Europa dos anos 1950 (GARBIN; PEREIRA, 2014). Foi quando se estabeleceu a cultura juvenil-adolescente na sociedade contemporânea (LARA, 2008). Grupos juvenis vistos como ‘marginais’, produtores e consumidores de *jazz* – os *beats* elegiam como seus espaços de encontro, geralmente bares localizados nos porões de prédios das cidades (GARBIN; PEREIRA, 2014). Esse movimento poético e literário, denominado *beat*, expressava o caráter pessimista de uma parcela de jovens descrente de suas possibilidades de vida. O significado do termo é atribuído à batida do *jazz*, seu embalo, ritmo, mas a busca seria por uma ordem espiritual, uma “viagem” interna que estaria relacionada à expansão da percepção da juventude em relação ao mundo, seus tempos e espaços (LARA, 2008).

Além do *jazz*, outro gênero musical foi significativo na concepção de juventude, o *rock and roll* que, através da música, expressou o descontentamento juvenil. Num momento em que os produtores da cultura de massas passaram a elaborar modelos, modos de ser e estar jovem, por meio da valorização de diversos objetos de consumo, como chicletes, refrigerantes, motocicletas, etc. Garbin e Pereira (2014) colocam:

[...] foi “inventada” uma estética juvenil veiculada pelo cinema, pela televisão, pelo rádio, pela mídia em geral, a qual tinha o *rock'n'roll* como um

modo de expressão desse novo “padrão” de comportamento e de valores, centrados na liberdade, na autonomia e no prazer (p.88).

Essa estética e suas representações inventadas e inseridas nos processos de subjetivação dos sujeitos desencadearam diversos desdobramentos de estilos musicais e de modos de ser jovem, veiculados a música, como o *punk*, *rock*, o *hardcore*, o *heavy metal*, o *emocore*, etc. (GARBIN; PEREIRA, 2014).

O cinema colaborou com a difusão desse novo modelo de comportamento juvenil. A rebeldia, sexualidade reprimida e carência afetiva eram personificadas nas produções cinematográficas vividas pelos jovens atores Marlon Brando e James Dean, que retrataram para uma sociedade, então conservadora, as inquietações juvenis desse momento histórico. Algumas das quais presentes até hoje nas representações juvenis por outras formas de expressão musical em outros estilos musicais como o *Funk* e o *Rap* (LARA, 2008).

Garbin e Pereira (2014) argumentam sobre esse processo de subjetivação juvenil na contemporaneidade:

Hoje, deparamo-nos com inúmeras possibilidades de apreciação, gostos e consumos musicais juvenis, os quais nos parecem estar sempre atrelados a determinados conceitos, estéticas e valores que atuam nos processos de identificação e de pertencimento dos jovens (p.88).

A investigação acerca desses consumos musicais juvenis consiste dessa forma numa possibilidade de apreensão e análise dos modos como os jovens constroem sua experiência como tais em suas práticas de significação, processos de identificação e pertencimento, em especial nesse estudo, nas camadas periféricas da sociedade contemporânea. Por entender que a categoria juventude, como construção histórica, é investida de símbolos e valores na diversidade da vida cotidiana, articulando situações sociais e diferenças culturais (LARA, 2008).

A música produz sentido para o “estar junto” por compartilhar os mesmos valores, atuando nesse processo de articulação sociocultural, mobilizando práticas de significação desse grupo social. Tais práticas geram territorialidades, um conceito importante para a abordagem *geocultural*. Maffesoli (2006) diz que:

As relações que compõem a socialidade constituem o verdadeiro substrato de toda a vida em sociedade, não só na sociedade contemporânea. São os momentos de despesa improdutiva, de engajamentos efêmeros, de submissão da razão à emoção de viver o estar junto que agrega determinado corpo social (p.133).

A juventude é uma etapa da vida em que privilegiamos o “estar junto”, isso circula em torno de estilos, favorecidos pelas representações para os jovens sobre o que é sociabilidade, que se sustenta a partir de valores compartilhados.

Maffesoli (2004) considera que essas emoções compartilhadas estabelecem elos que remetem a modos de ser, modos de se relacionar com outros e modos de ver o mundo a sua volta.

Entendendo que os valores que atribuímos às coisas dão sentido às mesmas e os expressamos pela linguagem. A música caracteriza-se como uma dessas formas de linguagem, que expressa emoções, revelando sentidos atribuídos às coisas do mundo. Nesse sentido, esse artefato é um meio para a construção de sentido acerca da espacialidade.

As formas como esses jovens acessam e são interpelados pela música, tão presente em seu cotidiano, subjetiva-os influenciando seus modos de ser e estar no mundo ao participarem das redes que se estabelecem, em especial as redes sociais, produzindo interfaces do local com o global, transitando por múltiplos territórios.

Garbin e Tonini (2012) pedem que professores observem os artefatos utilizados pelos estudantes, fazendo refletir sobre os estilos, os modos de ser jovem:

[...] jovens em suas salas de aula utilizam, como um tipo de roupa que corresponde a um estilo musical que vêm consumindo no momento, bem como outros demonstram identidade através do uso de *piercings*, brincos, tatuagens e outros tipos de marcas corporais, o que está relacionado a afirmar uma singularidade que já não indica uma forma de dissidência ou inconformismo social, e, sim, mais uma prática que simplesmente significa “estar na moda”, “ser do grupo”, e não “protesto contra o sistema capitalista”, ou “protesto contra as regras hipócritas do mundo adulto”(p.15).

Conforme as autoras, a questão central é conhecer e entender a mistura de ânsias e imaginários juvenis. Assim, além de conhecer melhor o sujeito aluno, a interpretação dos textos presentes nas músicas e as representações que produzem, são importantes meios para a investigação dos conhecimentos geográficos contidos na linguagem

musical, liminar ou *subliminarmente*, acessando formas para significar a Geografia Escolar.

Como constatado por pesquisadores, como Garbin (2010) e Maffesoli (2006), a música constitui-se como elemento de afinidade para a integração dos jovens estudantes. O seu uso didático como recurso pedagógico permite produzir essa aproximação com o aprender geográfico juvenil e um ambiente propício para a aprendizagem. Mesmo porque na escola contemporânea não é mais apenas ao aluno que cabe a escuta, mas também ao professor, que não é mais o único detentor do saber, mas sim o sujeito que mobiliza para que ocorram as aprendizagens. Sendo assim, entender o cenário cultural atual e os jovens são elementos que podem contribuir na construção do conhecimento com significado.

A escola, enquanto instituição social, ainda preserva a solidez na qual foi constituída. O jovem estudante traz a música para o espaço escolar, onde a aula não se configura mais com as pautas do tradicional. Mesmo que o professor negligencie sua presença, ela permanece. Sobre isso, Garbin e Severo (2013, p. 68) comentam: “os espaços escolares ganham novas linguagens e sensibilidades, criando outros contornos para as suas relações interpessoais”.

As mudanças devem se projetar no contexto da fluidez das novas linguagens, as quais possibilitam ao professor permear a cultura pelo ensino da Geografia, produzindo significados pela análise e uso dos artefatos culturais que interpelam as culturas juvenis.

Segundo Garbin e Severo (2013):

Cumprir notar que estudos sobre juventudes, ancorados na perspectiva dos Estudos Culturais, têm indicado que os jovens transitam, deslocam-se, fazem movimentos alternados, negociam, *fluem*⁴ por entre várias posições de sujeitos, porém muitas vezes suas práticas esbarram nas estruturas *sólidas*⁵ da escola (p.68).

O espaço escolar ainda apresenta uma estrutura rígida quanto a sua organização espacial e hierárquica, de lugar único do conhecimento, herança da modernidade sólida que vivenciamos em muitos aspectos com as mesmas práticas e discursos do passado que a constituiu. Mas nossos jovens escolares foram constituídos na Modernidade fluida (BAUMAN, 2000), assumem posições múltiplas de sujeito onde a escola não é o único

⁴ Grifo meu.

⁵ Idem.

lugar de aprendizagem, pois constituem-se em diferentes espaços. Ainda em Garbin e Severo (2013, p.68): “[...] as práticas culturais juvenis na escola, hoje, escapam a algumas formas de captura, inquietam a segurança de nossos saberes, questionam o poder de nossas práticas e criam fendas nas nossas instituições”.

As autoras fazem refletir sobre nossas formas de captura⁶, se estão alcançando seu objetivo, sendo significativas para nossas juventudes, construindo realmente representações que possibilitem entender a complexidade do mundo! “[...] repensar identidade em tempos de globalização é repensá-la como uma identidade multicultural que se nutre de vários repertórios, valores, discursos e forças” (GARBIN E SEVERO, 2013, p.80).

É importante considerar que os jovens de hoje são interpelados a ter uma vida na condição pós-moderna fluida e não na solidez em que a escola foi construída, onde os objetivos e modos de operar eram outros: como prestar atenção na aula, cumprir o programa curricular, preparar-se para concursos ou vestibulares, onde o professor era o detentor do saber, característica ainda presente em alguns espaços provocando conflitos. Essas formas de estudar, podem conduzir o estudante à mero memorizador de informações para superar etapas. Hoje, as informações fluem e chegam a nós por diferentes meios, o papel do professor mudou, que passa a dialogar mediando saberes historicamente construídos e cultura pós-moderna.

Segundo Garbin e Tonini (2012):

É preciso negociar. É preciso (des) inventar a escola da forma como ela foi inventada, haja vista que há quem diga que os alunos são/ estão digitais e as escolas seguem analógicas, afinal, a escola tem se configurado como espaço de encontro, de conversa, de diversão, de sociabilidade, sendo, muitas vezes o “único” lugar possível para expressividades de si, nas quais a presença e o olhar do outro se torna fundamental (p.15).

Essa escola analógica constitui-se na atualidade como espaço de encontro entre nativos digitais, que expressam sua cultura. A possibilidade da expressividade de si sob o olhar do outro constitui uma característica dos processos de identificação e constituição dos sujeitos.

⁶ O termo “captura” é, para as autoras, a forma como captamos a atenção dos alunos em aula.

A identidade é marcada pela diferença (SILVA, 2012). Somos diferentes de nossos jovens estudantes, pois constituídos em outros regimes de verdade onde as referências eram sólidas. Inclusive para os professores mais jovens, uma vez que seus mestres constituíram-se no mesmo regime de solidez e /ou ainda muitos carregam marcas culturais da modernidade. Por isso, muitas vezes reforçamos discursos que pertenciam a outros jogos de verdade, de identidades fixas e imutáveis, com certos padrões de referências sociais, diferentes dos que nossos jovens vivenciam.

A construção do saber geográfico que pretende mobilizar formas de entender os processos espaciais de maneira significativa encontra-se nesse limiar entre o moderno e o contemporâneo. Nesse contexto, pretendo uma Geografia que produza experiências que atravessem o jovem, a música produz esse atravessamento. Minha busca é por um ensino da Geografia que possibilite o (re) inventar da escola como um espaço de aprendizagem onde a expressividade de si seja possível e que nesse movimento os jovens possam elaborar representações de mundo significativas.

A juventude que frequenta nossa escola hoje vive o presenteísmo⁷, em sua maioria, portanto é importante que elaborem pedagogias que possibilitem compreender o vivido, o espaço geográfico, para que não sejam apenas meros receptores ou memorizadores de informações, desconhecendo o que fazer com essas.

Segundo Garbin e Severo:

Sabe-se que o cânone dos currículos escolares, em sua maioria, sustenta e reproduz saberes legitimados. Entretanto, a literatura vem mostrando que além das instituições responsáveis pela educação escolarizada, crianças e jovens constituem suas identidades através de consumos culturais, os quais produzem, interpelam, subjetivam, disciplinam, regulam e ensinam modos dos sujeitos a ser/estar no mundo, através de artefatos e práticas produzidas culturalmente. Para os jovens do século XXI, dada a centralidade das tecnologias digitais, por exemplo, nas quais foram nascidos e criados conectados a rede, a comunicação com outros passa a ser base de quase todas as suas relações (2013, p. 80).

É essa cultura pós-moderna que se pretende estudar, analisar e ainda criar metodologias que sejam possibilidades na construção de representações nas aulas de

⁷ Como afirma Bauman (2005), na vida pós-moderna nada pode permanecer em um mesmo curso por muito tempo, nada pode perdurar até que vire rotina ou hábito, e a noção de futuro, constituída na modernidade se esvai frente ao presenteísmo.

Geografia, para elaborar formas com as quais os jovens se percebam no espaço geográfico como sujeitos emersos nessa luta por significações.



3. PERMEANDO OS TRÂNSITOS MUSICAIS JUVENIS

A vida é sacrifício, fechar os olhos e se entregar

No início é difícil, mas vai se acostumar
O sofá é um péssimo vício, vai te acomodar
Eu prefiro um precipício pra me ensinar a voar
[...]

Voltei com mais vontade, mostrei habilidade
Trazendo novidade, cheguei nessa cidade
Toquei seu coração, lutei pela cultura
Nessa vida dura e mantive os pés no chão
[...]

Sei que cada pegada minha tem sangue e suor
Porque eu me preocupei em fazer bem
E não em ser melhor
[...]

A vida me encarou, tirou o véu
Tirei a vida pra dançar, fiz meu papel
Todos são comerciantes de baixo do céu
Pois vendem os seus sonhos, pra pagar o aluguel
3 F's suficiente pra dizer que o seu pulso ainda pulsa
A esperança vai viver
Aqui, um em um milhão nasceu pra vencer
Mas nada impede que esse um seja você
E tudo que você precisa ter é

Foco: um objetivo pra alcançar
Força: pra nunca desistir de lutar e
Fé: pra me manter de pé enquanto eu puder
Haja o que houver, só preciso de
Foco: um objetivo pra alcançar
Força: pra nunca desistir de lutar e
Fé: pra me manter de pé enquanto eu puder
Só preciso de foco, força e fé

Foco, Força e Fé⁸

Para trilhar os percursos investigativos desta pesquisa, muitas foram as inspirações: os alunos, a Geografia, novas metodologias para ensinar-aprender, música, permear o campo teórico dos Estudos Culturais. Para integrar esses elementos, inicio essa seção com a letra de uma preferência musical juvenil, o *rap*. Esse estilo musical consiste numa poesia cantada com um contorno melódico típico, que lembra mais a fala que o canto tradicional e com apoios rítmicos marcados, tem como objetivo expressar por meio da música os princípios e objetivos do movimento *hip hop*, nascido no bairro do Bronx, em Nova Iorque, no final da década de 1960, no processo de concepção das juventudes contemporâneas.

⁸ Foco, força e fé – música do Projota. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br>>. Acesso em: 01 mar. 2017.

Segundo Fialho e Araldi (2009):

Este movimento surge para contrapor as condições socioeconômicas instaladas naquela região em função da Revolução Industrial. O cenário do Bronx nessa época revelava uma situação de calamidade pública, onde o desemprego, o crime, a violência, as drogas predominavam. Em busca de alternativas de vida, jovens artistas da comunidade começaram a promover festas comunitárias estimulando diferentes expressões artísticas, por meio de batalhas, envolvendo a dança, a rima, a performance em toca-discos e o grafite.

Condições socioeconômicas que quase seis décadas depois ainda fazem parte da realidade vivida por um número significativo de jovens brasileiros, como os sujeitos dessa pesquisa. A música foi escolhida por contribuir no entretecer teórico-metodológico dessa sessão, por trazer a intenção de objetivos de vida a serem alcançados.

Estabeleço assim o *Foco: um objetivo pra alcançar*, que consiste em entender a música na promoção de práticas pedagógicas para o jovem estudante que cursa o primeiro ano do Ensino Médio e que transita no recorte espacial da periferia urbana de Viamão/RS, na Vila Elsa, na Escola Estadual Nísia Floresta.

Foco, na demarcação de caminhos para a produção do conhecimento que não será finito após o término dessa pesquisa, mas que constituirá um meio para articular conceitos geográficos e realidade dos alunos. Para ajustar o *Foco* à Geografia, analisei as representações espaciais contidas nos textos musicais preferidos pelos jovens, bem como a importância desse artefato cultural para o jovem estudante. Nessas análises iniciais, foi possível perceber o interesse que os jovens demonstram ao saber que a pesquisa envolve música, algo que conhecem, que faz parte de sua vida cotidianamente.

Em seu estudo sobre o valor da música na escola brasileira, Alvarenga e Mazzoti (2016) significam o seu papel nesse espaço pedagógico:

As interpretações e representações do mundo são forjadas pelos modos de vida. Assim, a construção de opiniões, conceitos ou atitudes a respeito de um determinado objeto é realizada socialmente a partir das experiências cognitivas e afetivas que ocorrem nas interações diversas. [...] os professores de música assumem: (a) a música é linguagem; (b) a música é vida, neste caso por estar presente no cotidiano (p.615).

Considero significativo no ensino da Geografia, mobilizar representações que possibilitem a apropriação do território para entender o cotidiano, pois indivíduos globais híbridos multiterritoriais transitam por diversos territórios, como: o bairro, a escola, o espaço virtual, contextos que constituem territórios, onde operam relações de poder em múltiplas escalas, produzindo experiências cognitivas e afetivas que ocorrem nessas interações diversas.

A *Força*, para analisar as potencialidades da música no desenvolvimento de práticas pedagógicas mobilizadas pela cultura, vem do entendimento dessa forma de linguagem como produtora de sentido por fazer parte da vivência dos alunos. As relações entre o indivíduo e as questões emergentes do ambiente macrossocial são questões da Geografia, como componente curricular e as representações que atores sociais constroem são significadoras de suas ações no território.

O *pulso* que movimenta esse trilhar pedagogias para ensinar-aprender Geografia vem da vontade de compreender como elaboram suas representações na cultura que compartilham identidades e diferenças, presentes na diversidade do espaço múltiplo da sala de aula, da escola, do bairro, do município, pois aprendemos também quem somos pelo que não somos, ao olhar o outro, não com preconceitos, mas como conhecimento (HALL, 2016). As preferências musicais são diversas, subjetivas e delineiam multiplicidade de sentidos no seio da cultura. Nesse sentido, articular processos de subjetivação e ensino constitui abordagem significativa nas pesquisas educacionais.

3.1. O ENTRETECER DAS LINGUAGENS E TERRITORIALIDADES

A análise cultural de cunho etnográfico e o uso da bricolagem, entendida como uma colcha de retalhos, possibilitaram trilhar os caminhos dessa pesquisa. Retalhos que vão entretecendo-se ao longo do percurso investigativo e (re) significando-se. Essa leitura está imbricada na dinâmica social e histórica que molda artefatos culturais, esse conjunto de ferramentas metodológicas reconhece a inseparabilidade entre objeto de pesquisa e contexto, qualidades importantes numa pesquisa qualitativa educacional (LIPPI; NEIRA, 2012). Segundo os autores: “a linguagem e as relações de poder assumem a posição central nas interpretações da realidade, pois se constituem como mediadores fundamentais na contemporaneidade (p.610-611)”.

Tecer a Colcha de Retalhos inerente a esse processo, tendo a linguagem como um dos pontos centrais, consiste numa potência que é atravessada por análises de importantes teóricos dos Estudos Culturais, reforçando a coerência de seu uso nessa pesquisa. Hall (2016), por exemplo, argumenta ser a linguagem capaz de construir diálogo entre participantes de modo a permitir que eles construam uma cultura de significados compartilhados e que interpretem o mundo de maneira semelhante, porque ela opera como um sistema representacional. Não busco generalizações nessa pesquisa, mas uma compreensão mais ampla das subjetividades juvenis para ser capaz de mediar práticas pedagógicas significativas nas aulas de Geografia, entendendo os alunos como sujeitos no contexto social a que pertencem.

A representação pela linguagem é essencial no processo de produção de significados. Por isso, investigar as representações construídas pelos jovens em seu contexto local – que pode se confundir com o global quase inteiramente - neste último por meio das redes, possibilita conhecer elementos que podem aproximar a Geografia da vida dos estudantes, produzindo significados a partir da análise do cotidiano na periferia, presente em alguns textos musicais analisados conforme as preferências musicais dos alunos e também elaborados por eles.

Nesse sentido, o território apresenta-se como o outro ponto central que *tece essa colcha*. As relações de poder presentes na análise territorial que são pensadas a partir das interpretações das representações textuais e discursivas contribuem na compreensão da leitura espacial que os estudantes fazem desse espaço de vivência.

Representação é uma das práticas centrais que produz a cultura, nesse sentido uma pedra, dependendo do contexto de uso, pode assumir diferentes tipos de representações: apenas uma rocha, um demarcador de fronteiras ou ainda uma escultura, conforme os “jogos de linguagem” (HALL, 2016, p. 20). Na Geografia, pode-se representar, conforme o interesse pedagógico, a linguagem da Astronomia, Climatologia, Geologia, Geopolítica, marcador territorial ou histórico, entre outras, pois “é o uso que fazemos de uma pilha de tijolos com argamassa que faz disso uma ‘casa’; e o que sentimos, pensamos ou dizemos a respeito dela é o que faz dessa ‘casa’ um ‘lar’ ” (HALL, 2016, p.20). Objetos e subjetividades estão presentes nessa leitura da linguagem musical que traz, em sua textualidade, as representações espaciais que esses jovens fazem do território que vivenciam.

Atribuimos sentido às coisas pela maneira como as representamos – as palavras, as histórias, as imagens, as emoções, classificações e conceituações, ou seja, os valores que nelas embutimos. O sentido é constantemente elaborado e compartilhado em cada interação pessoal e social da qual fazemos parte (HALL, 2016, p.21). A música opera na interação social, instiga sentimentos, sensações, atribuindo sentido, memória.

Tecer o retalho da pesquisa, por meio da análise das representações, consiste em construir conhecimentos a partir de múltiplas vozes, investigando a fonte das interpelações e experiências sociais que influenciaram os olhares sobre o espaço geográfico construindo representações. Lippi e Neira (2012) com base em Kincheloe (2007) abordam a bricolagem:

Diferentemente da pesquisa positivista, na bricolagem a subjetividade e o posicionamento político não são descartados. Construir conhecimentos a partir de múltiplas vozes exige saber qual a origem das explicações fornecidas e quais experiências sociais influenciam os olhares sobre o fenômeno investigado. Ou seja, é preciso ouvir diversas explicações sobre o objeto para que o pesquisador possa percorrer inúmeros caminhos, aproximar-se e, talvez, chegar a múltiplas interpretações (p.611).

A citação expõe alguns dos elementos de meu encantamento por esse conjunto de ferramentas que, além de extremamente ligado à abordagem cultural, pela subjetividade que constitui conhecimento significativo para o docente na busca da mediação de saberes entremeados pela cultura, também, traz a possibilidade de percorrer inúmeros caminhos investigativos e produzir múltiplas interpretações.

Além disso, atribuo ainda o meu pertencer à pesquisa, pois, além da subjetividade dos alunos, minhas representações sobre o artefato cultural, ou seja, minhas subjetivações integram essa pesquisa educacional. Acredito nesse tipo de investigação onde não há neutralidade, por isso essa abordagem demanda multiplicidade de vozes e olhares que alcancem e interpelem os instrumentos metodológicos que serão acessados.

Essa diversidade de instrumentos metodológicos advém da noção francesa de *bricoleur* de Claude Lévi-Strauss, o termo significa “mente selvagem”, um faz tudo que lança mão das ferramentas disponíveis para realizar uma tarefa, utilizando coisas pré-existentes de outra maneira⁹. Inicialmente, os signos contidos nas músicas seriam

⁹ Lippi e Neira (2012) baseiam-se em Kincheloe para elaborar sua abordagem sobre a “bricolagem”. O autor utiliza-se da obra de Denzin e Lincoln (2000), na qual os autores utilizaram o termo no espírito de

usados de novas formas, entretanto, no decorrer dos encontros, conhecendo melhor os estudantes, foi possível trilhar um caminho em direção à autoria, característica percebida nos estudantes no devir etnográfico. A bricolagem permite isso! Que, conforme o percurso investigativo, as circunstâncias que se interpõem deem forma aos métodos empregados tecendo e entretecendo a colcha no desenvolver do contexto da pesquisa. Uma característica interdisciplinar fundamental para o contexto dessa pesquisa que, pelo fazer etnográfico, destaca o relacionamento entre as formas de ver do pesquisador e o lugar social de sua história pessoal, contexto que reforça minha identidade com essa pesquisa, que tive na música um dos vínculos mais significativos com a juventude vivida na periferia.

Sendo a teoria um artefato cultural e linguístico, a interpretação do objeto de sua observação é inseparável da dinâmica histórica que a moldou. É tarefa do *bricoleur* investigar os artefatos invisíveis de poder e cultura analisando sua influência social (KINCHELOE, 2007). Elemento que reforça o significado de desenvolver uma pesquisa etnográfica utilizando a bricolagem como ferramenta.

O conhecimento produzido é provisório e processual, pois se reconhece a existência de diversas interpretações sobre o objeto, edificadas por meio de discursos e construções sociais (LIPPI; NEIRA, 2012, p. 611). Os autores com base em Denzin; Lincoln (2006, p. 18) metaforizam que o *bricoleur* é “um indivíduo que confecciona colchas, que utiliza as ferramentas estéticas e materiais do seu ofício, empregando quaisquer estratégias, métodos ou materiais empíricos que estejam ao seu alcance”, a empiria presente na produção de sentidos pela linguagem musical para a juventude e seu uso para produzir representações espaciais apresenta relação importante com este conjunto de ferramentas metodológicas aqui entendidas como fundamentais.

3.2. COSTURA MUSICAL

Os jovens realizam práticas sociais geradas nos seus processos identitário-territoriais, onde a música é um importante elemento construtor. No mundo globalizado,

Claude Lévi-Strauss (1966) e sua extensa discussão sobre ele em *O pensamento selvagem* (KINCHELOE, 2007, p. 15).

em diferentes territórios, o hibridismo cultural se territorializa nacional e supranacionalmente, local e globalmente, compartilhando diferentes gêneros musicais pelos meios virtuais e midiáticos, produzindo multiterritorialidades. Esses estilos que se constituíram em contextos históricos diversos, muitas vezes comendo lutas pela imposição de significados, em grande parte, expõem a diferença, não o padrão social construído historicamente da cultura branca, eurocêntrica, machista, classicista, etc. Diversidade expressa na linguagem musical do *Reggae*, *Rock* e/ou *Rap*, por exemplo, as quais seguidamente percebo os jovens estudantes, sujeitos dessa pesquisa, escutando ou vestidos com acessórios que remetem a essas identidades musicais.

Quais representações culturais são construídas com ou por meio dessa prática cotidiana? Na bricolagem a escolha das práticas de pesquisa depende das perguntas e estas do contexto, gerando adaptações e reformulações ao longo de seu desenvolvimento. No decorrer dos encontros, algumas situações demandaram novo planejamento, seja pela necessidade de exposição dialogada de conceitos geográficos não construídos, seja por novas perguntas que surgiam e se apresentavam como elementos fundamentais para compreensão e adequação do processo de ensino-aprendizagem.

A Figura 1 representa o foco dessa pesquisa, possibilitando o encaminhamento para elaboração da bricolagem etnográfica pretendida.

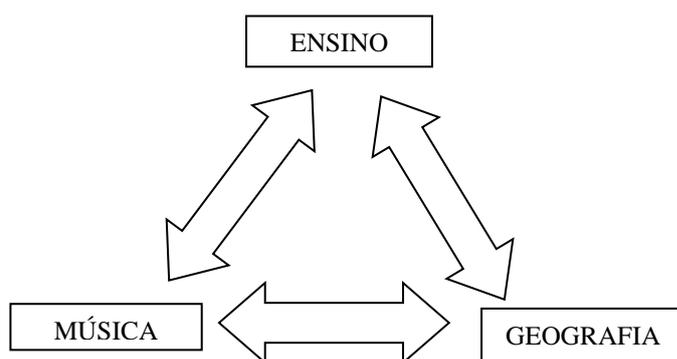


Figura 1: Caminho etnográfico
Organização: SOARES, 2016.

A escolha de uma análise cultural de cunho etnográfico, utilizando-se das ferramentas que a bricolagem proporciona, também decorre da possibilidade de reflexão do processo de ensino-aprendizagem, situando-o dentro de um contexto sociocultural mais amplo e por poder promover uma relação entre o que se aprende na escola e o que

se passa fora dela, bem como combinar técnicas de coleta de dados e análise. A coleta de dados ocorreu de forma participativa/cooperativa, com o estabelecimento de vínculos iniciais por meio da identificação das preferências musicais juvenis, para conhecer mais e melhor os sujeitos da pesquisa e as formas como a linguagem musical os interpela, produzindo sentido.

Tura *apud* Paraíso (2016, p.1504), ao abordar o papel da etnografia nas pesquisas educacionais, escreve que sua inserção ocorreu em função da necessidade que os/as pesquisadores/as educacionais sentiram de “se aproximarem dos ambientes escolares, do espaço de interação entre alunos e professoras, das condições concretas de realização do ensinar e do aprender”. As mudanças culturais ocorridas com a globalização fizeram emergir a necessidade de análise das causas do fracasso ou do sucesso escolar. Pretendendo não apenas o sucesso escolar, mas também a apreensão espacial por parte dos estudantes, sigo esse caminho teórico-metodológico entretecendo a interdisciplinaridade característica da etnografia, que possibilita a análise de um grupo cultural.

O ato interpretativo ocorre no movimento para compreender os significados e sentidos expressos pelos diferentes sujeitos para entender como constroem suas interpretações da realidade (KINCHELOE, 2007). A bricolagem possibilita esse ir e vir no decorrer do percurso investigativo, possibilitando o entretecimento. Entretecer significa *vamos tecer juntos*, tecer entremeando. O entretecer fundamenta uma concepção de pesquisa que pretende construir a partir de uma perspectiva crítica, questionadora e dialógica. Tecer juntos, entremeando, numa produção coletiva de conhecimentos, que contempla múltiplas perspectivas, bem como o ir e vir, o relativo, o temporário e o imprevisível da complexidade contemporânea (KINCHELOE, 2007). A partir dos pressupostos teórico-metodológicos que subsidiam a bricolagem na investigação, exponho o tecer dessa colcha!

Nessa pesquisa educacional, o referencial investigativo da etnografia e uso das ferramentas da bricolagem possibilitam que, enquanto pesquisadora, venha a ser provocadora de questões pontuais sobre a vida dos jovens, convidando-os a pensar sobre o sentido de suas práticas cotidianas (OLIVEIRA, 2008).

A *costura musical* para compor a *colcha de retalhos*, que poderá *aquecer* as aulas de Geografia com novas práticas pedagógicas tem suas estratégias, métodos e materiais empíricos baseados no mapa conceitual da Figura 2.

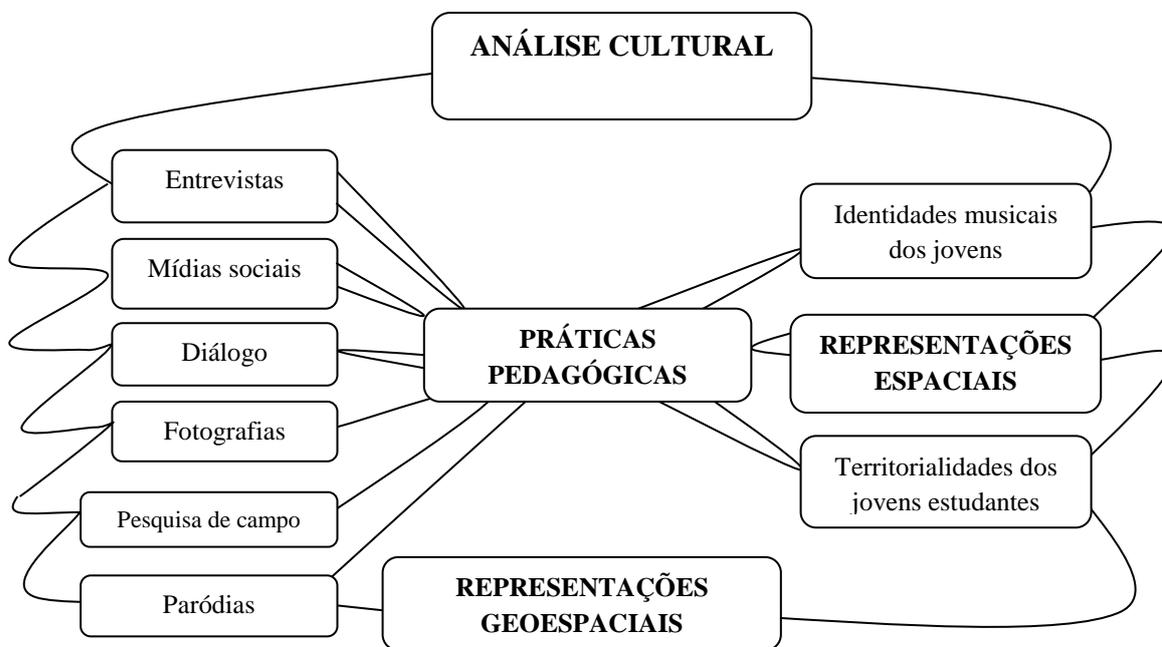


Figura 2: Entretecer da pesquisa
Organização: SOARES, 2016.

Refletir sobre o cotidiano na periferia urbana produz sentido ao ensino da Geografia contribuindo para uma análise cultural de cunho etnográfico. Essa relação pode ser reforçada por Lippi e Neira (2012):

O bricoleur interpretativo entende que a pesquisa é um processo interativo influenciado pela história pessoal, biografia, gênero, classe social e etnia, dele e daquelas pessoas que fazem parte do cenário investigado. O produto final é um conjunto de imagens mutáveis e interligadas (p.611).

Na escola pública de periferia, percebe-se essa diversidade etnográfica e a interação que se compartilha possibilita significativamente esse processo de pesquisa. Como na bricolagem, as circunstâncias permitem que se dê forma aos métodos empregados. Acredito numa investigação que privilegie um olhar sobre a diversidade desse espaço de vivência.

Vamos tecer juntos, tecer entremeando e/ou permeando por meio de uma produção coletiva de conhecimentos respeitando a multiplicidade de perspectivas do

público envolvido e dos trânsitos presentes na complexidade contemporânea (LIPPI; NEIRA, 2012). Conforme os autores:

Mediante o entretecimento ou a tessitura de diferentes posicionamentos, a bricolagem rompe com a arrogância de uma interpretação unívoca da prática social em foco para favorecer a emergência de outras interpretações (p. 612).

Nesse sentido, os diversos posicionamentos, juvenis, meus e dos autores, possibilitam a diversidade de olhares sobre o mesmo objeto, ou seja, conhecer as interpretações dos jovens sobre a música e suas territorialidades ancoradas nos pressupostos teóricos e entretecendo teoria e vivências. Isso demonstra o melhor percurso investigativo a ser trilhado para elaboração de práticas pedagógicas, muito embora todas as descrições do mundo sejam representações e sempre há novas representações a serem construídas. Essa costura está em constante *entretecer*.

Ao abordar a concepção de juventude como construção histórica e social¹⁰, é possível compreender que diferentes pedagogias produzem diferentes sujeitos, conforme as exigências de cada tempo. Camozzatto (2014, p. 573) argumenta que: “As pedagogias parecem atuar para forjar os sujeitos do presente”. A autora diz que a multiplicação dos modos de olhar e ser olhado, de falar e ser falado, implicando numa multiplicação, mesma das diferenças, produz diversidade de nomes e lugares em que se ancoram as pedagogias. O uso do conceito de pedagogia vem sendo cada vez mais utilizado para explicar como determinados artefatos educam por meio das representações que mobilizam.

A pedagogia envolve um conjunto de saberes e práticas que interpela cada indivíduo a agir sobre si para tornar-se sujeito de determinados discursos, conforme as exigências de seu tempo, na cultura que participa e que lhe interpõe significados.

Há um conjunto de transformações socioculturais que nos interpelam incluindo os jovens que vivem esse presente de multiterritorialidades, onde a condição pós-moderna prioriza o hibridismo, o borramento de fronteiras, a descentração e a fragmentação (SILVA, 1999). Esse contexto agregou ao conceito de ‘pedagogias’ o termo ‘culturais’, devido aos múltiplos territórios, nos quais transitamos.

¹⁰ Capítulo 2 – Compondo artefatos, pedagogias e juventudes.

Camozzatto, com base em Costa (2010), discute sobre o uso do termo nos Estudos Culturais em educação, pois, segundo a autora, todas as pedagogias são culturais, visto que produzidas na cultura. Mas argumenta que o conceito tem sido útil para referir práticas culturais extraescolares que participam incisivamente na constituição dos sujeitos. Elemento que traz significação ao uso do termo nesse estudo, visto que analiso as potencialidades da música na produção de representações de mundo.

Conforme argumentado anteriormente, no entremear os solos teóricos que permeiam esse estudo, o conceito de representação constrói noções acerca da produção de sentido¹¹ quanto aos processos espaciais contemporâneos.

A música representa uma parte integrante de nossas aprendizagens, é um caminho de conhecimento, de pensamento, de sentimento (SWANWICK, 2003) ao realizar um trabalho especial a fim de que palavras e imagens visuais produzam significados, expressando discursos. A autora analisa a música como discurso e caracteriza como nos interpela:

Internamente, representamos ações e eventos para nós mesmos: nós imaginamos. Reconhecemos e produzimos relações entre essas imagens. Empregamos sistemas de sinais, vocabulários compartilhados. Negociamos e trocamos nossos pensamentos com outros (p. 23).

A partir daqui, explico os delineamentos nem tão finais desse percurso investigativo, que partiu de uma busca teórico-metodológica pela aproximação da compreensão sobre as formas como os jovens estudantes do Ensino Médio constroem suas representações para propor práticas pedagógicas em consonância com a Geografia Cultural que signifiquem o saber espacial por meio das representações e da análise territorial. Ou seja, para compreender, pela produção de significado dos sujeitos, as territorialidades espaciais de sujeitos jovens moradores da Vila Elsa, Viamão/RS, estudantes do 1º ano do Ensino Médio, na turma 1001, no ano de 2017, composta por 30 alunos, na Escola Nísia Floresta.

Um percurso investigativo que envolveu: a) a problematização do termo “pedagogias culturais”, como pulso para o movimento das metodologias por valer-se da

¹¹ Em sua Tese de Doutorado, Camozzatto discuti a representação na construção de pedagogias (em estudo).

cultura externa ao contexto escola, aquela compartilhada na cultura que interpela os jovens; b) a busca pela compreensão das representações construídas pelos jovens; c) propor práticas pedagógicas para desenvolver representações espaciais.



4. GEOGRAFANDO CULTURA E REPRESENTAÇÃO

Hey mãe!
Eu tenho uma guitarra elétrica
Durante muito tempo isso foi tudo
Que eu queria ter

Mas, hey mãe!
Alguma coisa ficou pra trás
Antigamente eu sabia exatamente o que fazer

Hey mãe!
Tem uns amigos tocando comigo
Eles são legais, além do mais,
Não querem nem saber
Mas agora, lá fora
Todo mundo é uma ilha
A milhas e milhas e milhas
De qualquer lugar

Nessa terra de gigantes
Eu sei, já ouvimos tudo isso antes
A juventude é uma banda
Numa propaganda de refrigerantes

As revistas, as revoltas, as conquistas
Da juventude são heranças
São motivos pras mudanças de atitude
Os discos, as danças, os riscos
Da juventude
A cara limpa, a roupa suja
Esperando que o tempo mude
[...]

Hey mãe!
Já não esquento a cabeça
Durante muito tempo
Isso foi só o que eu podia fazer
Mas, hey hey mãe!
Por mais que a gente cresça
Há sempre coisas que a gente
Não pode entender
Por isso, mãe
Só me acorda quando o sol tiver se posto
Eu não quero ver meu rosto
Antes de anoitecer
Pois agora lá fora,
O mundo todo é uma ilha
A milhas e milhas e milhas...
[...]

*Terra de Gigantes*¹²

¹² *Terra de Gigantes* – música da banda Engenheiros do Hawái. Disponível em: <www.vagalume.com.br> .
Acesso em 30 mar. 2017.

A música *Terra de Gigantes* foi gravada nos anos 80 pela banda Engenheiros do Hawaii. Seus arranjos musicais são influenciados pelo *rock* dos anos 60, constituíram o movimento *punk* que emergia no cenário nacional com bandas como Legião Urbana e Replicantes, entre outras. Muitas de suas composições apresentavam inquietações da juventude da época quanto às relações sociais presentes no mundo contemporâneo, como esta com a qual inicio o capítulo.

Dizer que “agora lá fora o mundo todo é uma ilha” pode significar a solidão que demonstram sentir alguns jovens no cotidiano escolar em observações feitas por mim no cotidiano da sala de aula e recreio. Bem como estereótipos juvenis elaborados pelos produtores da cultura de massas, de uma estética juvenil como a mencionada na música: “a juventude é uma banda numa propaganda de refrigerantes”.

Quase quatro décadas após a criação dessa composição musical, muito de seu contexto ainda expressa as inquietações da juventude contemporânea. Representados nos trechos “A juventude é uma banda”, “Pois agora lá fora o mundo todo é uma ilha”, o primeiro relacionado ao contexto de grupo que, ainda hoje, com o avanço das tecnologias que individualizam e segregam muitas vezes no ciberespaço das redes, continua sendo uma vontade das juventudes, o estar junto. O segundo traz justamente o contrário, a expressão ‘ilha’ mostra o isolamento daqueles jovens que não conseguem integrar-se aos grupos, ou mesmo a diferenciação dos grupos juvenis, com suas diferentes identidades.

Esse contexto, aliado à vontade de pedagogia inscrita nessa pesquisa, me conduz a ler esse texto musical como uma possibilidade para compreender melhor como o jovem estudante se percebe nesse mundo globalizado e de quais formas esse fenômeno mundial influencia em suas vidas.

Como nas outras etapas dessa pesquisa, cerca de trinta jovens estudantes participaram ativamente das discussões, suas argumentações trouxeram contribuições importantes para conhecermos mais sobre a juventude, entendendo melhor suas representações espaciais acerca da globalização da qual fazem parte.

Assim, a partir de questionamentos previamente dirigidos, discutimos o tema interpretando as respostas do grupo de jovens estudantes, como mostra a Figura 3.

Atividade de discussão e sondagem

Ouçã/leia a música: Terra de Gigantes produzida pela banda Engenheiros do *Hawai* e proponha seus argumentos acerca do tema:

Questionamentos

1. Com quais trechos da música você se identifica?
2. A letra descreve bem a juventude atual? Explique.
3. Quem seriam os “gigantes que trocam vidas por diamantes”?
4. Descreva o que você entende do trecho:
 “[...] Mas agora, lá fora
 Todo mundo é uma ilha
 À milhas e milhas e milhas
 De qualquer lugar [...]

Figura 3: Juventude e Globalização
 Organização: SOARES, 2018

Nas respostas ao primeiro questionamento, a maioria dos jovens destacou o trecho inicial da canção: “Mas, hey mãe!/Alguma coisa ficou pra trás/Antigamente eu sabia exatamente o que fazer”. Após os estudos sobre a juventude contemporânea e o diálogo com os jovens estudantes, é possível avaliar o quanto se percebem nessa etapa de transição entre a segurança familiar e a tomada de decisões que possivelmente influenciarão o percurso de suas vidas. A transição entre infância e fase adulta, a entrada no Ensino Médio e a emergência da escolha sobre a profissão a ser seguida e a inserção no mercado de trabalho, visto que poucos dos jovens sujeitos dessa pesquisa já trabalham.

Outro trecho bastante destacado, para esta mesma questão, demonstra inquietudes juvenis: “Por mais que a gente cresça/Há sempre coisas que a gente/Não pode entender”. Essa etapa de questionamentos acerca da sociedade, ampliação da visão de mundo, entre outras questões da juventude de ser percebidas nesse trecho. Quando o jovem toma consciência da organização social do mundo em que vive e encontra dificuldades em mudar determinados contextos sociais, muitas vezes pela escassa experiência de vida e conhecimento, experencia a inquietude de não conseguir entender as questões que a ele se apresentam como a precariedade da educação pública, a corrupção, a violência, a desigualdade social, as decepções amorosas.

Feixa e Nofre (2012), ao analisar a constituição das culturas juvenis, destacam elementos que contribuem para que compreendamos essas inquietudes juvenis:

su identidad se construye en la escuela, no en la calle" las culturas juveniles han aparecido, desde la Segunda Guerra Mundial, como 'rebeldes en defensa de la innovación', dando lugar a la creación de nuevas formas culturales que responde de diferente manera a las condiciones cambiantes de la vida urbana (p. 05).

As mudanças intensas que se processam na vida urbana desde a rebeldia instaurada na sociedade pós-segunda guerra influenciam nas práticas espaciais juvenis de maneira significativa, é crescente a necessidade de mudar as formas de atuar espacialmente. No contexto específico do território dessa pesquisa, a violência gerada pela desigualdade no acesso aos bens de consumo, que cada vez mais se apresenta nos centros urbanos capitalistas, é um dos fatores que mudaram as formas de produção das territorialidades juvenis nesse território.

As respostas de alguns dos jovens ao quarto questionamento referem-se à interpretação do seguinte trecho da música: “[...] Mas agora, lá fora/ Todo mundo é uma ilha/A milhas e milhas e milhas/ De qualquer lugar [...]”. Suas expressões possibilitam avaliar o quanto esse contexto urbano contemporâneo mediado pelo processo de globalização permeia seus trânsitos espaciais:

Os jovens hoje falam mais pelo celular que pessoalmente (Isabela¹³).

[...] A Internet aproxima pessoas distantes, faz a gente criar amizades novas, mas esquecemos pessoas próximas (Heloísa).

Cada um por si, isso acontece em qualquer lugar e em todo o mundo (Wesley).

Que a vida está ficando distante de tudo e só conectada [...] (Livia).

As pessoas estão todas em um lugar, mais ao mesmo tempo distantes (Talita).

Hoje em dia, com a Internet estamos todos isolados, porém conectados (Talita).

Nos aproximamos de quem está longe e nos afastamos de quem está perto (Nívia).

Souza e Brenand (2012, p.249) analisam as formas de socialização juvenis, trazendo a ideia da obsolescência de um modelo educativo de socialização. Os autores

¹³ Todos os nomes dos alunos são fictícios para preservar suas identidades. Conforme Apêndice A.

investigam a diversidade de canais de acessibilidade ao fluxo intenso de informações disponíveis, que não mais é específico da família e escola.

Essas instituições possuem suas funções delimitadas pela ordem moderna, sendo essas que promovem o acesso ao conhecimento necessário ao ingresso nos processos sociais, pois “dividem” com outros esse direcionamento às formas de saber. Dessa forma, de acordo com os achados dessa pesquisa, a indústria cultural também produz modos de ser e estar no mundo desde a década de 1950.

A constituição de saberes multiculturais, ao mesmo tempo em que produz alguma padronização dos gostos, preserva diferenças. Bauman (2004) argumenta que a solidariedade humana é a primeira baixa causada pelo triunfo do mercado consumidor. O autor trata a atual atmosfera midiática como protagonista da socialização dentro da líquida razão moderna, onde o contato humano flui pelo mundo virtual, no qual é possível substituir “fracassos”, “frustrações”, “conquistas” com a agilidade e velocidade da Internet. Parece que o meio virtual oferece uma proteção que a experiência social física não produz. Essa característica foi bastante percebida, no decorrer dessa pesquisa, por os jovens expressarem, de maneira mais efetiva, seus sentimentos pela escrita e pela rede social.

4.1. Entretecer Territorialidades e Música

Os jovens estudantes sujeitos desta pesquisa, ao serem questionados sobre suas preferências musicais, demonstram a pluralidade de *estilos* musicais em sua maioria: nacionais, de gêneros diversos, como o *Rap*, o *Funk*, o *Gospel* e o sertanejo e ainda o *Pop rock* internacional. A empolgação com que falam sobre música produz sentido pedagógico para essa pesquisa.

Como primeiro ponto no tecer dessa análise, as identidades musicais, Quadro 1, foram analisadas por meio de entrevista com os jovens estudantes, Anexos 1 e 2, para investigar expressões da linguagem – trechos das músicas – identificando elementos geográficos presentes nos textos que possibilitem uma leitura das representações culturais relacionadas à leitura espacial nesses contida, de maneira a contribuir na compreensão da leitura territorial que fazem.

QUADRO 1 - *Primeiro Ponto da Tessitura: interpelações juvenis*

PRIMEIRO PONTO DA TESSITURA: INTERPELAÇÕES JUVENIS	
OBJETIVO ESPECÍFICO	METODOLOGIA
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Entender como os jovens são interpelados pela música em seu cotidiano. ➤ Analisar se existem elementos do mundo globalizado nos textos das preferências musicais para avaliar as representações culturais e socioespaciais. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Análise das respostas da entrevista (ANEXO 1). ➤ Interpretação dos textos contidos nas músicas avaliando os elementos do mundo globalizado presentes nesses textos.

Organização: SOARES, 2017.

Com essa análise, foi possível avaliar a Geografia inscrita nas preferências musicais dos jovens estudantes. Se a representação espacial dos textos produz territorialidades espaciais e se as mesmas são locais ou globais, construindo desta forma uma compreensão acerca da territorialidade ou multiterritorialidade.

Os questionamentos relacionados aos meios de comunicação pelos quais os jovens acessaram as músicas de sua preferência contribuiram para entender como as mídias interpelam esses estudantes. Quanto às territorialidades musicais investigadas nas duas perguntas finais da entrevista, representam um caminho para compreensão sobre o papel da música em seus trânsitos territoriais.

Nessas análises iniciais, resgato o que foi exposto no início dessa escrita, quando menciono: “minha busca por um ensino da Geografia que possibilite o (re) inventar da escola como um espaço de aprendizagem, onde a expressividade de si seja possível e nesse movimento os jovens possam elaborar representações de mundo significativas, numa Geografia produtora de experiências que os permeiem, onde a música produza atravessamento nos sujeitos.

Essa compreensão tem suas raízes além do devir ensinar-aprender do cotidiano da sala de aula, mas também nas reflexões produzidas nessa formação acadêmica durante a disciplina de Seminário Avançado do Programa de Pós-Graduação em Educação/UFRGS, *A Experiência ao Infinito: variações sobre um tema caro à educação*, sob a responsabilidade da Professora Rosa Maria Bueno Fischer.

Nesses encontros, foi possível refletir sobre o quanto a academia impõe nas pesquisas o cientificismo, análise e rigor conceitual na abordagem dos objetos da pesquisa, entretanto nós, professores-pesquisadores, em especial nesse caso da educação geográfica, investigamos humanidades e nesse contexto o tema da experiência consiste num processo de subjetivação importante para elaboração de pedagogias que possibilitem arrancarmo-nos de nós mesmos com intensidade cognitiva e corpórea, desafiando nossos limites concretos, desenvolvendo formas para que não sejamos mais nós mesmos, mas outros diferentes do que éramos (O'LEARY, 2008), tanto docentes, quanto alunos. Essa reflexão traz em si a vontade de uma pedagogia que possibilite essa experiência, em que o jovem estudante de Geografia consiga construir representações espaciais, vivenciando música e território, música e territorialidade, produzindo memória pela autoria crítica.

Essa teorização foi confirmada durante o desenvolvimento e análise das entrevistas, onde os jovens estudantes representaram por meio da linguagem escrita, sua identificação, bem como o papel fundamental que representa a música em suas vidas, a importância dessa experiência em seu cotidiano, cognitiva e corporeamente, demonstrando a potência desse recurso para o desenvolvimento de pedagogias na Geografia. Destaco algumas das expressões que considero demonstrarem essa linha interpretativa, retiradas das respostas ao questionamento sobre a importância da música em suas vidas:

A música me traz paz, muita alegria, faz a gente querer dançar (Helen).

Me traz paz e me deixa feliz (Tânia).

A música me transmite paz, me faz sentir felicidade (Giovana).

Ela muitas vezes me acalma, anima (Natália).

Muita importância, pois ela me deixa feliz (Tássia).

Me deixa mais feliz (Natália).

Me tira da realidade, fazendo meu dia mais divertido (Natália).

Eu me sinto leve e feliz quando ouço música, como se ela me entendesse (Kimberly).

Alegro os meus dias, ou às vezes, me identifico com as tristes, quando estou para baixo (Kimberly).

São como trilhas sonoras da minha vida (Kimberly).

Eu acho que é um órgão do meu corpo, se acabar a música, minha vida acaba (Natália)!

A música eleva a minha autoestima (Aline).

Me inspira na lida campeira (Wesley).

Sendo a música produtora de experiências positivas nos jovens, uma “fuga” da realidade vivida, como demonstra a segunda frase de Natália, também pode ser uma forma para produção de reflexões acerca das experiências cotidianas nesse espaço, possibilitando o pensar reflexivo sobre as situações que se colocam em seu contexto socioespacial, tão largamente expressado por esse grupo de jovens que destacam evitar transitar por locais diferentes da escola e casa devido à violência que os cerca cotidianamente.

Foi possível verificar o quanto essa situação social influencia nos trânsitos dos jovens, levando-os a transitar quase que exclusivamente de casa para escola e vice-versa ou, no máximo, na casa de amigos.

Vila Elsa significa para esses jovens estudantes, em sua maioria, um lugar esquecido pelo poder público, cuja violência expressa nos assaltos rotineiros, tráfico de drogas, descaso das autoridades responsáveis, quanto à infraestrutura local, lixo nas ruas, falta de atividades de lazer e espaço recreativo. Esse contexto representa negativamente sua relação com esse território.

Desta forma, o papel da música na vida desses jovens se faz cada vez mais significativo. Embora os problemas locais sejam muitos, encontram no lar e na escola, espaços de constituição e atuação, à sua maneira.

Ecletismo no estilo musical é uma das características que posso destacar nessa pesquisa. Segundo o dicionário Aurélio¹⁴, “Eclético é aquele que gosta de coisas e pessoas de natureza bastante diversa.”; “Que é composto de diferentes elementos, de tendências divergentes”. Esse contexto foi verificado ao analisar as respostas às questões de número quatro a seis, Anexo 1, em que um mesmo jovem, por exemplo, identifica-se com as músicas de Pablo Vittar – *pop* e *Slipknot* – *rock*¹⁵, gostos musicais que caracterizam estilos completamente diferentes. Foram cinco os jovens que declararam identificar-se apenas com um único estilo musical, três dos jovens

¹⁴ Disponível em: www.dicionariodoaurelio.com – 06/01/17 – às 2h33 – Publicado em: 2016-09-24, revisado em: 2017-02-27.

¹⁵ Será acrescida uma caracterização dos estilos musicais.

entrevistados declararam identificar-se com dois estilos apenas: *rock*, sertaneja e *rap*, sendo que música eletrônica é o outro estilo preferido destes três jovens. Todos os outros estudantes declararam identificar-se com três ou mais estilos musicais, como mostra o Gráfico 1.

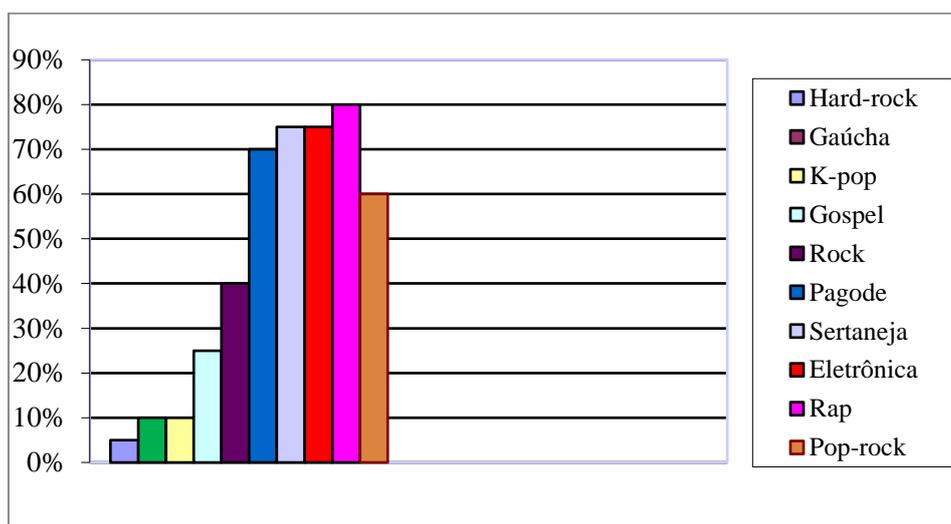


Gráfico 1: Preferências Musicais.
Organização: SOARES, 2018.

Essa diversidade de estilos musicais, além de demonstrar o ecletismo juvenil, propicia uma gama de possibilidades ao professor que pretende utilizar a música como recurso pedagógico. Por que não trazer alegria, felicidade, inspiração e tranquilidade às aulas de Geografia? Esses foram alguns dos sentimentos descritos pelos jovens estudantes ao serem questionados sobre quais sentimentos os envolvem ao ouvirem suas músicas preferidas, como mostra o Gráfico 2.

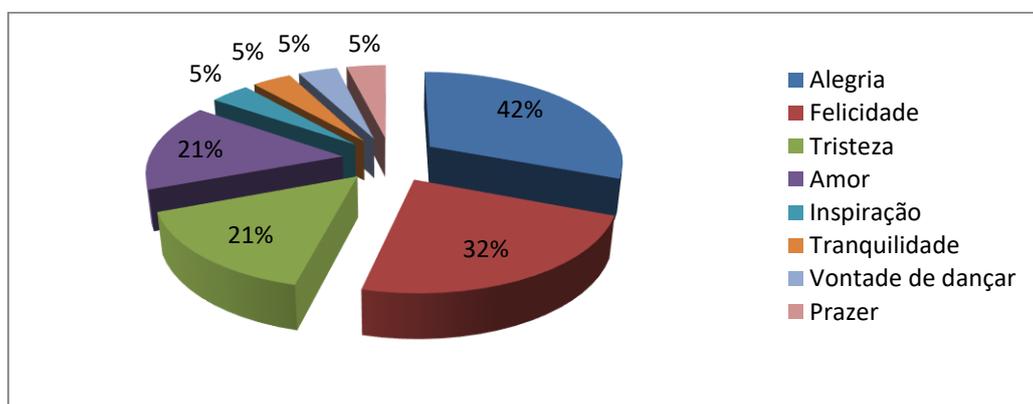


Gráfico 2: Sentimentos que envolvem ouvir música.
Organização: SOARES, 2018.

Quase a metade dos jovens que conseguiram expressar os sentimentos que os envolvem ao ouvir música responderam que sentem alegria, 42%. Mais de 30% relataram sentir felicidade. Suas respostas mais uma vez reforçam a importância da música na sala de aula. Mas é preciso cuidado, pois esse uso precisa ser desapegado de juízos de valor, uma vez que a juventude investigada nessa pesquisa é eclética e participa de um contexto sociocultural específico que, apesar de apresentar características do global, está bastante ligada às condições sociais que ali se desenvolvem. Também é há de se considerar a influência do ritmo e da melodia no processo de interpelação musical juvenil que, muitas vezes, predomina sobre as composições textuais, sobre as narrativas em si.

Conhecer essa juventude, buscando elementos presentes nos textos musicais relacionados à contemporaneidade e às formas como se significam enquanto sujeitos, significa entretecer pesquisa e ensino no processo de conhecer o sujeito aluno, para melhor mediar o conhecimento nas aulas de Geografia.

Encaminho a produção de reflexões contextuais acerca dos elementos do mundo contemporâneo globalizado que podem estar presentes nesses textos como, por exemplo: consumo, desigualdade social, espaço urbano, territorialidades, questões importantes para a construção do saber geográfico, que busca analisar como a interface do local com o global interpela esses jovens produzindo territorialidades. Tudo isto não emerge fora do processo da história, pois suas identidades são moldadas pelos inter-relacionamentos nas teias do poder (LIPPI; NEIRA, 2012, p. 612).

Teias de poder que são marcadamente interpeladas pelo consumo. Marcas expostas nas letras de algumas das preferências musicais de alguns dos jovens estudantes. Para essa primeira análise textual, inicialmente dos textos inscritos nas preferências musicais juvenis, selecionei aqueles relativos aos estilos musicais que, no decorrer das análises e conversa com os estudantes, demonstraram apresentar o conteúdo mais em sintonia com o estudo que se objetiva nessa escrita, mas também pelo significativo percentual de jovens que se identifica com esse estilo, o *rap*— cerca de 80%, como mostra o gráfico 1. Sendo assim, destaco três desses textos: o da música Muleque de vila, do *rapper* Projota¹⁶; *Kush*¹⁷ do *rap*¹⁸, do grupo de *rap* Cacife Clandestino e Você Vai Entender do grupo de rap 1 kilo¹⁹.

¹⁶ Música: Muleque de Vila. Composição: Dan Valbusa / Pedro Dash / Projota – Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/projota/muleque-de-vila>; Acesso em: 02 jul. 18.

Muleque de vila

Eu falei que era uma questão de tempo
 E tudo ia mudar, e eu lutei
 Vários me disseram que eu nunca ia chegar, duvidei
 Lembra da ladeira, meu?
 Toda sexta-feira meu melhor amigo é Deus e o segundo melhor sou eu

Eu tanto quis, tanto fiz, tanto fui feliz
 Eu canto Xis, canto Péricles, canto Elis
 Torcedor do Santos, desse pão e circo eu também quis
 Não ser feliz, mas geral merece não ser infeliz

Prosperei com suor do meu trabalho
 Me guardei, lutei sem buscar atalho
 E sem pisar em ninguém
 Sem roubar também, então sei
 [...]

Deus olhou pra mim, disse assim: Escuta, neguim
 Pegue esse caderno e escreve cada folha até o fim
 Eu disse: Senhor, sou tão tímido, sinto 'mó' pavor
 Só no subir no palco a perna congelou

Mas rodei o Brasil, CD na mochila foi 50 mil
 Mão em mão, na rodoviária passando 'mó' frio
 Quem viu, viu, Curitiba, meu tesouro, foi estouro
 25 mil, tio, DVD de ouro

Triunfo bombou, Leandro estourou, Michel prosperou
 Dei valor, só trabalhador, homens de valor
 Minha cor não me atrapalhou, só me abençoou
 Quem falou que era moda, hoje felizmente se calou

Vai, vai lá, não tenha medo do pior
 Eu sei que tudo vai mudar
 Você vai transformar o mundo ao seu redor
 Mas não vacila, muleque de vila, muleque de vila, muleque de vila
 Não vacila, muleque de vila, muleque de vila, muleque de vila
 (*Refrão*)

Já fui vaiado, já fui humilhado, já fui atacado
 Fui xingado, ameaçado, nunca amedrontado
 Aplaudido, reverenciado, homenageado

¹⁷ A expressão tem origem na parte sul da antiga região africana conhecida como Núbia, era chamada de Kush (ou Cush). Esta área é agora parte do Sudão. Kush era também o nome de dois poderosos reinos núbios que estenderam sua influência ao antigo Egito que ficava ao norte.

A Núbia, que oferecia recursos como ouro, marfim e granito, chamou a atenção do Egito no final do quarto milênio antes de CRISTO. Os faraós egípcios (reis) lançaram militares. In: Enciclopédia Britannica. Disponível em: https://translate.googleusercontent.com/translate_c?depth=1&hl=pt-BR&prev=search&rurl=translate.google.com.br&sl=en&sp=nmt4&u=https://kids.britannica.com/students/article/Kush.html - Acesso em 29 jul 18.

¹⁸ Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/cacife-clandestino/kush.html> - Acesso em 02 jul 18.

¹⁹ Disponível em: <https://www.vagalume.com.br//1kilo/voce-vai-entender.html> - Acesso em 08 jul 18.

Premiado pelos homens, por Deus abençoado

Avisa o Rony que hoje é nós, não tem show, tô sem voz
 Se o Danilo não colar, vou buscar de *Cross*
 Se o Marques chegar, grita o Magrão, liga, mó função
 Tem churrasco, sem fiasco, tira espinha do salão

Já cantei com Mano Brown, com Edi Rock, com Helião
 Com D2, com MV, dei um abraço no Chorão
 Aprendi fazer *freestyle* no busão
 Hoje é o mesmo *freestyle*, só que a gente faz no fundo do avião

E hoje eu acordei chorando porque eu me peguei pensando
 Será que lá de cima a minha véia segue me olhando?
 Será que se me olhando, ela ainda tá me escutando?
 Será que me escutando, ela ainda tá se orgulhando?

[...]

Mais ninguém se liga mais, mais ninguém respeita os pais
 Mas pra mim tanto faz porque ainda tem Racionais
 Pra quem quer um diferente, tem Oriente e *Haikass*

Raps nacionais, rostos diferentes, mesmos ideais
 Salve, Sabota, e todo rap sem lorota
 Os mano gosta de ir no Twitter xingar o Projota
 Mas trai a mulher e não abraça a mãe, faz uma cota

Desde os 16 tô aqui, outra vez, vou sorrir
 Vou cantar, vou seguir
 Vou tentar, conseguir
 Se quer falar mal, fala daí
 Mas meu público grita tão alto que já nem consigo te ouvir

Olha lá o outdoor com o meu nome
 Me emocionar não me faz ser menos homem
 Se o diabo amassa o pão, você morre ou você come?
 Eu não morri e nem comi, eu fiz amizade com a fome

[Refrão]

A canção está entre as composições de *rap* preferidas de quase 80% dos jovens estudantes que se identificam com esse estilo musical, a temática da música apresenta uma relação significativa com a leitura que faremos acerca do grau de pertencimento ou não-pertencimento dos jovens para com o lugar em que vivem. A composição fala dos desafios de ser um ‘muleque de vila’, o jovem descreve sua jornada para alcançar o tão sonhado sucesso, bem como as dificuldades no decorrer do percurso, com trabalho, sem roubar ou ‘pisar’ em ninguém, com fé em Deus. Valoriza a música, seus principais expoentes e a dança (*Freestyle*²⁰) característica do Movimento *Hip Hop*, como essa composição. Essa ligação com o movimento cultural e a busca da fama demonstra ser a

²⁰ Estilo livre – dança de rua

ligação com o mundo contemporâneo globalizado, onde o sucesso relacionado a essa forma de arte se dissemina com status de ascensão social.

O *rap* traz esperança a uma juventude com perspectivas que dependem grandemente de esforço pessoal individual. Mas alguns textos valorizam extremamente o consumo, as marcas que definem padrões, distantes das possibilidades financeiras, a linguagem produz representações, ter para ser.

Kush do rap

De Air Max e Polo
 Rolex de chefe e a grana no colo
 Qualidade é logo
 Pique Jet Life
 O lucro é em dobro
 Como Ninety Nine
 No óleo eu molho o *kush*
Click clack
 No estilo cheque mate
 Aplico o Royal Flush
 A rua é o habitat
 Tic tac
 São tarde da noite
 tô firme até hoje
 De *BMW* de rolé pela área
 Nunca foi fácil e o tempo não para
 A corrente pesa e a peça é cara
 [...]

Eu quero fazer grana
 De gente grande
 Vida bandida
 Eu e minha gangue

Menores infratores
 Num circo de horrores
 Cozinhando a escama
 Pra retorcer suas dores
 O diabo é a pedra
 A ponte pra um caixão sem flores
 Retrato o que acontece
 Pra quem vive os bastidores
 Na função dos doze
 Comandando a noite
 Controlando a crise
 Porcos no açoite
 Melhor medicamento
 É o que eu vendo aqui

[...]

E dez celular
 Porto o kit
 Pago o cache dos cop
 No patamar de elite
 Empinando os malote
 Na festa nois é vip
 Mas me lembro de ontem
 Quem tava comigo?
 Quem segurou a bronca
 [...]
 Um bom advogado quando foi preciso

Quero fazer grana de gente grande
 Vida bandida eu e minha gangue

Fumando kush nas ruas mais pesadas
 Fé em Deus e não tememos nada
 [...]

A letra da música expõe o orgulho em possuir artigos desejados, desejo instigado, necessidade criada, independente das formas necessárias para obtenção dos objetos de consumo. O desejo cria a necessidade e a ação decorrente dessa vontade, muitas vezes, não condiz com o que a maioria de nós, seres sociais, consideramos correto, moral e ético. Obter a qualquer custo bens de consumo tem se demonstrado comum na contemporaneidade, onde a desigualdade no acesso a eles cresce significativamente e, com isso, ocorre exclusão social. A importância desse saber para docentes pesquisadores pode contribuir para que possamos atuar como mediadores do que está posto em decorrência da emergência do capital, que ocasiona relações sociais fluidas e carentes de reflexão.

A terceira letra de *rap* que selecionei pela recorrência nas preferências desse grupo foi a música composta pela banda ‘1 kilo’, uma das bandas cariocas com as quais se identificam. Essa composição expressa um pulso pela mudança. Segundo os jovens estudantes, age como motivação para seguirem lutando apesar das dificuldades que enfrentam em seu cotidiano.

Você Vai Entender

Eu me esquivei de todas marteladas
 Entre todas opções tô na mais arriscada
 Meus irmãos na luta iluminando cada passo
 E mesmo quando me sentia só, havia alguém ali
 Eu peço proteção a todos os meus

Ouço reclamações e o mundo continua igual

A força que eu peço a ti
 A calma que eu peço a ti
 A benção que eu peço a ti
 (Ó Deus eu sei que cê vai entender)

Refrão

Ó Deus que palhaçada tem ai pra mim?
 Que desapego vou ter que aprender?
 O que é que mais vou precisar passar?
 Quem mais vou precisar esquecer?
 Eu tô Morgado, tô meio deprê
 E se te ofende quando eu fervo
 se eu escuto um papo errado
 [...]

Redescobrimo meu eu
 Eu perguntei para Deus
 Porque me deu o livre arbítrio de
 escolher o que é meu
 Porque o senhor me escolheu?
 Se quem tinha que escolher era eu
 Se carregava ou não o fardo de ter
 que ser um dos seus
 Não sou rosa, não sou pura
 Não sou dele, não sou sua
 Meu caminho tem mais espinhos que a
 própria rosa nua
 Na rua vago me fazendo perguntas
 [...]

A vida curta, a chance é única
 De fazer a diferença ou então ser mais uma
 [...]

Da força de vontade, que um dia
 ultrapassa a lua
 [...]

(Refrão)

Tem noite que eu nem durmo
 Só peço a Deus progresso aos meus
 Rumo ao topo do topo do jogo
 Luto muito mano, mas ainda é pouco
 Vamos a vida é um sopro e tudo passa
 O que fica é seu legado
 Faça algo concreto ou vire fumaça
 Assumo, sou tão focado que eu nem fumo

Só verso, nem durmo
 e o vizinho reclama do barulho braço
 É fácil falar do bagulho
 Se eu fosse famoso cê comprava ingresso, certo
 Pra escutar esse mermo barulho
 Que hoje eu faço com orgulho
 O que eu passo no mundo eu expresso
 tudo nos versos
 E se Deus não quisesse que nascesse mudo
 Certo pelo certo né mano
 Sigo cantando, musicando a vida
 Eu juro, até meu último suspiro vai sair rimando
 Eles querem eu cego e surdo
 Nesse mar que eu navego
 Há vários anos e não afundo nesse oceano de ego
 Traga paz que eu planto e rego
 Quero mais pelo o que eu prego
 O sistema quer você burro, seja martelo
 e não prego
 Avesse de tudo, não atendo a demanda, encomenda
 É fardo que eu carrego
 Pássaro preso em gaiola não canta, lamenta
 Eu vou voar pelo mundo

 Tu pode até tentar tirar minha razão
 Tu pode me pisar, e evitar minha canção
 Mas tu não pode evitar que eu toque seu coração
 Tu não pode calar o grito de uma geração

A fé em Deus é uma das formas com que muitos dos jovens se apegam como uma alternativa a essa exclusão socioespacial a que estão sujeitos, tanto no *rap*, como podemos perceber em vários trechos da composição, quanto frequentando igrejas e templos. Mas percebe-se também a importância do rap como uma forma de expressar as mazelas sociais a que todos estamos sujeitos enquanto moradores das periferias desse país. Haesbaert (2006), ao abordar as dinâmicas contemporâneas da exclusão, analisa como esse processo social constitui aglomerados de exclusão territorial:

[...] toda a exclusão social, é também, em algum nível, exclusão socioespacial e, por extensão exclusão territorial – isto é, em outras palavras, “desterritorialização”. Desterritorialização, aqui, é vista em seu sentido “forte”, ou aquele que podemos considerar o mais estrito, a desterritorialização como exclusão, privação e/ou precarização do território enquanto “recurso” ou “apropriação” (material e simbólica) indispensável à nossa participação efetiva como membros de uma sociedade (p. 315).

O contexto da desterritorialização esteve presente na leitura que os jovens fazem do território que ocupam, das paisagens com as quais não se identificam. Suas representações culturais foram construídas no seio dessa exclusão socioespacial, resultante dos processos de constituição dos aglomerados urbanos periféricos à capital riograndense.

Para Haesbaert (2006):

A aparente desordem que rege esta condição, num sentido negativo de desordem, é fruto da não identificação dos grupos com seu ambiente e o não-controle do espaço pelos seus próprios “usuários”. De qualquer forma, é como se o “vazio de sentido” contemporâneo reproduzido na abordagem sociológica pela controvertida noção de “massa” tivesse sua contrapartida geográfica na noção de aglomerados de exclusão (p. 327).

Expressão como “somos da vila” (Cristiano), utilizada de forma pejorativa para explicar modos de ser jovem na periferia ou impossibilidade de desenvolver práticas espaciais externas ao contexto da escola ou casa, demonstra um pouco da não identificação dos grupos com seu ambiente excludente.

Mas a música, nesse contexto, constitui a ligação da juventude da periferia com o global, mediada pelo rádio pelo qual circulam esses textos, carregados de representações culturais e identidades.

O Segundo Ponto da Tessitura exposto, Quadro 2, consiste na investigação sobre as territorialidades que os jovens compartilham a partir da música.

QUADRO 2 - *Segundo Ponto da Tessitura: territorializando musicalmente*

SEGUNDO PONTO DA TESSITURA: TERRITORIALIZANDO MUSICALMENTE	
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	METODOLOGIA
Delimitar as práticas espaciais compartilhadas local e globalmente, a partir da música.	Investigar os principais lugares nos quais os jovens ouvem ou se relacionam tendo a música como elemento de ligação por meio de entrevista (ANEXO 2).

Organização: SOARES, 2017.

A imersão na etnografia educacional consistiu em rodas de conversa com os alunos, observações e análises desses momentos, registrados em diários de campo

informais para reflexão minha. As entrevistas por meio de questões previamente estruturadas foi o procedimento de coleta de dados encaminhado nessa etapa da investigação.

As perguntas elencadas para essa parte da investigação foram elaboradas com o intuito de estabelecer uma relação entre o ato de ouvir música e o lugar onde essa prática é desenvolvida, avaliando assim as práticas espaciais juvenis relacionadas à música. Resgatando a leitura feita por Garbin e Pereira (2014, p. 88) sobre a música “operar como uma espécie de fio, de eixo, que vai de casa para a escola e para onde quer que os jovens se desloquem”, observações que faço no decorrer da docência reforçam esse olhar das autoras e, ao analisar as respostas, confirmei essa leitura.

Na escola podem ouvir suas músicas preferidas, baixadas pela *Internet* em suas residências, nas de amigos ou amigas ou nas *lan houses* locais, fazem assim sua ligação com o mundo globalizado interligado por esses veículos de comunicação. Entretanto, um número significativo de alunos não possui conexão 3G ou 4G em seus telefones celulares. O acesso às músicas ocorre predominantemente via rádio, gráfico 3, o que chamou atenção, pois deduzia até então que seria pela *internet*, pelos diversos sites de músicas que existem como *You tube* ou *Spotify* , porém a distribuição desigual no acesso às redes, mais uma vez, demonstrou essa realidade do mundo capitalista.

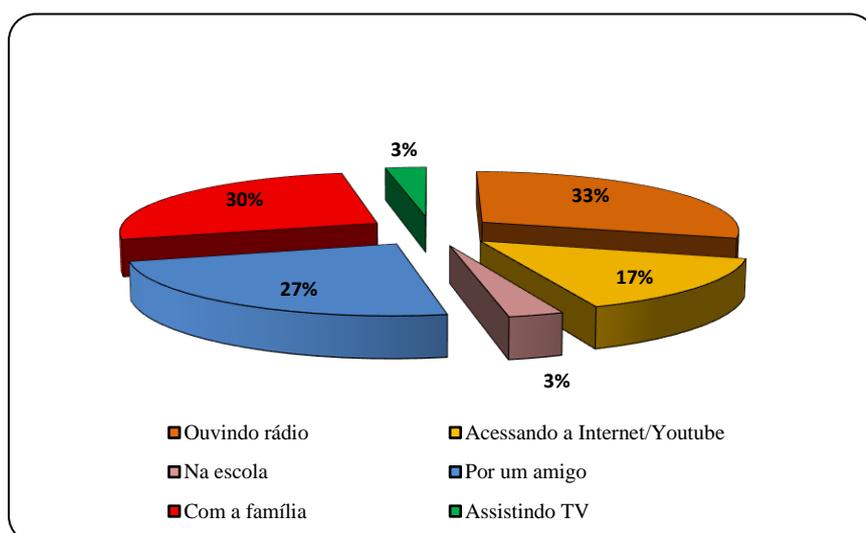


Gráfico 3: Mídias de interpelação.
Organização: SOARES, 2018.

As entrevistas desenvolvidas com os jovens estudantes integralizam um total de vinte. A leitura do gráfico 3 contribui para análise das territorialidades no acesso à

música por esse público, com a família ou com os amigos. Essa questão foi incluída na entrevista com o objetivo de entender como esses jovens são interpelados pela música que se tornou sua preferência no momento dessa pesquisa, pois os gostos mudam constantemente, conforme as oscilações impostas pela indústria cultural, mas também de acordo com as situações vivenciadas por esse público.

Percebe-se que ainda o lar consiste no território, no qual predomina essa ligação de interpelação cultural devido ao trânsito dos jovens não ocorrer muito além do lar, da escola, da casa de amigos, das sociais. Segundo os jovens estudantes, as sociais constituem-se em festas na casa de amigos na própria Vila Elsa, onde cada um, leva sua bebida, alcoólica ou não, colocam músicas e dançam.

O acesso ao rádio decorre de forma mais abrangente pela questão econômica. Entre os meios de comunicação de massa, o rádio ainda é o mais popular e o de maior alcance público. Isso ocorre por dois fatores congregados: o primeiro, de natureza físico-psicológica - o fato de ter a humanidade a capacidade de captar e reter a mensagem falada e sonora simultaneamente com a execução de outra atividade que não a especificamente receptiva; o outro, de natureza tecnológica - a descoberta do transistor (BELTRÃO *apud* AMARAL, 2016 p.1). Em tempos de Globalização esses jovens encontram nessa mídia a forma de integração para o 'estar na moda', ouvindo as músicas mais populares no momento, mesmo não tendo condições financeiras de acessar as mídias do ciberespaço, pois, em nosso país, a *Internet* ainda não é acessível financeiramente a todos.

Sobre as mídias pelas quais são interpelados nessas experiências culturais musicais, no gráfico 4, apresento os resultados da pesquisa relacionados às formas de acesso as músicas, rádio ou *Internet*. Dos jovens entrevistados, 45% ouvem apenas em casa com a família. As respostas dos jovens entrevistados demonstram que o rádio ainda caracteriza o tipo de mídia que mais os interpela, mesmo estes jovens pertencentes ao mundo virtual permeado pelas redes sociais²¹, ainda este meio midiático demonstrou ter maior alcance entre esse grupo de sujeitos. Por esse meio, ouvem pela primeira vez, por ele se dá a interpelação musical, de maneira mais significativa.

²¹ Leitura em andamento para conversa com o autor: Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão – *In* Geografia Conceitos e Temas – p.165-206

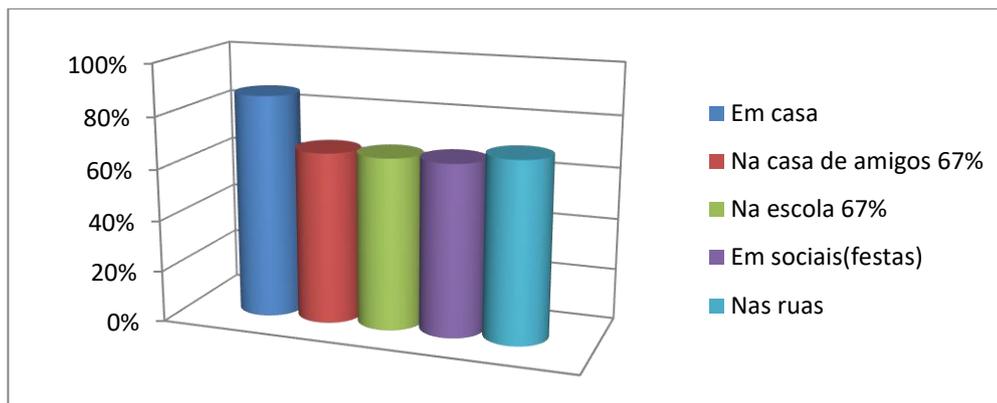


Gráfico 4: Lugares de escuta.
Organização: SOARES, 2018.

Dentre os jovens entrevistados, a maioria gosta de ouvir música e faz isso diariamente. Um dos jovens, dentre os que mais se identifica com as músicas gaúchas, ouve música apenas nos rodeios. Argumenta que nesses eventos ouve-se bastante esse estilo musical: “Nos rodeios tem bastante músicas assim por causa da lida do peão”(Wesley). Esse jovem demonstra grande identidade com a cultura gaúcha, preferência pelo estilo musical que demonstra também por sua vestimenta. Muitas vezes, frequenta as aulas vestido com bombacha, artefato característico da cultura gaúcha, afirmando sua identidade perante os demais colegas.

Feixa e Nofre (2012), quando analisam aqueles que denominam *hackers*, são referências nos movimentos antiglobalização, salientam que devemos considerar que existem certas músicas e estilos de vestir que, mesmo em meio ao contexto de globalização, oferecem características locais em contraponto a qualquer caráter transnacional. Nesses casos, o local se sobrepõe ao global predominando o aspecto localista constituindo o capital subcultural em meio à globalização.

Ao serem questionados sobre os lugares nos quais costumavam ouvir música, a maioria dos alunos respondeu que ouve em todos os lugares: em casa, na rua, nas festas, na casa de amigos e inclusive na escola. Sobre esse último lugar de escuta, destaco a seguinte fala:

[...] escuto na escola quando o texto é grande (Natália).

Copiar um longo texto! Essa prática pedagógica ainda recorrente nas escolas, de certa forma é questionada por esse jovem que necessita da fuga que a música

proporciona, de algo que representa ser trabalhoso, e pouco significativo para o aluno, a melodia da música traz esse prazer que a atividade não está proporcionando. Outras práticas são necessárias! Elaborar um texto geográfico em harmonia com um ritmo musical identitário apresenta-se como uma alternativa mais propositiva para mobilizar a aprendizagem, cuja intensidade da experiência poderá contribuir para o desenvolvimento de uma memória significativa relacionada ao conhecimento geográfico. A fala de outra jovem aluna reforça esse entendimento:

Em todos os lugares! Eu ouço, fico mais animada e me tira do tédio (Kimberly).

Como professora e pesquisadora de Ensino da Geografia, percebi que não seria suficiente apenas desenvolver metodologias para a mediação pedagógica, era necessário primeiramente conhecer esses sujeitos aos quais me reporto no fazer cotidiano da docência para, a partir dessa aproximação, analisar as potencialidades da música na promoção de práticas pedagógicas significativas.

O Terceiro Ponto da Tessitura, Quadro 3, costura-se a partir das comunicações estabelecidas via rede social. Foi criado um grupo fechado no *Facebook* e outro no *Whatsapp*, composto apenas por jovens sujeitos da pesquisa e a pesquisadora, servindo como canal de comunicação para análise de linguagens gráficas e cartográficas para discussões, questionamentos e comentários sobre as preferências musicais, mas também posteriormente para publicações de fotos e mapas da Vila Elsa.

QUADRO 3 - *Terceiro Ponto da Tessitura*: o tecer nas mídias

TERCEIRO PONTO DA TESSITURA: O TECER NAS MÍDIAS	
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	METODOLOGIA
Entender como os jovens são interpelados pela música através das mídias sociais na constituição de suas territorialidades.	Montar um grupo fechado no <i>Facebook</i> , apenas com jovens sujeitos da pesquisa, para analisar suas publicações delimitando aquelas relacionadas à expressão da musicalidade e territorialidades.

Organização: SOARES, 2017.

O objetivo inicial era observar e analisar os eventos relacionados à música que os jovens sujeitos da pesquisa compartilhavam, buscando dessa forma aproximar-me do entendimento acerca da influência da mídia nos jovens, para analisar suas territorialidades. Mas, após a imersão etnográfica onde interagi mais com o grupo, constatei que suas publicações não se relacionavam à música, mas sim a questões pessoais, como: afirmações de si, culto à autoimagem, consumo e vídeos de comédia.

Nesse devir investigativo, emerge a pergunta: os textos publicados podem expressar representações espaciais que levarão a compreender as territorialidades espaciais, locais ou globais? As postagens de momentos de lazer, na maioria das vezes, ocorreram em suas casas, nas casas de amigos da vila, reforçando os achados nas entrevistas. Muitas fotos feitas na escola, em sala de aula. Poucas foram as postagens relacionadas a fenômenos globais, mas ocorreram, relacionadas ao cinema e à música, mas restritas à videoclipes e *memes*²².

²² Postagens criadas por internautas com fotos e textos adaptados, normalmente, relativas à comédia.

4.2. Compondo territorialidades: o estudo de campo para produção musical

Por entender que a pedagogia pretendida nesta pesquisa, é geográfica e permeada pela cultura. Parto do pressuposto de que conhecer as identidades juvenis apresenta-se como pré-requisito para desenvolver práticas que alcancem esse público, em consonância com essa leitura que faço, após inicialmente ter interpretado geograficamente a musicalidade juvenil, bem como respostas aos questionamentos relacionados à música pelos jovens estudantes. Nesse momento, as imagens visuais foram agregadas à construção pedagógica para analisar a produção de sentido no território do qual fazem parte, posteriormente, agregando as palavras pela produção de textos musicais produzidos pelos alunos para ler suas territorialidades por meio da leitura das paisagens e apropriação que fazem de seu espaço de vivência.

Mas por quais razões analisar a paisagem do recorte espacial em que vivem os jovens estudantes sujeitos dessa pesquisa? Por ser uma pesquisa do campo da educação geográfica e também porque, no currículo escolar do primeiro ano do Ensino Médio, os conceitos estruturantes da Geografia apresentam-se como fundamentais para o percurso de leitura espacial que esses jovens farão ao longo desta etapa.

O desenvolvimento de práticas no ensino de Geografia que possibilitem a aproximação dos conceitos fundamentais para leitura do espaço geográfico à vivência dos alunos caracteriza-se como fundamental no atual contexto da sociedade contemporânea.

Nesse estudo tem no *Território* o “palco” das transformações, subalterno às relações de poder e das quais os alunos são sujeitos ativos modificadores conforme seus trânsitos identitários, gerando novas territorialidades.

Inicialmente formei seis grupos com cinco alunos cada, em média, para colaboração durante a pesquisa. Foi proposto aos jovens estudantes fotografar as áreas com as quais se identificavam e também aquelas que não gostavam por alguma razão. Com base na observação das fotografias e das formas como os jovens se referiam a elas, analisei os aspectos que os jovens avaliavam como qualidades do lugar e aqueles aspectos relacionados a problemas da ordem urbano-ambiental. Esse diálogo constituiu parte do conteúdo para a composição musical que posteriormente desenvolveram.

Na sala de projeção audiovisual da escola, foi projetado o mapa da Vila Elsa, por meio do programa *Google Maps*²³, para que os alunos fizessem uma análise da dimensão territorial da Vila Elsa e seus arredores. A impressão que os estudantes me causaram com seus comentários, ao observar imagem de satélite, foi de admiração, se identificaram com a imagem, queriam ver sua rua, sua casa, despertou-lhes a curiosidade.

Um dos requisitos fundamentais para que identificassem os locais de seu interesse é o de Orientação, porém muitos alunos no Ensino Médio ainda demonstram dificuldades. Percebi isso nos primeiros encontros do ano letivo. Ainda não conseguiam localizar-se espacialmente, ler um mapa e apontar onde estão, etc. Vivemos num mundo em que grande parte da tecnologia, da qual hoje fazemos uso, foi desenvolvida com base nesse conhecimento criado pela humanidade. Como, por exemplo, *Global Positioning System* (GPS ²⁴), programas como o *Google Earth*, aplicativos como o UBER, entre outros que se baseiam na localização espacial para produzir a informação.

Tocada pela prática do experimentar para se apropriar e percebendo a dificuldade, iniciei essa mediação do conhecimento em orientação geográfica já no decorrer do primeiro trimestre letivo e continuamente na espacialização dos eventos geofísicos que se costuma estudar no primeiro ano do Ensino Médio!

Formei um círculo com os alunos e pedi voluntários para posicionarem-se no centro, a seguir sugeri que imaginassem ser um relógio e que seu braço direito funcionaria como o ponteiro. Pedi que observassem o sentido em que o Sol estava posicionado, no período da manhã, que foi o turno de estudo desse grupo no ano letivo de 2017. Pela manhã, observamos esse astro no sentido Leste de onde estamos. Para localizar-se, é necessário estender o braço direito nesse sentido e o “ponteiro do relógio” gira no sentido horário (da frente do corpo para trás). Para recordar dos outros sentidos de orientação, basta ordenar a frase: “Não Leio Sem Óculos, desta forma a representação espacial é descrita assim: “N” o Norte, “L” o Leste, “S” o Sul e “O” o Oeste.

A Figura 4 consiste numa grafia lúdica para espacializar visualmente a atividade, não fazendo uso da imagem dos alunos.

²³ Tradução - Busca pelo mapa

²⁴ Tradução - Sistema de Posicionamento Global

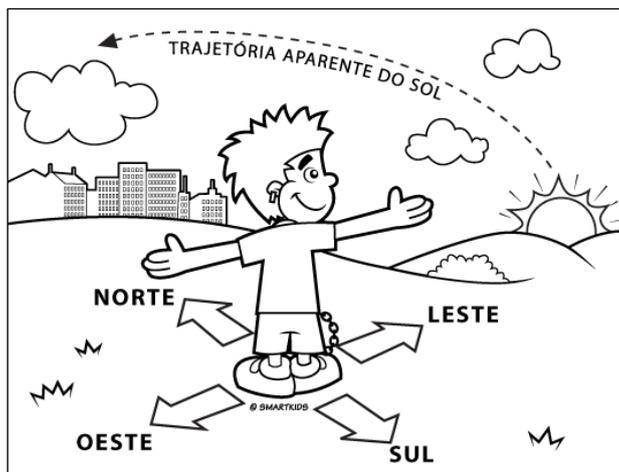


Figura 4 – Orientação

Fonte: <http://www.smartkids.com.br/video/pontos-cardeais>

Há muitos anos quando iniciei a docência, percebi a grande dificuldade que os alunos, ainda no Ensino Médio, demonstravam em orientar-se na parte da Terra em que transitavam. Foi quando desenvolvi essa atividade que, no decorrer da prática docente, tem se apresentado significativa para construção dessa noção de orientação.

Transpor essa espacialidade para a imagem de satélite da Vila Elsa e seus arredores, então projetado, foi uma experiência pedagógica significativa, como uma imersão no mapa virtual projetado na parede da sala de audiovisual. Isso porque a espacialidade real havia sido vivenciada no pátio e, durante a análise espacial visual, foram estabelecidos alguns referenciais, como a conexão entre a Rua Catulino Antunes Morem e a Estrada Capitão Gentil Machado de Godoy (em destaque na imagem), esta que faz a ligação com o município vizinho de Alvorada/RS, Figuras 5, 6 e 7.

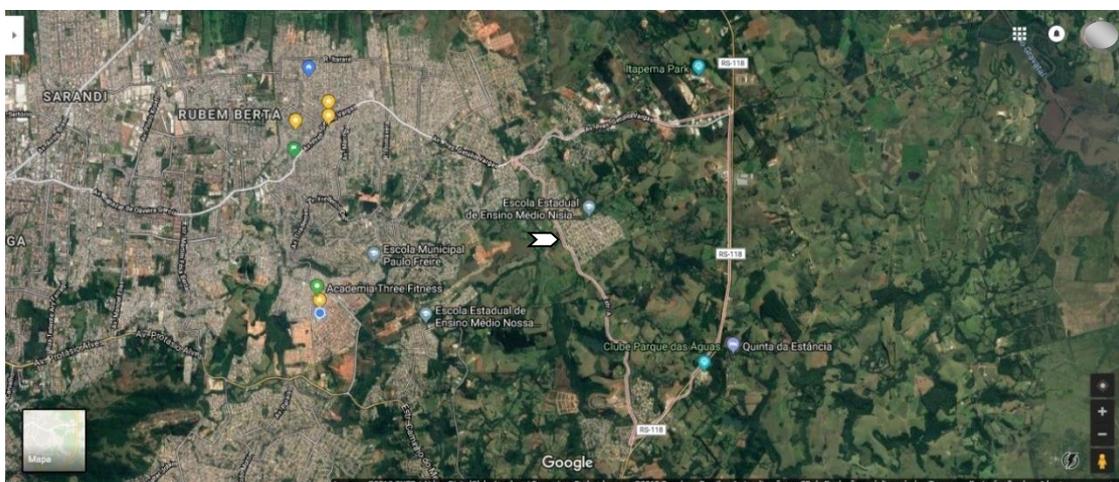


Figura 5: Vila Elsa e arredores.

Fonte: Google Maps, 2017.

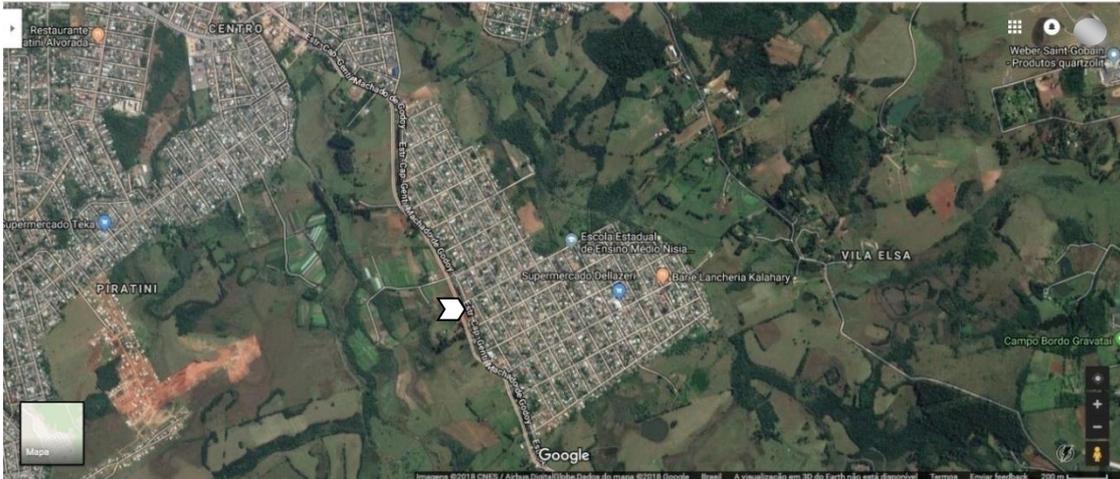


Figura 6: Vila Elsa e sua malha urbana.
 Fonte: Google Maps, 2017.

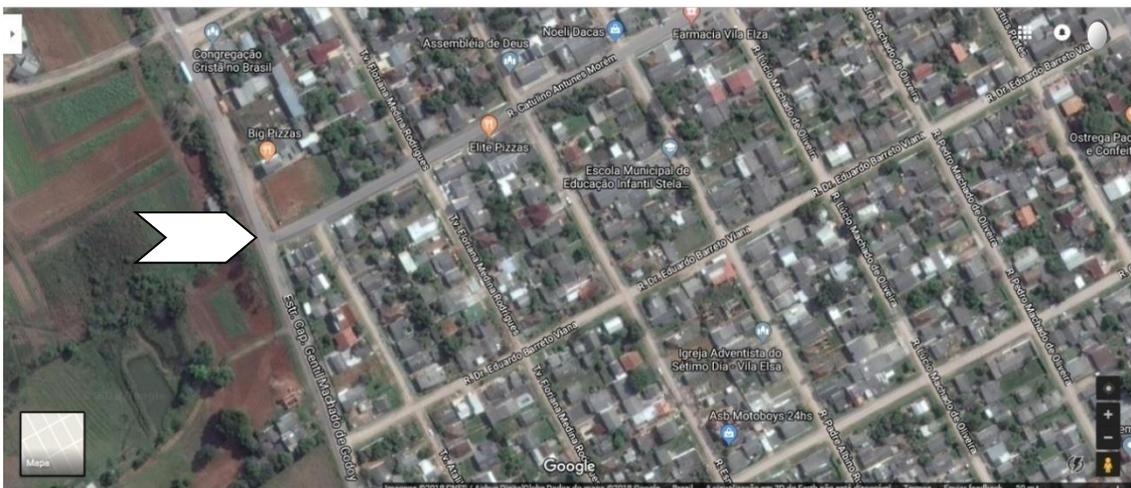


Figura 7: Cruzamentos.
 Fonte: Google Maps, 2017.

A malha urbana estende-se no sentido da cidade de Alvorada, devido à sua conexão com a zona norte de Porto Alegre, inclusive a empresa que faz o transporte de passageiros tem sua sede no município alvoradense, pela proximidade geográfica. Esse sentido do fluxo populacional diário característico dos movimentos pendulares metropolitanos interliga as cidades periféricas à capital estadual, de onde partiu essa ocupação urbana que hoje chega a Viamão, município em que se situa a escola.

Desta forma, os moradores da Vila Elsa transitam mais por Alvorada do que pela própria cidade em que residem, fatores históricos ocasionaram esse processo de ocupação. O início dessa ocupação ocorreu com o caminho de tropeiros que percorriam os caminhos de Viamão, ainda durante a colonização conduzindo gado por esse percurso. Os tropeiros saíam de Porto Alegre pelo Passo do Feijó, percorriam o Passo

dos Negros e seguiam o curso do rio Gravataí (Figura 8) para o interior do estado. Atualmente o manancial é margeado por ocupações tangenciais a RS 118, rodovia estadual situada à leste da Vila Elsa, para a qual não há acesso pela vila.

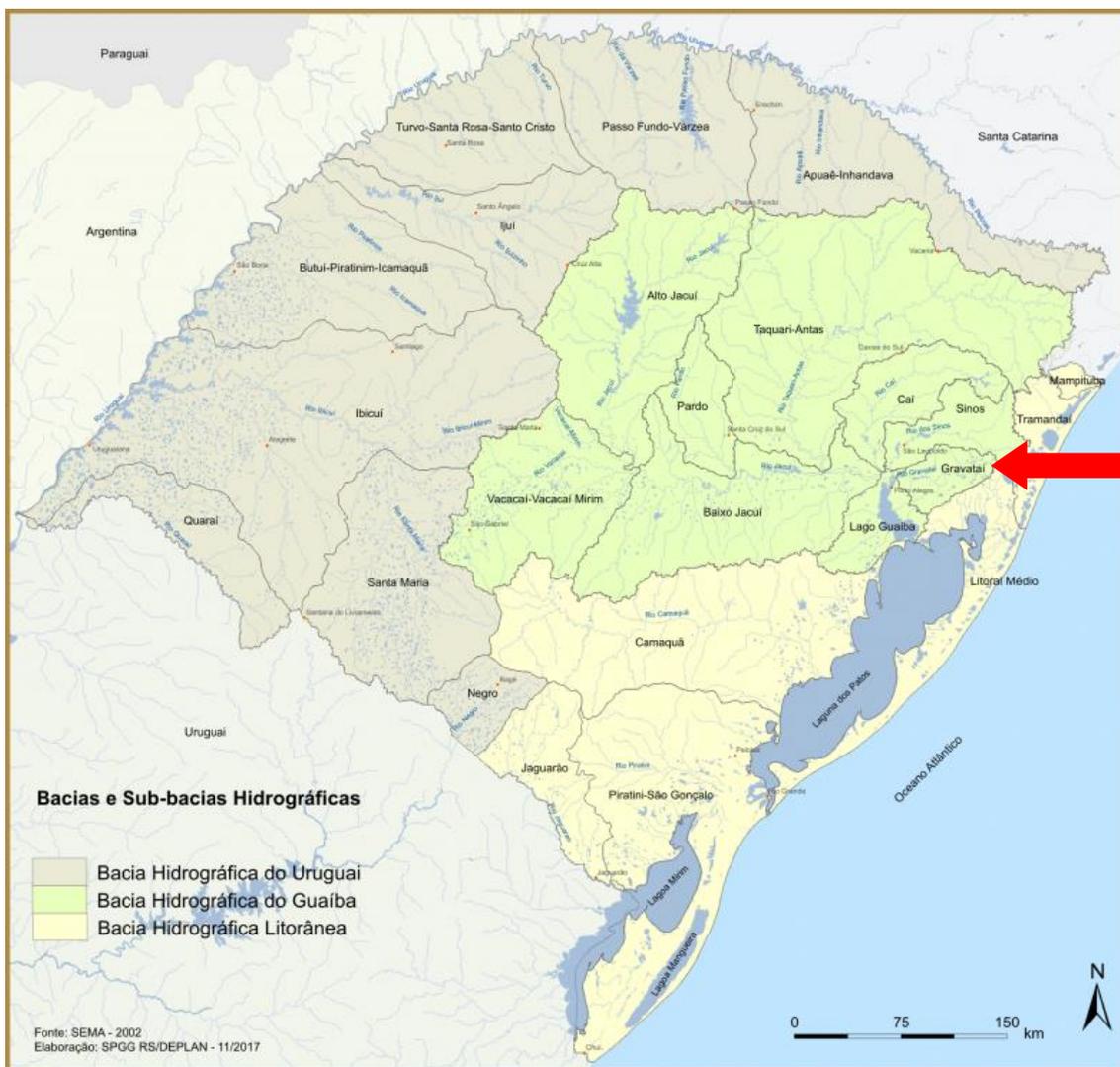


Figura 8: Mapa do Rio Grande do Sul com destaque para a sub-bacia do rio Gravataí.

Fonte: <https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/bacias-e-sub-bacias-hidrograficas>. Acesso em: 13 Out. 2018.

O curso do rio Gravataí que deságua no Lago Guaíba (Porto Alegre), caracteriza o elemento natural que desencadeou todo esse processo de ocupação inicial, constituindo essa região metropolitana, que com o processo de industrialização e o êxodo rural decorrente, a partir da década de 1950, evoluiu de caminho do gado, para deslocamento pendular de moradores da periferia metropolitana, cidades adjacentes para o centro econômico, a capital.

Observando a figura 9, pode-se ter uma idéia da dimensão desses fluxos metropolitanos e formas de ocupação dessa malha urbana rio-grandense. A mancha próxima ao limite nordeste do município de Viamão ilustra a área urbanizada da Vila Elsa, quase que interligada ao município de Alvorada e distante da malha urbana do município que faz parte.

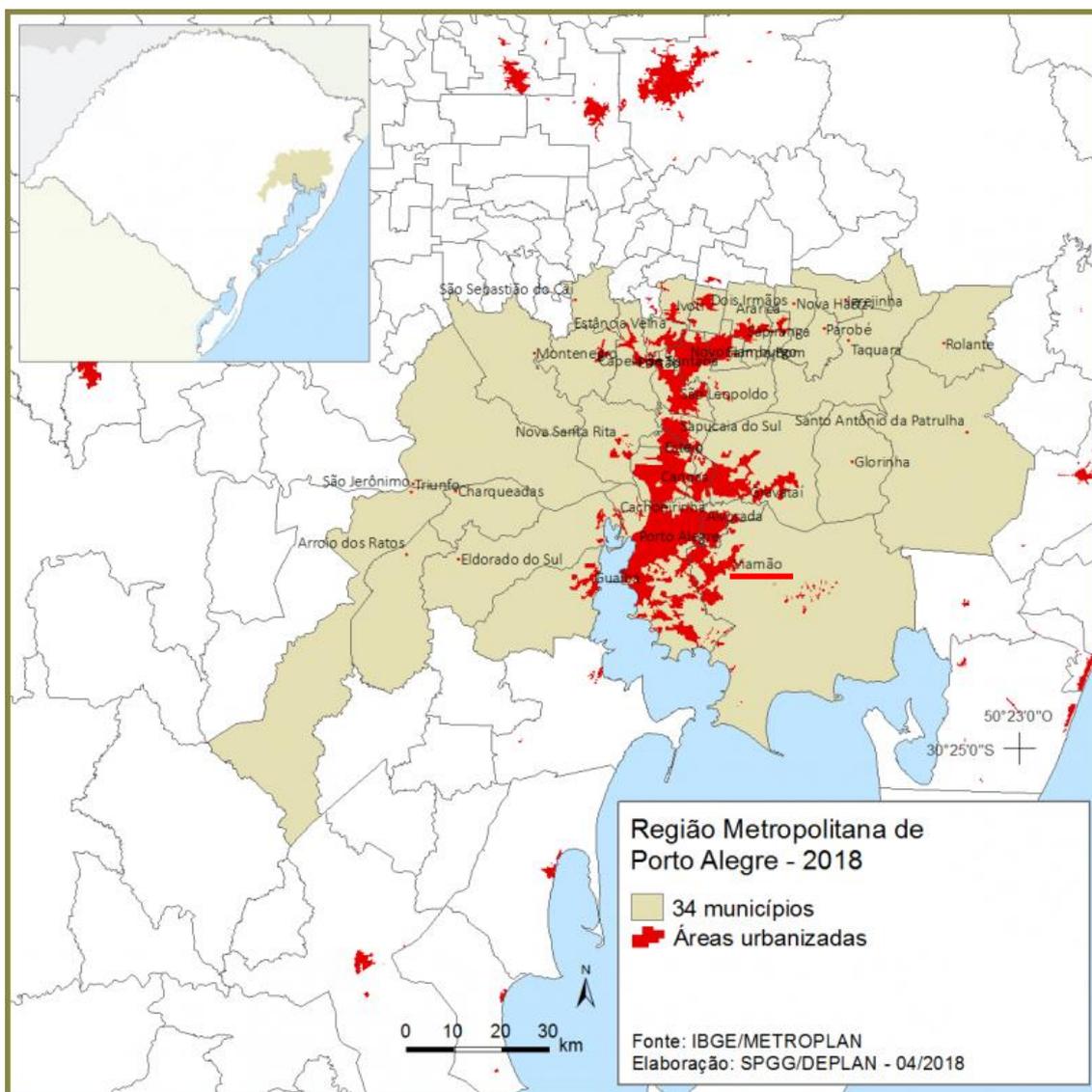


Figura 9: Mapa da Região Metropolitana de Porto Alegre com destaque para as áreas urbanizadas. Viamão em destaque a sudeste.

Fonte: <https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/midia/imagem/mapa-rmpa>. Acesso em: 13 Out. 2018.

Essa conexão com Alvorada gera um trânsito maior por este município do que pela própria Viamão. Sendo assim, ao ouvirem o questionamento: O que seriam esses espaços em tom acinzentado? Logo, relacionaram a localização da Vila Elsa em

conexão com o de Alvorada, acredito que o conhecimento sobre orientação construído, a leitura da imagem de satélite e o percurso percorrido, quando se deslocam para a capital, possibilitou essa espacialização em suas interpretações.

A Estrada Capitão Gentil Machado de Godoy é o limite entre os municípios de Viamão e Alvorada. Alguns alunos observaram que a localização da Vila Elsa pertence a uma parte de Viamão pouco urbanizada, não tinham ideia dessa dimensão antes de analisar essa imagem.

Optei pela exposição dialogada das imagens da Vila Elsa porque, quando falei que trabalharia com música, muitos demonstraram interesse, mas, no momento em que disse que a música teria como tema a Vila Elsa, logo surgiram comentários como:

Não tem o que falar desse lugar (Hugo)!

Não tem nada de bom para falar (Angela)!

Vamos falar de tráfico e roubos (Wesley)?

Argumentei que nosso estudo possibilitaria que analisássemos os problemas e posteriormente buscássemos soluções, também serviria para entendermos sobre ocupação urbana, migrações, movimentos populacionais e que, no decorrer desse processo, certamente encontraríamos algo de bom na Vila Elsa.

A possibilidade de “construir conhecimentos a partir de múltiplas vozes [...] quais experiências sociais influenciam os olhares sobre o fenômeno investigado [...] ouvir diversas explicações sobre o objeto para que o pesquisador possa percorrer inúmeros caminhos [...]” (KINCHELOE, 2007, p.611). Trago novamente esta citação, pois, nesse momento da pesquisa, houve a necessidade de ouvir outras vozes, aquelas dos moradores mais antigos da Vila, seus familiares e vizinhos mais idosos, aqueles que, no decorrer da vida de meus jovens estudantes, lhes deram explicações sobre esse lugar, decorrentes de sua vivência no local.

4.2.1. Pesquisa de campo com antigos moradores da Vila Elsa

Após alguns encontros nos quais debatemos os movimentos populacionais e a formação das regiões metropolitanas, estudando o caso daquela que tem como núcleo a

capital gaúcha, elaborei questionamentos que eram do interesse dos alunos, mas que também seriam importantes para entender o território, as razões dessa aglomeração humana, buscando conhecer para construir territorialidade pela apropriação, baseada nas histórias de vida dos familiares e vizinhos dos estudantes, Anexo 3. A pesquisa então foi feita pelos grupos de alunos na própria comunidade, cada grupo entrevistou três moradores²⁵, servindo como interpretação, contribuição para uma leitura socioespacial do território, dos seus agentes e das transformações. Os alunos questionaram sobre os motivos que levaram as pessoas a escolher a Vila Elsa para morar, as transformações percebidas no território, se desejavam continuar vivendo ali, ocupação, nível de escolaridade, práticas cotidianas. Após as entrevistas, foi proposto aos alunos que analisassem as respostas obtidas com base em duas perguntas norteadoras – As opiniões são semelhantes à opinião dos alunos do grupo sobre o lugar? O grupo propõe soluções aos problemas apontados?

Destaco algumas das respostas que convergem entre os dois públicos, jovens e idosos, dentre as quais, considero mais significativas para esse estudo:

É difícil o acesso até a vila (Manoel).

A Vila Elsa teve poucos investimentos (Maria).

A grande maioria das pessoas trabalha fora da Vila (João).

Na Vila Elsa tem diversidade religiosa (Loiva).

A Vila se tornou um lugar complicado de viver (Manoel).

A Vila Elsa tem seus pontos positivos e negativos, assim como qualquer lugar, mais está mais para o lado negativo (Larissa).

A Vila Elsa possui uma grande vegetação, o que trás um ar puro e um clima agradável, se comparado a grandes centros urbanos (Elaine).

A Vila Elsa é um lugar bem esquecido (Maria).

Ao analisar as respostas, é possível perceber que predominam características negativas relacionadas à infraestrutura, à necessidade de deslocamentos devido à falta de oportunidade de emprego no local, bem como o descaso do poder público com o

²⁵ Por ser uma análise cultural, priorizamos a qualidade, não a quantidade, por isso o mais significativo são as representações expressas pelas palavras dos moradores, não o número de moradores entrevistados.

lugar, relações de poder que se estabelecem nas periferias metropolitanas brasileiras. Entretanto, um dos destaques que pode agir como produtor de uma possível identidade territorial: o ambiente proporcionado pela grande área verde que circunda o aglomerado. Esse aspecto foi bastante destacado pelos jovens ao proporem lugares da Vila Elsa que seriam escolhidos para fotografar, que gostavam de estar, nos quais se sentiam bem em transitar ou permanecer por algum tempo, paisagens que gostam de admirar por suas características naturais.

As representações que a comunidade faz de seu território contrapondo com as dos jovens estudantes, bem como sua reflexão, estabelecem-se nessa parte do percurso da pesquisa para que seja possível analisar as territorialidades e também para contribuir na elaboração da composição musical pelos alunos.

No Quadro 4, destaco os problemas apontados pelos entrevistados e que os alunos discutiram nos seus grupos considerando pertinentes e convergentes com suas opiniões sobre a Vila. As possíveis soluções foram propostas pelos alunos.

QUADRO 4: Problemas e possíveis soluções

Problemas apontados	Possíveis soluções
Ruas esburacadas	Podariam ser asfaltadas.
Roubos Violência	Melhorar o policiamento. A Polícia deveria fazer mais rondas dentro da Vila.
Alagamentos	Saneamento básico.
Lixo jogado nas áreas verdes	Mais educação por parte da população.

Organizada por: SOARES, 2018.

Os problemas destacados, por antigos moradores e pelos estudantes, podem parecer comuns ao contexto metropolitano brasileiro, entretanto, para essas pessoas é o vivenciado cotidianamente, constituindo uma aglomeração de exclusão (HAESBAERT, 2006). O autor analisa que: “A aparente desordem que rege esta condição, num sentido negativo de desordem, é fruto da não-identificação dos grupos com seu ambiente e o não-controle do espaço com seus principais ‘usuários’” (p. 327). Os problemas são internalizados por esses atores sociais que, de certa forma passam a assimilar a situação, ora pelas demandas diárias de busca pela subsistência, num contexto em que as necessidades de consumo cada vez mais se diversificam. O protagonismo da luta pela cobrança de ações governamentais que culminem em investimentos públicos para condições mais dignas quanto às questões espaciais são esquecidas ou consideradas

não-prioritárias. Segundo Haesbaert, os aglomerados de exclusão seriam a contrapartida geográfica da noção controvertida de “massa”, oriunda do “vazio de sentido” contemporâneo²⁶.

4.2.2. Paisagens como textos musicais

As paisagens consistem numa captura que cada pessoa faz de um mesmo conjunto de elementos. Observação essa, carregada de subjetividade construída na cultura que constituiu as representações que o caracterizam como indivíduo. Como o jovem estudante da Escola Nísia Floresta lê seu espaço de vivência e como essa leitura constrói sua identidade territorial na complexa teia de relações do mundo globalizado. Caracteriza-se num potente caminho para despertar um olhar reflexivo sobre a realidade local, instigando a observação mais apurada.

Conforme Meinig (2002, p. 35), “qualquer paisagem é composta não apenas por aquilo que está à frente de nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes”. As paisagens fotografadas pelos estudantes são abstração e realidade, produção, manipulação e contemplação do espaço vivido, selecionadas conforme as representações constituídas na cultura que compartilham.

Nesse contexto analítico-cultural, encaminhei a atividade com os alunos que saíram a campo para fotografar os conjuntos de elementos que representam sua identidade e aqueles que representam o contrário disso. As paisagens a seguir são aquelas que os jovens estudantes identificam-se por razões pessoais de vivência, pelas sensações e representações que estes espaços lhes proporcionam ao transitar ou permanecer por algum tempo naqueles locais.

A análise dessas imagens foi de grande significado pedagógico para continuar trilhando o caminho do entendimento acerca das percepções espaciais dos alunos, possibilitando maior aproximação entre a Geografia Escolar e a Geografia vivida cotidianamente.

Name (2010, p. 178) *apud* Berque, ao analisar o conceito de paisagem na Geografia, discutindo sua relação com o conceito de cultura, traz contribuições

²⁶ Reproduzido na abordagem sociológica.

significativas para este estudo, o autor diz que: “[...] a paisagem é uma abstração que não reside somente no objeto, nem somente no sujeito, mas na interação complexa destes dois termos”. O entendimento do território como espaço geográfico visto a partir do “foco” nas relações de poder: simbólico, material, político-econômico e assim constitutivo de nossa própria existência encontra a convergência necessária para a compreensão da cultura reproduzida por esses sujeitos em sua relação cotidiana com o espaço que transitam.

As Figuras 10 à 13 são da área que separa a Vila Elsa²⁷ das áreas de sítios que se estendem até a região do Autódromo Internacional de Tarumã, a leste da Estrada Capitão Gentil Machado de Godoy.



Figura 10: Representações culturais gaúchas 1.
Fonte: Batista, 2017.

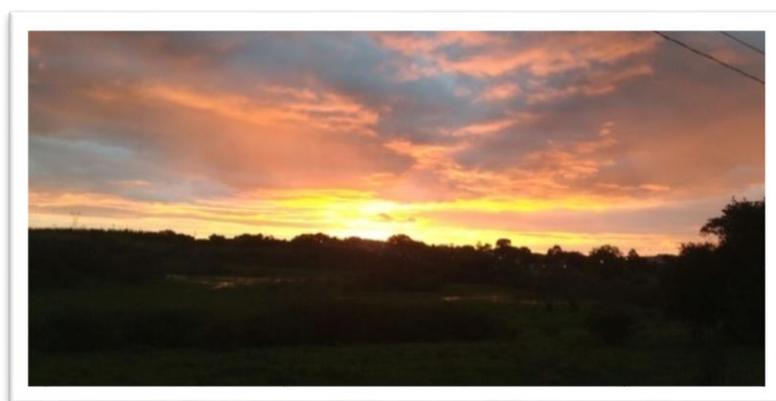


Figura 11: Nascer do Sol 1.
Visto do acesso à área não habitada pela Rua Astrogildo Barcelos.
Fonte: Anita, 2017.

²⁷ Pertencem ao conjunto de fotografias feitas pelos jovens estudantes, escolhidas como lugares da Vila, entre os quais gostam de estar.



Figura 12: Representações culturais gaúchas 2.
Fonte: Wesley, 2017.



Figura 13: Nascer do Sol 2.
Ao leste da Estrada Cap. Gentil Machado de Godoy.
Fonte: Gécica, 2017.

Esse foco nas paisagens, escolhidas pelos jovens estudantes, parte da pretensão de investigar os laços afetivos que os sujeitos podem apresentar em relação a seu espaço de vivência, possibilitando entender como se processam e se estabelecem as marcas significativas formadoras de vínculos de identidade territorial para esse grupo juvenil.

Entendo que, ao selecionar uma determinada paisagem para fotografar, os estudantes empenharam subjetividade, conforme interesses e concepções com significados variados. Visualizamos os mesmos elementos, porém nossa forma de apreensão é diferenciada.

As razões relatadas pelos alunos para a escolha dessas paisagens estão descritas no trecho a seguir:

Nós decidimos tirar as fotos naquele lugar porque é para lá que vamos para espairer, descansar, fugir da vida social. É um lugar calmo,

onde sentimos paz. Têm muitas árvores, alguns açudes, alguns animais e o vento é agradável (Batista).

Sobre a paisagem vista como natureza, Meinig (2003) argumenta: “Todo o observador é tentado, em sua memória visual, a remover o homem da cena” (p.36). Essa visão é antiga, remonta ao Romantismo, movimento de idealização da natureza, do selvagem, da pureza do que é natural, a verdadeira beleza. Uma forma de ver antiga (Séc. XVIII), mas presente até hoje, inclusive nas percepções juvenis, que constrói suas identidades culturais permeadas por esses discursos ao longo de sua vida familiar, escolar e em seu cotidiano. O pertencer a uma sociedade capitalista que visa o lucro aproxima esses jovens da natureza, pois, conforme Meinig (2003): “[...] à medida que grande número de pessoas começa a ver os trabalhos do homem como espoliação, mais pessoas passarão a ver a natureza primitiva como a perfeição como base, segundo a qual se mede a corrupção”(p.36). O que explica a vontade de aproximar-se desse conjunto de elementos que ainda não foram corrompidos pela humanidade.

Conforme Berque (2012 [1998]²⁸):

A paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas é também uma matriz, porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja, da cultura – que canalizam, em certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e, portanto, a paisagem de seu ecúmeno (p. 239).

A predominância na escolha das paisagens naturais para fotografar entra em consonância com a citação do autor, quando argumenta sobre a relação da sociedade com o espaço e com a natureza e de como essa atua nos esquemas de percepção, de concepção e de ação dos indivíduos imbuídos da cultura que lhes interpelou ao longo da vida. A escolha de paisagens não tão alteradas pela sociedade demonstra uma identidade territorial mais próxima do rural do que do urbano, que pode ter sido influenciada pela cultura gaúcha (Figuras 10 e 12), onde o cavalo e o trabalho do peão simbolizam uma relação da sociedade com a natureza estabelecida conforme a história de ocupação territorial, mas vista como um vínculo com este passado em que a

²⁸ Publicado originalmente como “Paysage-empreinte, paysage-matrice: éléments de problématique pour La géographie culturelle”, em *L’espace géographique*, 1984, 13 (1). Reproduzido em português em *Paisagem, tempo e cultura*, organizado por Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. Tradução de Edréa M. Vasconcelos Ferreira e Anne Maria Milton Oliveira.

violência e a exclusão socioespacial ainda não eram tão abrangentes. Nossas representações espaciais são construídas ao longo de um processo histórico, permeadas por diversos paradigmas, que vão sendo passados de geração para geração segundo as verdades de cada tempo.

Num tempo de globalização, emerge a territorialidade dos sujeitos, pois é em contextos específicos que as ações globais se localizam. Sobre esse movimento de globalização, Callai (2010) diz que: “[...] tende a homogeneizar todos os espaços, a diferenciação, pelo contrário, se intensifica, pois os grupos sociais, as pessoas, não reagem da mesma forma. Cada lugar vai ter marcas que lhe permitem construir a sua identidade” (p.107)²⁹. A identidade territorial do jovem morador da Vila Elsa é permeada por essa memória do espaço de vivência de seus familiares, que trouxeram consigo a identidade gaúcha, oriunda das cidades do interior do Estado do Rio Grande do Sul para a Região Metropolitana nos processos migratórios que construíram esse território. Nesse sentido, as fotos podem representar a experiência que esses jovens não conseguem vivenciar, espacialmente, com a música devido à insegurança em transitar pelos espaços públicos, mas que conseguem capturar e guardar com o mesmo zelo que fazem com suas preferências musicais por meio de seus aparelhos celulares e *smartphones*, que fazem essa ligação como “fio condutor”³⁰ do jovem ao artefato que os acompanha por onde quer que se desloquem.

As territorialidades desenvolvidas, enquanto grupo de jovens reunidos a partir da música, não foi constatada pela análise das fotografias, entretanto o “estar junto” está muito presente na atividade esportiva que alguns estudantes do grupo compartilham e é demonstrada tanto na escola, quanto no campo de futebol localizado ao lado do Centro de Tradições Gaúchas (CTG), Figura 14.

²⁹ Saliento que nessa pesquisa o conceito de lugar está relacionado à identidade territorial para compreensão das territorialidades espaciais juvenis, por constituir uma abordagem multiterritorial compreendendo o espaço como um híbrido: entre sociedade-natureza, política, economia e cultura, e entre materialidade e idealidade (HAESBAERT, 2006, p. 79).

³⁰ GARBIN (2016)



Figura 14: Identidade futebolística.
Campo de futebol na área do CTG Alma Crioula
Fonte: Eliane, 2017.

Bauler (2004), ao discutir os significados do futebol na periferia urbana, argumenta sobre os vínculos de identidade e pertencimento que são estabelecidos por grupos de indivíduos nas várzeas metropolitanas brasileiras:

Apesar da visibilidade do fenômeno futebol como identidade nacional ser maior do que aquele futebol *reinterpretado*, as pesquisas nas periferias ou em grupos específicos relacionados às redes de sociabilidade e ao tempo do não trabalho destacam a posição do futebol de várzea no processo de construção de identidade e pertencimento de indivíduos e grupos (p.91).

A expressão da reinterpretação está relacionada à origem do fenômeno no Brasil que provém das elites inglesas, mas que, segundo a pesquisadora apresentou dois caminhos de difusão, no devir do século XX: um pelos trabalhadores das estradas de ferro - que deram origem aos times de várzea - o outro através dos clubes ingleses que introduziram o esporte nas elites. Segundo Bauler (2004), “A difusão do futebol e sua institucionalização na sociedade brasileira têm elos que vão desde a “democracia racial” até uma abordagem universalista (p.90)”.

Sem maior aprofundamento na temática, pois não se trata do objeto desta pesquisa, trago o aspecto devido a territorialidade que é demonstrada mobilizada pela identidade futebolística do público juvenil pesquisado e vivenciada em suas práticas cotidianas, no espaço escolar ou no campo do CTG, mas que produz vínculos espaciais com seu território, sendo, desta forma, significativo para esta pesquisa.

Busco, nesse capítulo, ler o sujeito da aprendizagem, suas percepções espaciais, suas formas de ser e estar no mundo.

A paisagem é portadora de significados subjetivamente, aqui observada e analisada para produção dos textos musicais juvenis. Nesse caminho, para a aluna Bárbara, figura 15³¹, as memórias produzidas ao ler a paisagem com a qual mais se identifica na vila, estão relacionadas às travessuras da infância, ao viver num tempo específico, quando as decisões sobre o futuro não eram uma potência, em que era possível relaxar e divertir-se com amigas sobre o gramado externo à residência de uma vizinha. A aluna pediu para uma colega - que compartilhava da ‘travessura’ durante a infância - fotografá-la sentada sobre esse gramado que hoje já não preserva mais a beleza que guardava em sua memória, pois grande parte foi retirada, justamente para evitar o uso que as crianças faziam do mesmo, segundo relata.

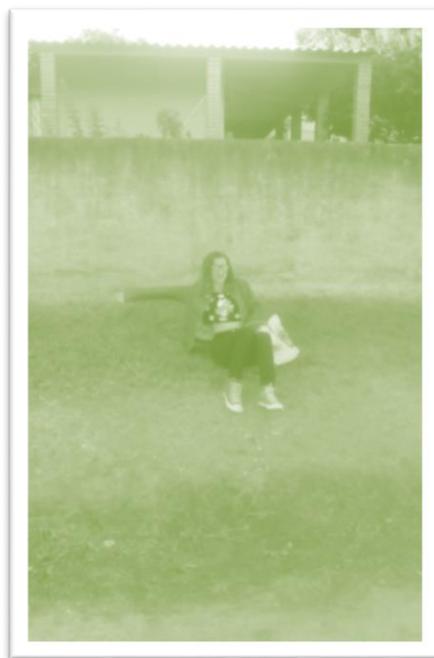


Figura 15: Nosso lugar.
Rua Pedro Machado de Oliveira.
Fonte: Bárbara, 2017.

A fotografia feita pelas autoras da travessura pode ser lida também como um enfrentamento a esse passado, pois atualmente gozam da juventude, tem maior poder de argumentação contra atitudes que desaprovam.

³¹ A foto foi alterada (desbotada) para preservar a identidade da aluna.

O processo de urbanização na cidade de Viamão ainda é precário na maioria dos bairros distantes da área central, como é o caso da Vila Elsa. O calçamento ou asfaltamento das vias públicas ocorre apenas naquelas de maior fluxo de veículos, em especial de transporte público. Em dias de chuva, o escoamento é precário, ocorrendo o alagamento devido ao solo ser predominantemente argiloso, dificultando o processo de infiltração e ocasionando diversas ondulações, o trânsito de veículos e pedestres também é prejudicado, como pode ser visto nas figuras 16 e 17. A primeira é do acesso principal à Escola Nísia Floresta, segundo os jovens apesar das más condições da via esse é um lugar de encontro. A segunda é da rua à leste da escola, apenas a rua à oeste da escola é asfaltada, pois faz parte do trajeto das linhas de ônibus. A entrada da escola era por essa via, mas com o asfaltamento o trânsito de veículos intensificou-se causando perigo aos pequenos e jovens pedestres.



Figura 16: Territorialidade.
Portão de acesso à Escola. Rua Catulino Antunes Morem.
Fonte: Júlio, 2017.



Figura 17: Urbano 1.
Foto da Rua Lamartine Babo.
Fonte: Tatiana, 2017.

A figura 18 mostra uma das vias que possui calçamento, para os jovens poderia haver mais ruas com a mesma estrutura, pois ameniza os problemas de acessibilidade enfrentados diariamente.



Figura 18: Urbano 2.
Foto da Rua Nadir Garcia Feijó.
Fonte: Ana, 2017.

As Figuras 19 a 24 mostram regiões da Vila Elsa considerados pelos jovens estudantes como territórios de não pertencimento. Como mostra o local da Figura 18, que apresenta uma área em que a população efetua queima de lixo doméstico e conseqüentemente causa desmatamento da vegetação nativa. Na Figura 18, cruzamento entre duas ruas, esquina a oeste da escola, o jovem expõe a questão da violência ao justificar a coleta da imagem no *Google*, devido ao risco de assaltos em utilizar o telefone celular para fotografar pelas ruas.



Figura 19: Degradação 1.
Fonte: Batista, 2017.

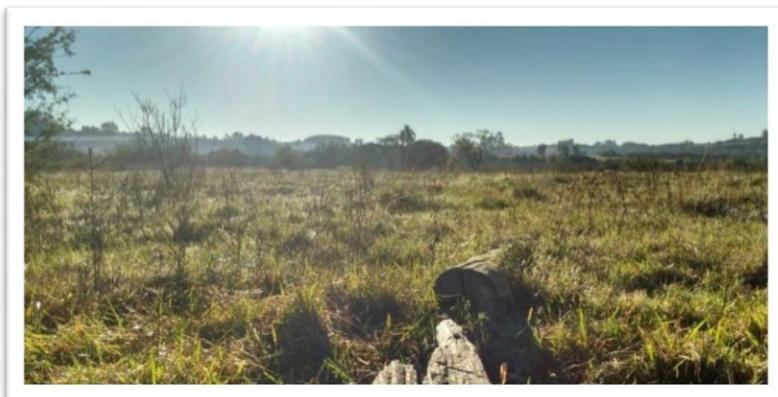


Figura 20: Degradação 2.
Fonte: Gislaïne, 2017.

Encontro, na análise de Haesbaert (2006), é uma relação com o território analisado nessa pesquisa. O autor, ao analisar os aglomerados de exclusão, identifica-os como espaços à parte onde a construção de territórios “sob controle” ou “autônomos” se torna quase que completamente subordinada a interesses alheios à população que ali

vive. A falta de recursos financeiros e conhecimento dos direitos e deveres dos cidadãos são agravantes dessa subordinação.

Haesbaert (2006) analisa:

A aparente desordem que rege esta condição, num sentido negativo de desordem, é fruto da não identificação dos grupos com se ambiente e o não-controle do espaço pelos seus principais “usuários”. De qualquer forma, é como se o “vazio de sentido” contemporâneo reproduzido na abordagem sociológica pela controvertida noção de “massa” tivesse sua contrapartida geográfica na noção de aglomerados de exclusão (p. 327).

Diante disso, identifico no ensino da Geografia uma das vias pelas quais pode ser instigado um processo de transformação nesse ambiente, que é de pertença desses indivíduos que o habitam e transitam cotidianamente, caracterizando, dessa forma, uma potência a ser articulada com os jovens estudantes sujeitos dessa pesquisa.



Figura 21: Medo.

Esquina entre as ruas Pedro José Maurício e Catulino Antunes Morem.
Fonte: Leandro, 2017.



Figura 22: Fossa séptica com nível acima do solo.
Fonte: Eliane, 2017.



Figura 23: Fluxo de esgoto a céu aberto.
Fonte: Heloísa, 2017.

A degradação ambiental caracteriza-se como uma das questões espaciais que mais incomoda os jovens estudantes, lado a lado com a violência presente nas ruas que causam negação do local em que vivem. Embora negativo do ponto de vista da construção da identidade territorial desse grupo, apresenta-se como uma potência pedagógica, devido ao papel do Ensino da Geografia, como formadora de cidadãos críticos, indivíduos capazes de entender os fatos que acontecem no mundo, de interpretá-los e de estabelecer relações não só entre esses fatos, mas também entre eles e a realidade local de seu espaço de vivência cotidiana.



Figura 24: Degradação 3.
Lixo depositado em frente a terrenos vazios.
Fonte: Wesley, 2017.

Os jovens expressaram inquietação com a observação e constatação de que a própria comunidade joga lixo em terrenos vazios, como mostra a Figura 22. Podem ser eles mesmos os agentes a atuarem num projeto para conscientização e educação ambiental com moradores do bairro, fazendo com que a escola abrace a causa mediando esse processo para mudança de atitude da população que causa esse tipo de degradação. O projeto de educação ambiental envolve uma parceria entre escola e poder público, mesmo não sendo a comunidade que administra a coleta de lixo. A escola poderá contribuir através do desenvolvimento de atitudes nos alunos para amenizar a situação ambiental. A Geografia tem muito a contribuir com seus conteúdos nesta questão, ao estudar os impactos ambientais ocasionados pelo depósito do lixo em locais inapropriados. Isto pode colocar em risco a saúde dos moradores.

Para o fechamento dessa atividade, os jovens estudantes reuniram-se no audiovisual para compartilhar suas observações e análises. Analisaram as razões de suas escolhas, discutiram com seus pares e iniciaram o processo de elaboração de suas composições musicais, as paródias de suas identidades musicais atribuindo significado por meio da expressão de suas representações sobre a Vila Elsa.

4.3. Vila Elsa: território em música

Todas as atividades realizadas anteriormente foram pontes, desde as palavras que expressaram as representações juvenis baseadas na análise das fotografias, foram importantes para compreender melhor como leem seu espaço de vivência, como expressam suas territorialidades nos lugares. Desta forma, expressar esse percurso investigativo, por meio das palavras, compondo textos acerca dessa leitura socioespacial, constitui um dos momentos mais significativos dessa análise cultural, que entende a música como artefato cultural que ensina.

Larrosa (2001) reforça as teorizações acerca da expressão da representação pela linguagem que tanto os escritos de Hall (2016) possibilitaram aprofundamento teórico nesse estudo:

Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as

palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos (p.21).

Os alunos então foram desafiados à produção de paródias de músicas que tiveram liberdade para escolher, sendo necessário apenas que tivessem em seus textos o conhecimento apropriado ao longo do processo de pesquisa.

O objetivo da atividade foi o de desenvolver formas de protagonismo e autonomia nos jovens estudantes a partir de suas territorialidades espaciais, a música nesse processo estabelece a ligação afetiva. No decorrer desse percurso, foi possível compreender o quanto este artefato é constitutivo dos sujeitos pela emoção proporcionada no devir de seu cadenciamento.

Estabelecer essa ligação entre identidade musical e territorialidade na elaboração da composição que carrega um pouco dos jovens que a desenvolveram, além do território, paisagens, relações de poder, atribui o sentido em trazer as Pedagogias Culturais a essa pesquisa. A leitura do território e a música contribuem para o ensino da Geografia pela música e pela vivência que são culturais.

Nesse viés, é importante salientar que essa pesquisa constitui-se num processo de escuta, interpretação e análise avaliando possibilidades para o fazer pedagógico que conduza a modos de ensinar-aprender Geografia.

Cavalcanti (2015), ao analisar o papel do jovem como sujeito de práticas e conhecimentos espaciais, traz para essa pesquisa o fio condutor que se estabelece entre a prática pedagógica e a Geografia pretendida nessa análise cultural, pois analisa que a importância de se conhecer percepções e práticas espaciais de jovens escolares com o desejo de ampliar com isso a compreensão da realidade urbana. Além disso, almeja-se que esses sujeitos insiram-se de maneira consciente na construção de uma sociedade e de uma cidade mais humanista, mais democrática, mais inclusiva (p. 268).

Ao analisarmos a Vila Elsa, estamos analisando um determinado espaço urbano, contextualizado na vivência cotidiana desse grupo, que pode vir a transformá-lo a partir do estabelecimento de vínculos espaciais que já existem, mas que podem ser qualificados a partir desse projeto. Resistências podem ocorrer no lugar, mas dependem da organização coletiva das classes e dos grupos sociais, da definição e conquista de territórios e da prática cidadã (CAVALCANTI, 2015).

Com essa base teórica e o conhecimento acerca das identidades musicais juvenis, do significado da música para esses sujeitos, encaminhei a proposta da atividade articulada para que no seu processo ocorra o desenvolvimento da autonomia, autoria, habilidades quanto às técnicas informáticas e finalmente pela experiência do sentir ao analisar o território tendo ao fundo o som que lhe proporciona emoção.

Os jovens estudantes tiveram cerca de trinta dias para elaboração das paródias. Foram quatro produções audiovisuais produzidas em grupos e apresentadas à turma em forma de vídeo com imagens da Vila Elsa e/ou apenas com o grupo de jovens cantando.

Foram oportunizadas essas duas formas de produção devido a dificuldades no acesso ou operacionalização dos *softwares* que propiciam essas produções por parte dos jovens estudantes, que dominam o uso das redes sociais e sites de busca, mas não de programas que possibilitam elaboração de textos, planilhas de cálculos ou como no caso dessa atividade programas para elaboração de vídeos. O desafio da pesquisa foi lançado! Existem diversos vídeos no *you tube*, denominados ‘tutoriais’ que ensinam como fazer, esse foi o meio pelo qual buscaram o conhecimento empírico.

Durante o desenvolvimento, os alunos foram levados ao Laboratório de Informática da Escola e a sala de audiovisual para realizar as atividades, mas com o acesso à internet restrito na escola, foi necessário desenvolverem a maior parte na casa daqueles que tem acesso ou na *lan House* da vila. Desta forma, dois dos grupos tiveram dificuldades na finalização do vídeo, o que é comum no processo de ensino-aprendizagem, pois cada indivíduo tem seu tempo de apreender, bem como houveram dificuldades operacionais.

Foram elaboradas quatro paródias que evidenciam reflexões sobre a Vila Elsa, são elas: *Despacito: Vila Elza, A vida é pra valer...*, *A Vila Elsa é perigosa amor e Eu moro na Vila Elsa*. Os gêneros musicais escolhidos para parodiar foram respectivamente: música latina, *pop* nacional, sertaneja e *rap*. Na época da elaboração da atividade, esses eram os estilos mais ouvidos pelos jovens estudantes nas emissoras de rádio preferidas por esses.

As temáticas das músicas originais estão relacionadas a amor por alguém que se tem atração amorosa, pela vida, pelo território. Esse último principalmente no gênero *rap*. A maioria dos jovens, ao ser questionado sobre as razões de suas escolhas, atribuiu à melodia e ritmo a opção de música.



1. Se eu soubesse que tinha que vir morar aqui
2. Teria me matado bem antes
3. Ruas cheias de buracos
4. Não dá nem pra andar
5. E a segurança é horrível
6. Tu anda nos buracos e você cai
7. Isso é ridículo não agüento mais
8. Esses dias caí e machuquei meu pulso
9. Já aconteceu de tudo não dá pra acreditar
10. Já vi até o professor apanhar
11. Essa vila é coisa de maluco

12. Quê que é isso
13. Saneamento básico está entupido
14. Pra falar mal da vila eu nem hesito
15. Mas ninguém ajuda assim fica difícil

16. Eu não minto! Vila Elsa já é um caso perdido
17. Mesmo assim dessa vila eu não desisto
18. 0800 está muito demorado
19. Já fiz até agendamento para ser atendido
20. Mas com essa demora eu até desisto
21. Mas depois de um tempo passar eu fui atendido

22. Mas tem mais coisas além disso
23. Como por exemplo o perigo
24. Ladrões que tão assaltando e o povo se assustando
25. E todos reclamando e a bala ta pegando
26. E pra piorar tem essa manifestação
27. Que é briga pela nova geração
28. Tem professores que estão sem o seu salário
29. Quero ver que essa greve se acabe
30. O que precisamos é um ato de bondade
31. Para a Vila Elsa que tem necessidade

- Refrão*
32. *Bonito, bonito é bem bonito*
33. *O CTG meu lugar favorito*
34. *Além de suas danças que acho maneiras*
35. *É um lugar que na volta tem natureza*

36. Além de seus problemas o povo é unido
37. Aqui tem amizade isso eu admito!
38. Que prevalece e que é mais bonito
39. Divertido

40. Projetos sociais que acho incrível
41. Que se for necessário todos participam
42. Como o 'Bola de Canhão' que todos estão inscritos
(João, Leandro e Elisângela)

O grupo de jovens que elaborou essa paródia apresentou os diversos problemas urbanos que foram discutidos quando da apresentação das fotografias. Nessa produção, a identidade territorial juvenil foi demonstrada através do futebol (linha 42) e da identidade gaúcha (refrão), que novamente se apresentam como marcas simbólicas na construção das territorialidades desses sujeitos, como nas expressões: 'CTG lugar favorito', 'danças que acho maneiras', 'na volta tem natureza', 'povo unido', 'aqui tem amizade', 'projetos sociais'.

Na quarta estrofe da composição, os alunos (entre as linhas 26 e 30) expõem um acontecimento ocorrido na rede pública estadual, da qual a escola faz parte, a Greve do Magistério Estadual, que alterou significativamente a rotina destes estudantes, bem como dessa pesquisa. Demonstram solidariedade para com seus professores e pedem 'um ato de bondade' como solução ao problema, que consideraram importante expor como parte dos problemas locais.

Outra paródia realizada traduz reflexões sobre a vivência destes jovens na Vila Elza bem como suas análises decorrentes das outras etapas: pesquisa de campo, discussões e fotografias do lugar.

A vida é pra valer...

1. Tinha uma fazenda nessa região
2. De arroz era uma grande plantação
3. Trabalhavam com muito suor
4. Mesmo assim, ia de mal a pior
5. Pouco dinheiro para poder investir
6. Assim o negócio iria ruir

7. Mas, porém, o seu dono morreu
8. Seus filhos ficaram com o que sucedeu
9. Choraram, seu pai disse "Boa sorte"
10. Com a mão em seus ombros em seu leito de morte

11. Olhem, agora vai nascer e logo vai virar
12. Uma população, vai crescer

13. E novos moradores iam surgir
14. Aqui na vila começaram a residir
15. Logo, pras crianças abriram uma escola

16. E toda a comunidade comemora
17. Os comerciantes foram as portas abrir

18. Às vezes acho que agora
19. Morar aqui é uma ação perigosa
20. Vovó me lembra não me deixa esquecer
21. Aqui já foi um lugar seguro de viver
22. Olhem a vida é pra valer
23. Continue morando aqui
24. Pois vai valer a pena
25. Se vai

26. Por toda vila onde moramos,
27. Paisagens fotografamos
28. Lugares que gostávamos
29. E outros, assim nem tanto
30. E assim fomos fazendo
31. Uma paródia desenvolvendo

32. Muitos anos se passaram
33. Bastante desde então
34. As coisas mudaram e por aí estão
35. Porém eu pensei:
36. “Ah contudo, do que adianta isso se aqui ainda falta de tudo?”

37. Olhem agora vai nascer, e logo vai virar
38. Uma população vai crescer
39. Olhem, a vida é pra valer
40. Continue morando aqui
41. Pois vai valer a pena
42. Se vai

(Carolina, Eliane, Heloísa, Karina)

O estudo da população e seus trânsitos territoriais são conhecimentos que integram o currículo do primeiro ano do Ensino Médio. O grupo que elaborou essa composição teve o cuidado de inserir conhecimentos adquiridos no decorrer das aulas, bem como elementos da pesquisa desenvolvida na comunidade, uma das atividades relacionadas à pesquisa para a apropriação empírica da população local. Mencionaram, além disso, as saídas a campo para fotografar paisagens.

Apresentam identidade e desaprovação pelas condições de vida locais, que podemos observar nas expressões: ‘Continue morando aqui, pois vai valer a pena’ em contraposição com ‘Ah, contudo do que adianta isso se aqui ainda falta de tudo?’, pertencimento e não-pertencimento, pois saber o que se quer passa por reconhecer o que não se quer.

A terceira paródia apresenta, na maior parte de seu conteúdo, características negativas do viver na Vila Elza, as alunas cantam sobre a violência, mas se colocam como agentes passivos e ativos dessa violência. Questionam as condições ambientais,

mas ao mesmo tempo demonstram esperança em um ambiente melhor de se viver, referindo-se a isso desta forma: “mas um dia conseguimos”.

A Vila Elsa é perigosa amor

1. Moramos em um bairro de periferia
2. Aonde diz que tudo vai mudar
3. A área verde já foi desmatada
4. A área de lazer eles querem tirar
5. Você não percebeu, mas o clima é seco
6. Eu só queria um bairro mais limpo
7. Mas um dia nós conseguimos

8. A Vila Elsa é perigosa amor
9. Agora vê se aprende a correr
10. Por que eu vou te assaltar bebê
11. Iê, iê, iê

(Ane, Gislaïne e Tatiana)

Em seus relatos sobre o território, essas jovens estudantes referem-se à Vila Elsa como: lugar em que vivem pobres, mencionam muitos argumentos negativos para adjetivar o espaço em que transitam diariamente, como promessas políticas carregadas de esperança de mudança, mas que não ocorre com o passar dos anos. Em decorrência dessas representações que preservam ou não, a composição elaborada traz essas marcas.

O título da canção refere-se à violência que faz parte do cotidiano dessa comunidade ‘de um bairro de periferia’(linha 1), destacado também pelas expressões: “Agora vê se aprende a correr/Por que eu vou te assaltar bebê” (linhas 9 e 10). Nessa última expressão, as jovens incluem-se como possíveis assaltantes. Haesbaert (2006), ao buscar definir espacialmente os aglomerados de exclusão, destaca que a própria exclusão que os define constitui um processo - muitas vezes temporário: “Trata-se de uma condição complexa e dinâmica, mesclada sempre com outras situações, menos instáveis, através das quais os excluídos tentam a todo instante se firmar (**se reterritorializar**³²)” (p.327). Destaco essa leitura do autor por entender que possivelmente essas jovens estejam encontrando, nessa forma de se expressar, uma alternativa para extravasar essa condição de luta e crítica pelo contexto no qual estão inseridas. Poderiam elas, alunas dedicadas, praticarem esse tipo de delito apenas por serem moradoras da vila?

³² Grifo meu.

As expressões expostas nessa composição contribuem para compreender a importância dessa análise cultural etnográfica para o ensino da Geografia, pela possibilidade de imersão no cotidiano dessas jovens alunas, que foram desafiadas a compor e expor seus pertencimentos, pensando a Vila Elsa geograficamente e trazendo sentido ao estudo do território e das formas de pertencimento juvenil. Além das questões sociais e afetivas, elas trouxeram elementos relacionados ao ambiente natural: “A área verde já foi desmatada” (linha 3); “Eu só queria um bairro mais limpo” (linha 6). Inserindo na composição as observações desenvolvidas no trabalho de campo, bem como na oportunidade, colocam-se como espectadoras, não como agentes na transformação desse espaço. Essa constatação conduz ao desenvolvimento de uma ação conjunta escola, comunidade, poder público. Material para mais uma pesquisa.

Eu moro na Vila Elsa...

1. Tô vivendo com pouca grana em um lugar com pouco luxo
2. [...]
3. Vou na sanga e no campo
4. Eu moro na Vila Elsa
5. Lugar que eu nasci e me criei
6. Eu vou jogar futebol

7. É na sanga que eu passo meu verão
8. Eu gosto de Leite Moça
9. Mas de preferência o que eu compro ali no bar do Negão
10. Eu moro na Vila Elsa
11. Lugar que eu nasci e me criei
12. Eu moro na Vila Elsa
13. E eu não sei viver sem ela
14. É nós

(Cristiano)

Essa composição traz elementos que denotam identidade territorial, apesar de estar vivendo em um lugar com ‘pouca grana’ e ‘pouco luxo’, são destacados diversos aspectos que reforçam essa interpretação como: a sanga, o campo, o bar do Negão. A ênfase é percebida no trecho em que o aluno escreve: “Lugar que eu nasci e me criei” e “E eu não sei viver sem ela”.

A sanga e o campo foram os lugares bastante mencionados pelos jovens estudantes. Esses locais são propriedade privada, porém os alunos têm livre acesso, pois a área apresenta o cercamento precário. O fato de alguns dos jovens acessarem um local

que não é público apresenta-se como uma das marcas da exclusão socioespacial que se dá neste território, cujas alternativas de espaços recreativos são escassas. A região encontra-se entre o aglomerado urbano do município de Alvorada e uma grande área de sítios que se estende até o Autódromo Internacional de Tarumã, conforme descrito anteriormente na análise do sítio. Nessa condição, a vila não recebeu os investimentos de uma vila da cidade, pois está distante dos fluxos do município a que pertence. Ocorre um choque de tempos, os jovens Contemporâneos transitam num espaço Moderno. O jovem que compôs essa paródia demonstra encontrar alternativas a essa falta de alternativas de lazer que muitos destacam, porque transita pelos espaços construindo identidade.

‘É na sanga que eu passo meu verão’; Quais são as possibilidades desses sujeitos nessa condição socioespacial que compartilham? Como podem não ser ‘agitados’ durante as aulas sendo que seus espaços de ócio criativo são tão restritos³³? São muitas as perguntas a serem proferidas, entretanto não pretendo com isso produzir um sentimento de piedade, mas sim de ação, num pensar contínuo acerca da Geografia escolar como mediadora de novas possibilidades espaciais, territoriais, que contribua para agentes formadores e transformadores de seu território.

³³ Esta afirmação baseia-se no escrito da composição, mas também em relatos dos jovens estudantes sobre as recuperações das aulas devido à greve, que não influenciariam em suas férias, pois a maioria permaneceria na Vila Elsa.

5. PROPOSIÇÕES NÃO TÃO FINAIS

Ao findarmos as apresentações das paródias, sentados em círculo, dialogamos sobre o processo como um todo. Nesse momento, compartilhamos um misto de alegria e preocupação. Percebemos o quanto os jovens estudantes tornaram-se autores, com autonomia criativa, elaborando proposições sobre um tema que conhecem, por vivenciarem seu território onde atuam como sujeitos ativos e, muitas vezes, passivos. Ativos por conquistarem momentos de convívio social, mesmo em meio a tantas adversidades socioespaciais. Passivos por não se mobilizarem para mudar a realidade a partir de ações coletivas, o que é compreensível que não ocorra nesse estágio em que se encontram, por ainda estar desenvolvendo gradualmente a autonomia. Mas a partir dessa experiência de análise da Vila Elsa como território, esses jovens podem vir a desenvolver processos de conquista dos espaços da Vila, que lhes são de pertença, agindo como atores sociais modificadores desse contexto.

Algumas das proposições que constituem possibilidades para que isso ocorra foram propostas por alguns dos alunos ao final desta experiência, como propor batalhas de *rap* no espaço escolar, por terem desenvolvido o gosto por pensar Geografia com música. Também surgiu a possibilidade de imprimir a arte da grafite nos muros da escola, por essa constituir um dos quatro elementos do *hip hop*: o grafite – arte visual, o *rap* – arte sonora, o DJ – mestre de cerimônia e o *street dance* – dança de rua. Os jovens conhecem a essência do *rap* e foram estimulados a aprofundar conhecimentos sobre o tema no decorrer desse estudo. A ideia é que essas ações desenvolvam novas territorialidades no espaço escolar, no contexto extraescolar, ou seja, na Vila Elsa outras propostas também foram feitas, como conversar com a vereadora que representa a comunidade e com o prefeito do município para dialogarmos sobre as possibilidades de ações conjuntas para melhoria das condições de acesso ao lazer, maior segurança e melhorias no ambiente como um todo, por meio da educação ambiental. Mas a proposta de conversa com os entes públicos não foi unânime, devido ao contexto político brasileiro na atualidade levar os jovens a desacreditar nos políticos como um todo, senso comum, mas realidade vivenciada.

A pesquisa em ensino está em constante construção e reformulação para novas práticas pedagógicas que sejam significativas, que mobilizem o saber. Essa análise cultural aguçou meu docenciar, são muitos outros projetos que emergem das reflexões

que aqui se construíram. As atividades propostas no decorrer desse estudo possibilitaram reflexões sobre juventudes, sobre a música na vida cotidiana desse público, práticas pedagógicas que aproximam a Geografia da vida cotidiana com um toque de prazer ao envolver identidades musicais e territoriais.

Ao investigar estilos musicais juvenis para entender se influenciam de alguma forma em suas identidades territoriais, encontrei muita Geografia. Os estilos musicais preferidos pelos jovens estudantes apresentaram forte relação com o território, com o cotidiano vivenciado na periferia, expressos principalmente nas rimas do *rap*, que trata em suas letras das mazelas sociais, mas também da vontade de consumo exacerbada nessa etapa da vida e que não é diferente por serem esses jovens contemporâneos. Apesar de sua submersão no mundo Globalizado, diversificado em tecnologias, a moda musical chega pelas emissoras de rádio, não somente por essa mídia, mas ainda é a que mais permeia seu dia a dia e é compartilhada nos espaços onde os jovens se sentem seguros, em casa, na casa de amigos, na escola, pois pequena parte desses jovens frequenta festas. Esse fenômeno é explicado, segundo os jovens, pela faixa etária na qual se encontram, entre quatorze e dezesseis anos, ou seja, muito jovens não podem ou evitam circular à noite pelas ruas ou mesmo deixam de utilizar o transporte coletivo pela falta de segurança, limitando outras formas de acesso às músicas, como em shows e baladas.

A fluidez, característica de tempos de Modernidade Líquida, pode ser percebida nos trânsitos musicais juvenis, que oscilam conforme a moda flui pelos espaços das mídias, mas a melodia e a batida se sobrepõem muitas vezes ao conteúdo da música. Percebi, pela etnografia, que os jovens mais apegados ao texto demonstram maior preferência pelo *rap*, *gospel* e *rock*. Os jovens estudantes identificaram-se com a música ‘Terra de Gigantes’, com a qual desenvolvemos a atividade para discussão, demonstraram aprovação em relação à letra e melodia, até então desconhecida pela maioria, mas com a qual se identificaram por trazer questões da juventude que os permeiam cotidianamente como as incertezas de como será a vida após a conclusão do Ensino Médio. Reportei-me nesse momento a minha juventude quando compartilhei de sentimentos semelhantes ao desses jovens estudantes que hoje busco conhecer.

Nessas proposições nem tão finais de minhas reflexões acerca das potencialidades da música no desenvolvimento de uma Geografia mais contextualizada e significativa, ficam registradas até aqui três considerações propositivas: a primeira se

refere à importância de conhecer melhor nosso sujeito aluno, suas identidades, seus territórios; a segunda consiste em compartilhar com meus colegas educadores desse Brasil o quanto é significativo para um professor que atua na Educação Básica estudar ensino-aprendizagem mediado por elementos que lhe são de pertença, como, no meu caso, a música; e terceiro, mas nem tão último assim, as potencialidades da música para o ensino-aprendizagem da Geografia são talvez infinitas, talvez uma pesquisa para uma vida acadêmica.

Conhecer os pertencimentos dos jovens estudantes relacionados a seus contextos de vida e às suas identidades musicais possibilitou-me enxergar essas paisagens por suas visões, para assim poder buscar alternativas na Geografia Cultural para mediar outras formas de ver esse mesmo contexto. Atribuindo a essa leitura um dos conceitos estruturantes dessa disciplina, o Território e o viés dos Estudos Culturais, por meio dos conceitos de Identidade, Representação (Hall, 2016), e Pedagogias Culturais (Andrade, 2014) trouxeram a clareza para articular Ensino-Geografia-Música. O objeto de estudo da Geografia é o Espaço Geográfico, mas, mesmo que eu saiba tudo de Geografia e produza ótimas explicações na academia, numa sala de aula, de uma escola pública brasileira, com diferentes realidades, preciso entender muito sobre aluno para que essa Geografia tão estudada possa produzir reflexões e ações espacialmente. Nesse sentido, entender Geografia e entender o contexto vivenciado pelos alunos, situam-se no mesmo patamar.

Muitos não colocam em prática esses preceitos, devido ao cotidiano perverso vivenciado em nossas escolas atualmente, com falta de professores, de investimento nas escolas, necessidade de greves, falta de recursos financeiros para o desenvolvimento de trabalhos de campo, também pela violência que envolve o entorno das escolas. Nesse espaço de negação e territorialidades, experienciei, pelo ensino da Geografia e pela música, identidades que me movem propositivamente, que trazem-me alegria. Mobilizar pequenas, mas pontuais leituras críticas nesse contexto marginalizado, trouxe encantamento e ação a meu fazer pedagógico.

Ao propor Práticas Pedagógicas operacionalizadas pela música na leitura espacial, acredito que talvez infinitas sejam as possibilidades, mas relatarei as interpretações de meus achados. As análises dos textos levaram-me a entender que, para utilizar as preferências musicais juvenis, é oportuna uma pesquisa mais aprofundada dos contextos em que foram elaboradas as composições, a experiência com a música “Terra

de Gigantes” enseja o tema da Globalização, mas foi uma composição escolhida por ser uma preferência minha, todavia produziu os efeitos desejados, mobilizando os jovens a refletir sobre suas vidas e sobre as relações humanas no mundo globalizado. Existem outras tantas músicas da mesma banda que podem ser analisadas para ser utilizadas como recurso pedagógico nas aulas. A música também foi importante para analisar a leitura que os jovens fazem de seu contexto. Transitam entre pertencimento e não – pertencimento à Vila Elsa. Identificam-se quando pensam nas relações de amizade, muitas das quais construídas na escola, ao longo da Educação Básica. O não-pertencimento está relacionado principalmente aos problemas urbanos. Essa leitura foi possível porque pensei geograficamente ao pedir aos jovens que encontrassem na Vila Elsa lugares de pertencimento, além daqueles que certamente encontrariam como os terrenos nos quais depositam lixo. As dificuldades apresentaram-se já quando encaminhei a atividade, alguns perguntaram se poderiam fotografar o quarto, pois na Vila Elsa toda, não existem lugares com os quais se identifiquem. Entretanto, nas paródias elaboradas, trouxeram elementos de pertencimento significativos, como o convívio no CTG e nas áreas verdes despovoadas.

Alguns dos caminhos idealizados para serem trilhados não foram possíveis, como: a investigação nas mídias sociais, em que seria necessária uma pesquisa exclusiva com foco diferente do musical, pelo menos para esse grupo, pois foram restritos os elementos de ligação a identidades musicais encontrados por esse meio; a análise dos textos musicais poderia ser mais aprofundada, estar atuando no trabalho docente paralelamente ao desenvolvimento da pesquisa, prejudicou um pouco a plenitude dessas atividades, entretanto acredito que o foco principal foi conquistado. A considerar nessa argumentação, temos a realidade da pesquisa acadêmica que carrega em si a continuidade, ou seja, mesmo ao concluir essa dissertação e apresentá-la à banca, os estudos não estarão concluídos, tenho achados, vivências e atravessamentos que permearam meu fazer pedagógico nesses últimos dois anos, os quais só se aprimoram e reconstroem-se no decorrer do fazer pesquisa.

Essa escrita é como se estivesse concebendo meu segundo filho, pois também me proporcionou grande realização em ter vivenciado cada momento de sua existência. Esse percurso foi, assim, um constante devir, repleto de dificuldades, mas também, e muito mais, de grande alegria pelo refletir, ensinar, aprender Geografia.

Representamos! Pela linguagem visual, escrita, falada, cantada. Nesse processo experienciamos o território, suas paisagens, seus lugares de pertença e de não pertencimento, produzimos significados com e na Geografia, territorialidades que marcadamente foram compartilhadas entre os atores dessa análise cultural, que não finda com a escrita dessas linhas, pois caracteriza a busca do saber em contínuo processo de transformação dos agentes, dos objetos, dos espaços, compondo novas Geografias, mais significativas, mais prazerosas, mais humanas.

“A representação pela linguagem é essencial aos processos pelos quais os significados são produzidos” (Hall, 2016, p.). Ao lermos esse território potente de territorialidades, nos colocamos no caminho para outra Geografia Escolar, uma que leia e problematize situações que vivenciamos, mas que, muitas vezes, não nos percola, mas ao atribuímos a essa reflexão que é dura, o prazer de algo que nos atravessa enquanto sujeitos, a música, pela pertença, podemos vir a ser, vir a fazer, vir a agir espacialmente.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Zahar: Rio de Janeiro, 2001.

BRISKIEVICZ, Michele. SAQUET, Marco A. Territorialidade e Identidade: um patrimônio no desenvolvimento territorial. **Caderno Prudentino de Geografia**, n. 31, vol.1, 2009. Disponível em: <http://agbpb.dominiotemporario.com/doc/CPG31A-3.pdf>. Acesso em: 30 Jan. 2016.

CALLAI, Helena Copetti et all (Orgs.). **Educação Geográfica** – Reflexão e Prática. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

CAMOZZATO, Viviane Castro. Pedagogias do Presente. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n. 2, p. 573-593, abr./jun. 2014. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade. Acesso em: 25 fev. 2017.

CAMOZZATO, Viviane Castro; COSTA, Marisa Vorraber. Vontade de Pedagogia – pluralização das pedagogias e condução de sujeitos. **Cadernos de Educação**. Faculdade de Educação/PPGE/UFPEL n.44, 2013. Disponível em: <http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/2737>. Acesso em: 29 jan. 2016.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.). **Ensino da Geografia** – caminhos e encantos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

_____. Espaço Geográfico Escola e os seus Arredores – descobertas e aprendizagens. In: CALLAI, Helena Copetti (Org.). **Educação Geográfica: reflexão e prática**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011. p. 61-74.

_____. Subir aos Sótãos para Descobrir a Geografia. In: MARTINS, Rosa E. M. W. (Orgs.). **Ensino de geografia no contemporâneo: experiências e desafios**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014. p. 85-101.

CAVALCANTI, Lana de Souza et all (Orgs.). A Cidade, a Educação e o Ensino. **Produção do Conhecimento e Pesquisa no Ensino de Geografia**. Goiás: PUC, 2011.

_____. O jovem e a cidade: narrativas de suas percepções e de suas práticas espaciais por professores de Geografia. In: PORTUGAL, Jussara Fraga et all (Orgs.). **Educação Geográfica: memórias, histórias de vida e narrativas docentes**. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 265-279.

_____. Jovens Escolares e suas Práticas Espaciais Cotidianas: o que tem isso a ver com as tarefas de ensinar Geografia? In: CALLAI, Helena Copetti (Org.). **Educação Geográfica: reflexão e prática**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011. p. 35-59.

CORAZZA, Sandra Mara. Manual infame... mas útil, para escrever uma boa proposta de tese ou dissertação. In: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto

(Orgs.). **A Bússola do escrever**: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações. Florianópolis: Ed. da UFSC; São Paulo: Cortez, 2002. p. 355-370.

COSTA, Marisa Vorraber et all (Orgs.). **Estudos Culturais em educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema.... Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

COSTA, Rogério H. da. Hibridismo cultural, “antropofagia” identitária e transterritorialidade. In: BARTHE-DELOIZY, F.; SERPA, A. (Orgs.). **Visões do Brasil**: estudos culturais em Geografia. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, p. 27-46. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/8pk8p/pdf/barthe-9788523212384-03.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2017.

_____. Territórios, Redes e Aglomerados de Exclusão. In: **O Mito da Desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

COSTELLA, Roselane Z. O significado da construção do conhecimento geográfico gerado por vivências e por representações espaciais. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências. Programa da Pós-graduação em Geografia Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

_____. Ensinar o quê... Para quê...Quando...Desafios da Geografia na Contemporaneidade. In: MARTINS, Rosa E. M. W. (Orgs.). **Ensino de geografia no contemporâneo**: experiências e desafios. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014. p. 85-101.

_____. SANTOS, Leonardo P. Ensinar como se lê o mundo é diferente de ensinar a ler o mundo – A construção do conhecimento geográfico. In: GIORDANI, Ana Claudia (Org.). **Aprender a ensinar Geografia**: a vivência como metodologia. Porto Alegre: Evangraf, 2014. p. 195-204.

FEIXA, Carles. NOFRE, Jordi. Culturas juveniles. **Sociopedia.isa**. 2012. Disponível em: www.sagepub.net/isa/resources/pdf/YouthCultures.pdf. Acesso em: 03 set. 2017.

FERREIRA, Débora Schardosin. **Canoas-RS de cidade a lugar para jovens contemporâneos**: existencializar com os alunos práticas pedagógicas de geografia. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências. Programa da Pós-graduação em Geografia Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

FIALHO, Vania Malagutti; ARALDI, Juciane. Fazendo *rap* na escola. **Música na educação básica**. Porto Alegre, v. 1, n. 1, outubro de 2009. Disponível em: <http://abemeducacaomusical.com.br/publicacoes.asp>. Acesso em: 30 mar. 2017.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas** – Uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Loyola, 2004.

GARBIN, Elisabete Maria. **www.identidadesmusicaisjuvenis.com.br** - um estudo de chats sobre música da Internet. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-

Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2001.

_____. SEVERO, R. C. B. S. Juventudes Plurais na escola (dês) ordenando tempos e espaços na contemporaneidade. **EccoS**, São Paulo, n. 31, p. 67-82. maio/ago. 2013.

_____. PEREIRA, Angélica Silvana. Músicas e identidades juvenis na cena cultural contemporânea. **Sociedade e Cultura**. Goiânia, v. 17, n. 1, p. 87-95, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/36879>. Acesso em 29 dez. 2016.

_____. et all (Orgs.). Identidades Juvenis em Territórios Culturais Contemporâneos. **Unirevista**, UNISINOS, v. 1, 2006. Disponível em: http://www.ufrgs.br/neccso/pdf/texto_bethe_identidadesjuvenis.pdf . Acesso em: 04 jun. 2009.

_____. TONINI, Ivaine M. “Geografando” práticas juvenis que (de) marcam a metrópole: uma questão de currículo escolar? **Geograficidade**. v. 2, Primavera de 2012. Disponível em: <http://www.uff.br/posarq/geograficidade/revista/index.php/geograficidade/about>. Acesso em: 20 fev. 2017.

GOULART, Lúcia Beatriz. **Alunos e Professores Fazendo Geografia: a Rede Resignificando informações**. Tese (Doutorado em Educação). Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

IBANEZ, César Augusto. **O som, seus parâmetros, e a música: ensino dos elementos musicais**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Centro de Educação, Comunicação e Artes. Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2010.

KAERCHER, Nestor André et all (Orgs.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

KINCHELOE, Joe L. **Pesquisa em educação: conceituando a bricolagem**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2007.

LARA, Marcos Rodrigues. Desafios metodológicos de pesquisa sobre jovens no Brasil contemporâneo. **Ponto-e-vírgula**, n. 4, São Paulo, 2008, p. 217-230. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br>. Acesso em: 20 fev. 2017.

LAROSSA, J. Nota sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, São Paulo, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 31 jan. 18

LIPPI, Bruno G.; NEIRA, Marcos G. Tecendo a Colcha de Retalhos: A bricolagem como alternativa para a pesquisa educacional. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 607-625, maio/ago. 2012. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade. Acesso em: 17 fev. 2017.

LOUREIRO, Amílcar Bruno Soares. **Guia para elaboração e apresentação de trabalhos científicos**. 3 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

MEINIG, Donald W. O olho que observa: dez versões da mesma cena. **Espaço e Cultura**, n.13, p. 35-46, Rio de Janeiro, UERJ, jul./dez., 2003. Disponível em: <http://www.ligiatavares.com/gerencia/uploads/arquivos/c702140530f057ac1e4c5c0adba1e0a.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2017.

NAME, Leo. O conceito de paisagem na Geografia e sua relação com o conceito de cultura. **Geotextos**, v. 6, n. 2, p. 163-186, dez. 2010. Disponível em: <http://portalseer.ufba.br/index.php/geotextos/article/download/4835/3584>. Acesso em: 07 fev. 2018.

O'LEARY, Timothy. Foucault, Experiência, Literatura. **Foucault Studies**. n. 5, p. 5-25, jan. 2008. Disponível em: <https://rauli.cbs.dk/index.php/foucault-studies/article/view/1407/1510>. Acesso em: 24 mai. 2016.

OLIVEIRA, Jorge Leite de. **Texto acadêmico: técnicas de redação e de pesquisa científica**. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Revista Travessias**. Cascavél. Projeto Saber, v. 2, n. 3, 2008. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias>. Acesso em: 24 fev. 2017.

PARAÍSO, Marlucy A.; CALDEIRA, Maria C. S. Etnografia educacional e análise de discurso: uma bricolagem metodológica para pesquisar currículos. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v.14, n.04, p. 1499 – 1526, out./dez. 2016. Acesso em: 24 fev. 2017.

SWANWICK, Keith. **Ensinando música musicalmente**. São Paulo: Moderna, 2003.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido: uma outra história das músicas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

TONINI, Ivaine M. **Identidades Capturadas: gênero, geração, etnia, nos livros de Geografia**. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2002.

TONINI, Ivaine M. et all (Orgs.) **Movimentos do Ensinar Geografia**. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar-Cultura, 2013.

APÊNDICE A

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Venho por meio deste termo, convidar o (a) estudante _____ a participar de uma pesquisa de cunho científico educacional vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, na Linha de Pesquisa de Ensino da Geografia, da UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Sob o título: O Ensino da Geografia permeando Territorialidades Juvenis pela Música. A pesquisa tem por objetivo **analisar as identidades musicais dos jovens e avaliar as potencialidades desse recurso pedagógico para o Ensino da Geografia**. A importância deste estudo se justifica pela necessidade em desenvolver outras práticas pedagógicas que ensinem, criando meios de aproximar a Geografia Escolar da realidade vivida na comunidade, buscando compreender melhor quem são os jovens que ocupam os bancos escolares na atualidade. A pesquisa será desenvolvida pela Mestranda Karen da Silva Soares sob supervisão e orientação da Professora Dra. Ivaine Maria Tonini.

Para atingir os objetivos desta pesquisa serão desenvolvidas as seguintes atividades: entrevistas individuais por meio das redes sociais em mensagens privadas ou por e-mail; conversa coletiva com gravação de áudio; análise dos comentários relacionados à música na rede social, publicação de vídeos e músicas, conforme as preferências musicais dos jovens; observar/analisar os eventos relacionados à música que compartilham para analisar os textos e estilos; trabalho de campo na Vila Elsa; produção de imagens; produção textual; elaboração de paródias musicais.

Os dados de identificação serão confidenciais e os nomes preservados. Sobre as imagens e paródias serão preservados detalhes que possam vir a identificar os jovens.

Os dados obtidos serão utilizados apenas para este estudo, sendo os mesmos armazenados pela pesquisadora sob a supervisão de sua orientadora principal durante cinco anos e após totalmente destruídos (conforme preconiza a Resolução 196/96).

Eu _____ recebi as informações sobre o objetivo e a importância desta pesquisa de forma clara e concordo que meu/minha filho/filha _____ participe do estudo.

Declaro que também fui informado (a):

- Da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento acerca dos assuntos relacionados a essa pesquisa.

- De que sua participação é voluntária e que terá a liberdade de retirar este consentimento, a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem que isto traga, prejuízo para sua vida pessoal e formação.
- Da garantia de que não será identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações serão utilizadas somente para os fins científicos da presente pesquisa.
- Sobre a pesquisa e a forma como será conduzida e que em caso de qualquer dúvida poderá contatar a pesquisadora Karen da Silva Soares, por telefone (51) 99601.6875, e-mail: karen.s.soares@gmail.com ou pela rede social *Facebook* Karen Soares.
- Bem como se houverem dúvidas sobre as questões éticas poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, pelo telefone (51) 3308.3738, situado à Av. Paulo Gama, nº 110, 2º andar, Porto Alegre/RS.

Declaro que recebi cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ficando outra via com a pesquisadora.

Viamão, 02 de Outubro de 2017.

Assinatura do responsável pelo estudante

Assinatura da pesquisadora

Nome: _____

Nome: _____

ANEXO 1 – Investigando preferências musicais

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL Programa de Pós-Graduação em Geografia Linha de Ensino em Geografia Mestranda: Karen da Silva Soares
PESQUISA DE CAMPO DA PESQUISA: O Ensino da Geografia permeando territorialidades juvenis pela música
1. Você gosta de ouvir música? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Mais ou menos
2. Com qual frequência ouve música? <input type="checkbox"/> Diariamente <input type="checkbox"/> Apenas finais de semana <input type="checkbox"/> Apenas em festas ou eventos
3. Qual a importância da música na sua vida? _____ _____
4. Qual (is) tipo (s) de música prefere? <input type="checkbox"/> Sertaneja <input type="checkbox"/> Rap <input type="checkbox"/> Rock <input type="checkbox"/> Pop-Rock <input type="checkbox"/> Eletrônica <input type="checkbox"/> Pagode <input type="checkbox"/> Funk Outras: _____
5. Cite o nome da(s) música(s) e cantores (as) ou bandas de sua preferência? (quantos considerar importante!) _____ _____
6. Identifica-se com esses cantores (as) ou bandas? Por quê? _____ _____
7. Quais sentimentos lhe envolvem ao escutar essa(s) música(s)? _____ _____
8. Em qual situação você ouviu pela primeira vez? <input type="checkbox"/> ouvindo rádio <input type="checkbox"/> assistindo TV <input type="checkbox"/> por um(a) amigo(a) <input type="checkbox"/> com a família <input type="checkbox"/> na escola Outros: _____

ANEXO 2 – Trânsitos musicais

<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL Programa de Pós-Graduação em Geografia Linha de Ensino em Geografia Mestranda: Karen da Silva Soares</p>
<p>PESQUISA DE CAMPO DA PESQUISA: O Ensino da Geografia permeando territorialidades juvenis pela música</p>
<p>1. Em qual (is) lugar (es) você costuma ouvir música?</p> <p>() em casa () na escola () em festas () na casa de amigos</p> <p>() na rua Outros: _____</p>
<p>2. Caracterize esse lugar e o que acontece lá.</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>

**ANEXO 3 – Pesquisa de campo: entrevistas feitas pelos alunos
com antigos moradores da Vila Elsa**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL Programa de Pós-Graduação em Geografia Linha de Ensino em Geografia Mestranda: Karen da Silva Soares
PESQUISA DE CAMPO DA PESQUISA: O Ensino da Geografia permeando territorialidades juvenis pela música
<p>A geografia de um país é organizada conforme os movimentos da população pelos diferentes lugares, deslocamentos muitas vezes provocados por questões econômicas como maiores oportunidades de trabalho.</p> <p>Você já pensou como ocorreu o processo de ocupação e organização espacial da Vila Elsa? Quem foram as pessoas que construíram esse espaço e demandaram do poder público ações para melhoria em sua qualidade de vida, como: transporte público, urbanização, posto de saúde, escola, segurança, lazer, etc.</p> <p>A primeira parte de nossa pesquisa consiste em investigar como se deu esse processo de constituição desse território! Faça uma pesquisa, com no mínimo três pessoas de residências diferentes.</p> <p>Acrescente suas conclusões sobre a pesquisa ao final.</p>
PESQUISA DE CAMPO I – OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO
1. Por quais razões veio morar aqui?
2. Há quanto tempo vivem nesse lugar?
3. O que mudou nesse lugar desde que vive nele?
4. Desejam permanecer? Gostariam de mudar-se? Por quê?
5. O que fazem hoje as pessoas que vivem nesse lugar (ocupação)?
5.1. Trabalham? Em quê?
5.2. Estudam? Onde?
6. Que herança cultural essas pessoas trouxeram para Vila Elsa? (Exemplo: comidas, tradições religiosas, danças, artesanato, etc.)
7. Você concorda com as opiniões dessa pessoa sobre a Vila Elsa? Justifique.